

ESSAS INCRÍVEIS



MULHERES

UMA ANTOLOGIA
EMPODERADA



ORGANIZAÇÃO

ELIANE DIANA
JOSÉ FELICIO

MÁRCIO MARTELLI

Participantes

Alberto Gabriel Bianchi

Antônio Luiz Amadesi Gomes

Ariadne Rodrigues de Moraes

Aristides Almeida Rocha

Beatriz Mecking

Beto Bianchi Campos

Cacilda Franco Ribeiro

Carmen Sílvia Pereira

Catarina Shallow

Claudevalda Souza-Claudia

Dalton Luiz Sibinel

Eliane Diana

Elza Francisca de Carvalho

Evandro Fernandes da Silva

Fabiana Magoga

Fábio Spina

Fáthima Coelho

Flavia Cunha

Grupo Palavras Sem Fronteiras

(Bel Lopes, Gabriela Bonavita,

Márcia Oliveira, Vânia Negoro)

Herminia Aparecida Balbuena

Ivonete Piccinato de Freitas

Jefferson Dieckmann

João Carlos José Martinelli

Jorge Trigo

José Felício

Júlia Fernandes Heimann

Kaity Berlini

Kelly Cristina Galbieri

Loreni Fernandes Gutierrez

Luiz Alberto Carlos

Luiz Haroldo Gomes de Soutello

Mara Beatriz M. de Vasconcelos

Márcio Martelli

Marília Bernussi

Melissa Maia de Souza

Nathana Bubolz

Ronaldo Martelli

Rosalie Gallo y Sanches

Rosmeire Paixão

Simone Zanotello de Oliveira

Susana Bueno de Souza

Susana Ferretti

Valderez de Mello

Vanessa Sardisco de Antonio

Viviane Ap. de Lima Fernandes

Yole Antikeira Mendes Pereira



ESSAS INCRÍVEIS
MULHERES
UMA ANTOLOGIA EMPODERADA

Organização

Eliane Diana | José Felício | Márcio Martelli

Copyright © by Editora In House, 2022

Editor responsável: **Márcio Martelli**

Organização:

Eliane Diana Nunes / José Felício

Márcio Martelli

Capa / Projeto gráfico e Editoração:

Márcio Martelli

Revisão gramatical: **José Felício**

Assistente editorial: **Pietra Rodrigues Pezzato**

Ilustração internas:

www.freepik.com

designed by  freepik.com

Todos os direitos desta publicação reservados e protegidos à editora In House nos termos da Lei nº

9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional conforme

Decreto nº 1825, de 20 de dezembro de 1907.

O texto aqui reproduzido é uma obra de autoria e responsabilidade de seus autores e não representa, necessariamente, a opinião da Editora.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização por escrito do editor e dos autores.

Jundiaí, SP, março de 2022.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Essas incríveis mulheres : uma antologia
empoderada / organização Márcio A. Martelli,
José Felício Ribeiro De Cezare, Eliane Diana
Nunes. -- Jundiaí, SP : Editora In House, 2022.

Vários autores.
ISBN 978-85-7899-643-7

1. Crônicas - Coletâneas - Literatura brasileira
2. Empoderamento 3. Feminismo 4. Mulheres - Aspectos
sociais 5. Poesia - Coletâneas - Literatura
brasileira I. Martelli, Márcio A. II. Cezare, José
Felício Ribeiro De. III. Nunes, Eliane Diana.

22-103991

CDD-869.908

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Coletâneas 869.908

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964





Foto: Divulgação

“Eu acho que a gente só vive esse transtorno hoje porque o mundo ainda não teve a felicidade de ser comandado por mulheres. Todos nós chegamos aqui pelo sangue das nossas mães. E somos nós que seguimos sangrando.”

[ELZA SOARES]



Foto: Divulgação

Cecília Meireles



Foto: Divulgação

Rachel de Queiroz

“Lembro minha submissão absoluta.
Não ao homem. Ao amor.”
[PATRICIA GALVÃO (PAGU)]



Foto: Divulgação

Clarice Lispector

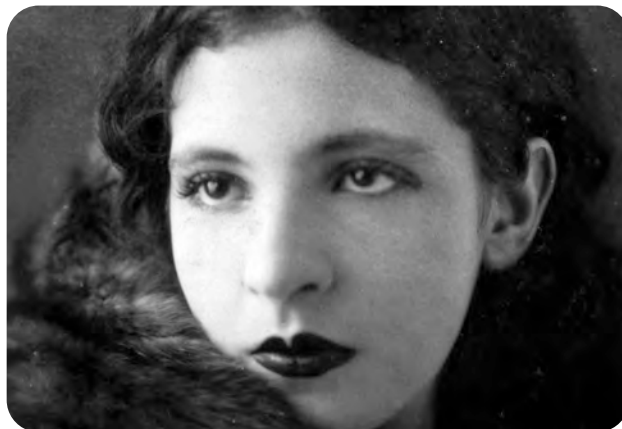


Foto: Divulgação

Patricia Galvão (Pagu)

Sumário

Mulher e a arte de escrever, por Eliane Diana	11
Prefácio, por Júlia Fernandes Heimann	15
Uma pequena introdução, por Márcio Martelli	17
Por que esta obra existe?, por José Felício	19

ESSAS INCRÍVEIS MULHERES

As mulheres sempre divinas / Aristides Almeida Rocha	21
A relação da mulher com a Inclusão / Vanessa Sardisco de Antonio	27
As incríveis mulheres que vivem sob o signo do medo e do horror Catarina Shallow	31
D. Maria – Uma incrível mulher Princesa no Brasil e rainha em Portugal Jorge Trigo	35
Mulheres inesquecíveis e a luta ainda por igualdade de direitos, oportunidades e salários / João Carlos José Martinelli	37
Uma mulher, uma muralha... / Dalton Luiz Sibinel	39
Liderança Feminina / Simone Zanotello de Oliveira	41
Essa tal de Rita Lee / Márcio Martelli	43
A nova realidade / Maria Beatriz Costa Mecking	47
O Emissário / Maria Beatriz Costa Mecking	48
Terra Plana / Maria Beatriz Costa Mecking	49
Homem de verdade / Yole Antikeira Mendes Pereira	51
O traficante / Yole Antikeira Mendes Pereira	52
A dona do elevador / Antônio Luiz Amadesi Gomes	53

Uma mulher chamada Coragem / Ariadne Rodrigues de Moraes	55
A empregada da Pensão do Brás / Mara Beatriz Menegotto de Vasconcelos	59
Confidências de um advogado / Alberto Gabriel Bianchi	63
Empoderamento pessoal na conquista da longevidade saudável Rosmeire Paixão	69
Elvira Fleury De Camargo Bee / Fábio Spina	71
De Dolorosa à Gloriosa / Susana Bueno de Souza	75
A esperança já morreu ou morrerá? De morte “matada” ou “morrída”? / Kaity Berlini	77
Nossa Matriarca / Kelly Cristina Galbieri	79
Essas incríveis mulheres / Flavia Cunha	81
Essas incríveis mulheres... / Jefferson Dieckmann	83
Amigos / Fáthima Coelho	85
Rosas? / Susana Ferretti	87
Solidão entre muitos / Valderez de Mello	89
A arte de ser esta mulher / Carmen Sílvia Pereira	91
A lira dos anos vinte / Luiz Haroldo Gomes de Soutello	92
Revisão acabada / Márcio Martelli	95
De Alzheimer / Rosalie Gallo y Sanches	96
Declaração de bem / Rosalie Gallo y Sanches	97
Gosto de Ti / Loreni Fernandes Gutierrez	98
Três irmãs / Nathana Bubolz	99
Menóh / Viviane Aparecida de Lima Fernandes	101
Versos e mais versos / Melissa Maia de Souza	102
Foi dito a ela que deveria ser sempre flor... / Ivonete Piccinato de Freitas	104

A Flor e o Colibri / Evandro Fernandes da Silva	105
Mundo Mulher / Beto Bianchi Campos	106
Mulher / Cacilda Franco Ribeiro	107
Pensei... / Ronaldo Martelli	108
Mulher Incrível / Eliane Diana	110
Essas Mulheres Incríveis / Eliane Diana	111
Dona / Claudevalda Souza-Claudia	112
De repente / Fabiana Magoga	113
A questão não é tempo, é comprometimento, é querer bem, é bem estar Herminia Aparecida Balbuena	114
Essas mulheres incríveis / Herminia Aparecida Balbuena	115
Essas mulheres incríveis... / Herminia Aparecida Balbuena	116
Ah! Essas mulheres incríveis / Elza Francisca de Carvalho	119
Ao Clube da Lady / Elza Francisca de Carvalho	120
É março de 2022! / Elza Francisca de Carvalho	121
Eu sou gratidão / Elza Francisca de Carvalho	122
Pérolas para ouvidos apurados / Luiz Alberto Carlos	124
Ela Primavera / Marília Bernussi	126
O inferno nosso de cada dia / Marília Bernussi	128
Oito mulheres num mundo de homens / José Felício	130
Antes que o mundo acabe / Grupo Palavras Sem Fronteiras	136
Louise Abbéma	139
Sophie Gengembre Anderson	143
Biografias dos Escritores	147

Escritores

Alberto Gabriel Bianchi.....	63
Antônio Luiz Amadesi Gomes.....	53
Ariadne Rodrigues de Moraes	55
Aristides Almeida Rocha	21
Beatriz Mecking.....	47 / 48 / 49
Beto Bianchi Campos.....	106
Cacilda Franco Ribeiro.....	107
Carmen Sílvia Pereira	91
Catarina Shallow.....	31
Claudevalda Souza-Claudia.....	112
Dalton Luiz Sibinel.....	39
Eliane Diana.....	11 / 110 / 111
Elza Francisca de Carvalho.....	119 / 120 / 121 / 122
Evandro Fernandes da Silva	105
Fabiana Magoga.....	113
Fábio Spina.....	71
Fáthima Coelho	85
Flavia Cunha.....	81
Grupo Palavras Sem Fronteiras	136
Herminia Aparecida Balbuena	114 / 115 / 116
Ivonete Piccinato de Freitas	104
Jefferson Dieckmann.....	83
João Carlos José Martinelli	37

Escritores

Jorge Trigo.....	35
José Felicio.....	19 / 130
Júlia Fernandes Heimann.....	15
Kaity Berlini.....	77
Kelly Cristina Galbieri.....	79
Loreni Fernandes Gutierrez.....	98
Luiz Alberto Carlos.....	124
Luiz Haroldo Gomes de Soutello.....	92
Mara Beatriz Menegotto de Vasconcelos.....	59
Márcio Martelli.....	17 / 43 / 95
Marília Bernussi.....	126 / 128
Melissa Maia de Souza.....	102
Nathana Bubolz.....	99
Ronaldo Martelli.....	108
Rosalie Gallo y Sanches.....	96 / 97
Rosmeire Paixão.....	69
Simone Zanotello de Oliveira.....	41
Susana Bueno de Souza.....	75
Susana Ferretti.....	87
Valderez de Mello.....	89
Vanessa Sardisco de Antonio.....	27
Viviane Aparecida de Lima Fernandes.....	101
Yole Antikeira Mendes Pereira.....	51 / 52



Foto: Divulgação

Chiquinha Gonzaga



Foto: Divulgação

Camille Claudel

“Os objetos se acusam só quando saem da sombra, isto é, quando envolvidos na luz.”

[ANITA Malfatti]



Foto: Divulgação

Agatha Christie



Foto: Divulgação

Anita Malfatti

Mulher e a arte de escrever

por Eliane Diana

Se escrever é uma forma de se comunicar e expressar seus anseios, acredita-se que ela, a mulher, também participou dos primeiros símbolos rupestres encontrados nas cavernas no período considerado como Pré-escrita. Bom! Assim esperamos! Sabemos que o papel socioliterário da mulher sempre foi uma caminhada difícil. Existem relatos que para poder exercer seu direito de expressão na literatura, a mulher precisou inventar codinomes masculinos ou usar, muitas vezes, o nome de seu marido. Tudo isso porque por muito tempo vivemos numa sociedade machista e patriarcal. Acredita-se que a pequenos passos essa realidade se modifique. Sabemos que esse patriarcado, ainda que camuflado, existe.

No Brasil, podemos citar uma gama de grandes mulheres que nos enche de orgulho, como **Dionísia Gonçalves Pinto**, símbolo do Movimento Feminino, nascida em 1810 no Rio Grande do Norte. Dionísia publicava seus textos nos jornais da cidade, época essa em que algumas mulheres conseguiam acesso à alfabetização. Com o título *Espelho das brasileiras*, jornal editado em Recife, foi o gerador de um movimento criativo de jornais e periódicos formados por mulheres. Dionísia dominou vários assuntos na sua carreira literária, a mais polêmica: a emancipação feminina. Após alguns anos, mudou-se para a Europa, onde a maioria de seus livros foram publicados. Morreu aos 75 anos na França.

Surgiu também no nordeste, a capixaba do Espírito Santo **Haydé Nicolussi**, primeira escritora modernista do estado. Seu poema *Bruxaria* integrou uma antologia francesa. Haydé foi chamada de romântica e revolucionária por Carlos Drummond de Andrade, isso porque adorava o marxismo e o modernismo literário. Seus contos foram traduzidos para o francês, espanhol e inglês.

No Rio de Janeiro foi um pouco diferente, **Julia Lopes de Almeida**, a 1ª mulher a desejar entrar para Academia Brasileira de Letras. Foi escritora, cronista, teatróloga e abolicionista, mesmo

não assumindo a cadeira, pelo simples fato de ser mulher, é citada como protagonista da ABL, cadeira nº 03. Marcada com uma história de injustiça pelo simples fato de ser mulher, não pode ter o passaporte para ingressar na ABL, cadeira que nunca ocupou. Nasceu em 1862, sua escrita era baseada em críticas da situação social, escrevia romances, tramas, contos, crônicas, peças e ensaios. Lutou para conquistar seu espaço na literatura. Seu exemplo faz com que cada uma faça sua parte e passe o bastão para as próximas gerações.

A ABL – Academia Brasileira de Letras, demorou muito a reconhecer e aceitar as mulheres como integrantes. Instituição existente desde 1897 que só em 1977, com a romancista **Rachel de Queiroz**, a 1ª mulher eleita e aceita na academia, abrindo as portas para **Nélida Pinón**, **Lygia Fagundes Teles**, **Zélia Gattai**, **Dinah Silveira de Queiroz**, **Ana Maria Machado**. Ao longo do tempo o leque foi se ampliando e hoje podemos contar com, **Cora Coralina** (Academia Feminina de Goiás), **Cleonice Berardinelli**, **Rosiska Darcy de Oliveira**, sendo a mais nova integrante: **Fernanda Montenegro**. Não podemos deixar de citar grandes escritoras que surgiram que não fazem parte de academias, mas que possuem grande valor nas Letras, ganharam vários prêmios importantes, algumas com grandes trabalhos no exterior e uma vasta vida literária, são elas: **Cecília Meireles**, **Clarice Lispector**, **Ana Cristina Cesar**, **Lya Luft**, **Marina Colasanti**, **Hilda Hilst** e tantas outras.

Em outros países, como Cuba, surgiu **Gertrudez Yones de Avellaneda** em 1784, mas somente como acadêmica honorária.

Não podemos deixar de falar de **Teresa Margarida da Silva e Orta**, que foi considerada pela Academia Brasileira de Letras a primeira romancista do país. Nascida no ano de 1711 em São Paulo, filha de brasileira e pai português, escreveu *As aventuras de Diófanes* um romance político e feminista publicado em 1752, sendo considerado um livro cheio de ideias impopulares para a época. Claramente, uma mulher à frente de seu tempo escreveu: “Nós não temos a profissão das ciências nem a obrigação de sermos sábias, mas também não fizemos voto de sermos ignorantes.”

Temos que falar também de **Carolina Maria de Jesus**, negra e pobre, nasceu em Minas Gerais, mas viveu nas favelas de São Paulo. Seu livro *O quarto de Despejo*, de 1960, foi traduzido em 13 idiomas, transformando sua obra em best-seller em muitos países. Poderíamos aqui citar dezenas de outras grandes mulheres que estão despontando na literatura nos últimos tempos.

Vale ressaltar a maior premiação literária: o Prêmio Nobel de Literatura que começou em 1901, está completando 121 anos e a quantidade de mulheres laureadas mostra o quanto ainda

há desigualdade de gênero nesta área – apenas 15 mulheres receberam o prêmio em um século de existência. São elas:

- **Selma Lagerlof**, em 1909 – sueca;
- **Grazia Deledda**, em 1926 – italiana;
- **Sigrid Undset**, em 1928 – dinamarquesa;
- **Pearl S. Buck**, em 1938 – americana;
- **Gabriela Mistral**, em 1945 – chilena;
- **Nelly Sachs**, em 1966 – alemã;
- **Nadine Gordimer**, em 1991 – africana;
- **Toni Morrison**, em 1993 – americana;
- **Wisława Szymborska**, em 1996 – polonesa;
- **Elfriede Jelinek**, em 2004 – austríaca;
- **Doris Lessing**, em 2007 – iraniana;
- **Herta Muller**, em 2009 – romena;
- **Alice Munro**, em 2013 – canadense;
- **Svetlana Alexijevich**, em 2015 – ucraniana;
- **Olga Tokarczuk**, em 2018 – polonesa.

Podemos perceber ainda o quanto esse espaço é dominado pelos homens. Mas não podemos desistir. Existem várias premiações que dão espaço às mulheres, como Prêmio Telecom em Portugal, Prêmio São Paulo de Literatura, Prêmio Sesc de Literatura, O Prêmio Juan Rulfo de Literatura – Latino Americana e do Caribe, Revistas Literárias e muitas outras que surgiram em todo mundo para dar a mulher a voz que ela merece. Sem contar os movimentos, grupos e associações como, por exemplo, a Casa da Lua, KD Mulheres, no Brasil, que incentivam as mulheres das Artes, principalmente na literatura. Não podemos deixar de citar as instituições literárias da cidade de Jundiá: a Academia de Letras, a Academia Feminina e Letras e Artes, o Grêmio Cultural Prof. Pedro Fávoro e seus grupos de estudos, editoras e outros. Principalmente as editoras que dão essa oportunidade para as mulheres se expressarem. O principal exemplo é a Editora In House, seguindo os passos dessas incríveis mulheres que lutaram e conquistaram seu espaço na literatura, veio no

decorrer desses meses encontrar mulheres empoderadas e incríveis que não desistem nunca, que carregam o estandarte de todas que nos antecederam, que acreditaram que a mulher pode e deve estar não só na literatura, mas onde ela quiser.

Apresentamos a obra *Essas incríveis mulheres – Uma antologia empoderada*.



Foto: Divulgação

Rosa Parks



Foto: Divulgação

Judith Butler

“Seja qual for a liberdade pela qual lutamos,
deve ser uma liberdade baseada na igualdade.”

[JUDITH BUTLER]

Prefácio

Por Júlia Fernandes Heimann

Estou grata ao escritor e editor Márcio Martelli pela deferência em permitir que eu escreva o prefácio desta antologia.

Reli a primeira edição de *Nossas Mulheres* (Ed. In House, 2007) com emoção. É difícil explicar, por escrito, o sentimento que me invadiu; uma alegria, mesclada com imensa saudade, tomou conta de mim. Sorria ao ler e, algumas vezes, chorava...

Sentia alegria quando encontrava textos valiosos, informativos e históricos, todos bem escritos, proporcionando agradável leitura; nenhum prolixo ou enfadonho. Lembranças e histórias familiares escritas com esmero.

Sentia saudade quando encontrava nomes de pessoas queridas que já foram para o parnaso eterno. Por um tempo, estiveram sentadas ao nosso lado neste trem da vida. Participaram, por um tempo, das nossas conquistas, estiveram ao nosso lado, viajaram bom trecho conosco e, depois, desceram do trem, deixando o lugar vazio.

A primeira antologia *Nossas Mulheres* foi publicada em 2007, outra em 2008, ainda outra em 2009 e assim por diante. A amiga **Susana Ferreti** e eu fomos as organizadoras. O tempo entre a primeira e a atual é de, apenas, quinze anos. Quantas amigas escritoras já partiram nesse período! Vou lendo o índice e espanto-me; a saudade é muito forte e contundente. Sinto-me como se estivesse conversando com elas...

Porém, enquanto estivermos nesta senda terrena, vamos procurar aproveitar e ler estes textos lindos, escritos por quem ama a literatura, as pessoas e a vida!

Repito o que escrevi na apresentação da 3ª edição de *Nossas Mulheres*:

“Esta antologia servirá para dar alegria às homenageadas e aos autores que dedicaram tempo e concentração para escreverem os textos, tendo oportunidade de registrar – *verba volant, scripta manent* – a importância que determinadas mulheres têm ou tiveram em suas vidas”.

Boa leitura! Alegremo-nos pela oportunidade de ler:
ESSAS INCRÍVEIS MULHERES!



Foto: Divulgação

Simone de Beauvoir



Foto: Divulgação

Billie Holiday

“Conhecimento próprio não é garantia de felicidade,
mas isso está ao lado da felicidade e pode
fornecer a coragem para lutar por ela”

[SIMONE DE BEAUVOIR]

Uma pequena introdução

Por Márcio Martelli

No ano de 2007 tivemos a ideia de publicar uma antologia escrita somente por mulheres. Chamei para a organização as escritoras **Júlia Fernandes Heimann** e **Susana Ferretti**, que magistralmente elaboraram a obra ao meu lado.

Os únicos textos masculinos foram o meu, na orelha, com o título *É cor de rosa-choque*, fazendo menção à canção de **Rita Lee** – curiosamente o meu texto nesta edição é sobre a cantora. O outro autor foi João Carlos José Martinelli com o texto *ONU constata que mulher ainda sofre preconceito em todo o mundo*. 15 anos nos separam deste texto. Será que alguma coisa mudou?

São essas as perguntas e a proposta deste livro: trazer à tona o que as mulheres produzem, como elas mudaram o mundo e foram importantes em todos os períodos históricos da humanidade.

Claro que para isso precisaríamos de uma enciclopédia com muitos volumes, pois são muitos os feitos. Reunimos então, com a participação de escritores, algumas deferências e homenagens. Mulheres que fazem e fizeram parte de nossas vidas. Algumas ainda trabalhando e lutando pelo merecido respeito, outras que já se encontram em um outro plano, mas que deixaram um legado honroso que se espelha nas nossas vidas.

Algumas curiosidades:

- Desde a segunda edição foi permitida a participação de escritores homens.
- Nesses 15 anos, oito antologias sobre mulheres foram produzidas. *Essas incríveis mulheres* (2022) será a nona.
- A tradição de lançar sempre no *Dia Internacional da Mulher*, 8 de março, ainda se mantém, hoje através de novos recursos, realizando-se virtualmente e atingindo um público mais amplo, todo o território nacional e Portugal.

ESSAS INCRÍVEIS *MULHERES*

- Homenagens às esposas, mães, amigas, amores sempre foi tema recorrente em todas as edições.
- Foi a última participação em vida da escritora **Alessandra Pezzato** que faleceu em julho de 2007. Em sua minibiografia ela escreve assim: mãe de **Pietra** (2 anos) e **Clara** (ainda na barriga).
- A partir da 2ª edição, **Ruth de Almeida Rodrigues** inicia sua participação como organizadora, ao lado das duas já citadas. Com o tempo, outros organizadores foram convidados.
- Abaixo as capas das edições já produzidas (de 2007 a 2022):



Por que esta obra existe?

Por José Felício

“Essas conversas sobre a mulher ser ‘naturalmente predestinada’ à execução dos afazeres domésticos são bobagens semelhantes ao discurso que, na época, os donos de escravos faziam sobre estes serem ‘naturalmente predestinados’ à condição de escravos. Em essência, não há nada no trabalho doméstico que faça com que ele seja uma ocupação mais adequada para a individualidade da mulher do que para a do homem.”

Deve-se ensinar “coisas de mulher” aos meninos?

Nadejda Konstantínovna Krúpskaia

(1869-1939)

É a nona obra da Editora In House voltada unicamente a tratar sobre o papel da mulher na sociedade. Não objetivando ditar qual ou como deve ser tal papel, muito pelo contrário, é mais um espaço no qual todas as mulheres participam – se assim desejarem – e trazem ao mundo suas visões, lutas, reivindicações, conquistas, percepções, críticas, desejos, sentimentos e as infinitas possibilidades de ser mulher.

“Mas e a presença de homens escrevendo, organizando, editando etc., etc., e etc. numa obra direcionada a falar e ser lugar de fala das mulheres sobre o que é ser mulher?”

Excelente pergunta!

Não há uma resposta unívoca, talvez por sermos ainda uma sociedade patriarcal, machista, misógina – características alicerces do capitalismo – e também por receio do “cancelamento” e

pela tentativa de parecem “desconstruídos” os homens estão aqui presentes. – Não necessariamente a resposta mais fiel ao que se destina o projeto.

Há outras possibilidades – mais fieis –, por exemplo, busca-se uma mudança de consciência na compreensão do que é ser mulher, romper com as estruturas vigentes da sociedade, quebrar os paradigmas “Rosa versus Azul”, “Fraquejada versus Provedor” favorecendo novas maneiras de agir e assim, quem sabe, uma sociedade na qual as Hipátias de Alexandria não sejam assassinadas, Marias da Penha vivam em paz, Carolinas Marias de Jesus não precisem revirar lixo e roer ossos, Artemisias Gentileschi não precisem se vingar nas pinturas, Rosas Park não precisem trocar de lugar, Rubies Bridges possam frequentar quaisquer escolas, Malalas possam estudar, mães refugiadas não existam e assim a sociedade florescer com equidade. Uma ousadia e tanto pensar que um livro possa proporcionar tudo isso! Quem sabe, não é? Só o tempo dirá!

A obra que aqui se desdobrará entre seus dedos e sob a curiosidade de seus olhos não deve ser apenas lida e discutida entre as mulheres, mas sim entre todas as pessoas preocupadas com uma sociedade equânime e livre. É por isso e por tantas que essa obra luta. E você, luta? Pelo quê? Por quê? Por quem? Para quem?



Foto: Divulgação

Olga Benário Prestes

“Lutei pelo justo, pelo bom
e pelo melhor do mundo.”

“Eu luto ao lado da revolução.
Não de um homem.”

[OLGA BENÁRIO PRESTES]

As mulheres sempre divinas

Por Aristides Almeida Rocha

Para começo de conversa

Em verdade, há mais de cinquenta anos nunca deixei de lembrar o quanto minha vida se modificou para melhor depois do casamento. Jamais deixei de externar meu reconhecimento a **Ivane**, que veio acrescentar a necessária feminilidade que em mim estava ausente. E por favor, não me conteste o eventual leitor ou leitora, pois nesta quadra da vida passo ao largo de alguma imputação de pieguismo nessa minha manifestação. Afinal, foi apenas junto dela que superei minhas mazelas da infância e juventude podendo dar sequência a uma carreira acadêmica que até conhecê-la seguia vacilante.

Unidos nos fortificamos mutuamente e seguimos nossa trajetória, tendo filhos, fazendo amigos e enfrentando os caminhos e descaminhos que a inexorabilidade da vida apresenta.

Como se percebe, sempre e sempre tive convicção de que as mulheres desde **Eva**, independentemente de sua intrínseca formação biológica e capacidade de gerar descendentes (atualmente unida ou não a um ser masculino) realmente são aquelas que conferem o necessário equilíbrio à natureza e comportamento da sociedade, e isso desde o advento das primeiras sociedades e culturas perpassando tempos imemoriais.

Não é sem razão que a mulher é cultuada desde quando o ser humano mesclava o pensamento abstrato com o real. Estão aí os relatos mitológicos de diferentes culturas, as lendas, as histórias e estórias, os relatos épicos e trágicos, endeusando, execrando ou temendo as divindades femininas.

O fato é que não importa que se enquadrem no padrão de beleza vigente, negras ou brancas, solteiras ou casadas, mães ou celibatárias, heterossexuais ou LGBTQI+, alegres ou tristes,

esfuziantes ou solitárias, ricas ou pobres, letradas ou desprovidas de cultura, religiosas ou agnósticas, deve-se ter em mente que sempre são mulheres e como tal, têm enfrentado um sem-fim de adversidades impostas, sobretudo, pelas sociedades patriarcais e machistas, entendendo que devam ser submissas aos homens.

Embora existam esporádicos exemplos na história antiga de mulheres que se destacaram na luta pelos direitos femininos, foi talvez a partir do final do século XIX e início do século XX que surgiram as manifestações características do movimento feminista, uma luta pelos direitos da mulher para estabelecer igualdade com os homens.

Pioneiramente foi alcançado o direito de votar, e à sequência eliminado o pátrio poder, a livre escolha da maternidade e do aborto, revogadas as excecências das leis que impediam a prática de certas modalidades esportivas como o futebol e outras conquistas. Visando evitar, ou pelo menos, minimizar as constantes agressões sofridas devidas à truculência de certos homens foi criada a Delegacia da Mulher.

Entretanto, longe está de se conseguir uma verdadeira igualdade, uma vez que os registros estatísticos demonstram haver uma forte discrepância para menos nos salários de mulheres trabalhadoras em relação a homens que desempenham as mesmas funções; em média as mulheres recebem 40% menos. E essa situação é tanto mais gritante quando se refere às mulheres negras.

Mas felizmente, existem sempre entusiastas apoiando o movimento feminista, que podem ser caracterizadas em certas Organizações Não Governamentais e entidades diversas. Nesse caso é de se lembrar a própria Editora In House, que ao longo dos anos tem dado guarida a uma plêiade de escritores e escritoras que com suas publicações, muitas vezes constituem um brado de alerta associando-se às gestões que reivindicam uma melhor condição para a vida das mulheres.

Assim ocorreu com a edição do livro *De Eva a Frida – As Dores e Amores de ser Mulher*, 2021 que em prosa e verso, à saciedade quase cinco dezenas de escritores e escritoras se dedicaram a ressaltar a verdadeira saga do que é ser mulher, especialmente no Brasil.

E já que citamos **Eva**, é preciso dizer que a trajetória da mulher, que de certo modo tem sido tão vilipendiada, paradoxalmente tem também sido divinamente cultuada desde os tempos em que o abstrato e o real se confundiam.

A mulher sempre deusa

Antes da chegada dos europeus e da cristianização encaetada pelos jesuítas, os indígenas e os negros escravizados em seus mitos e lendas cultuavam a mulher como se vê nas várias divindades femininas que aparecem na mitologia dos inúmeros grupos étnicos.

Hoje quando, por exemplo, se faz referência a **lemanjá**, a Deusa das Águas, a Senhora do Mar que foi trazida ao Brasil no século XIII por negros escravizados da nação lorubá estabelecida no antigo reino de Benin, não há qualquer lembrança de que antes dessa consagrada Deusa já existiam divindades indígenas. Mas deusas africanas ainda são comuns entre as diversas etnias como na Nigéria, onde há o templo da deusa **Oyi**, junto às margens do riacho de mesmo nome, a protetora das mulheres que não podiam ser vendidas como escravas.

Para os nativos, Tupã o supremo criador do universo, manifestava-se em Guaracy, o Sol (guara=vivente, cy=mãe) e **Yacy**, a Lua (ya=senhora, cy=mãe) que geraram Rudá, o Amor e por extensão a humanidade. O culto a Guaracy destinado aos homens e a **Yacy**, a mãe natureza, a fonte primordial, às mulheres.

Em verdade, **Yacy** aparece na língua Tupi também com outros nomes indicativos de invocações diversas: **Amanacy** – a mãe da chuva; **Aracy** – a mãe do dia e da origem dos pássaros; **Iracy** – a mãe do mel; **Yara** – a mãe da água; **Yacyara** – a mãe do luar; **Yaucacy** – a mãe do céu; **Acima Ci** – a mãe dos peixes; **Ceiuci** – a mãe das estrelas; **Amanayara** – a senhora da chuva; **Itayci** – a mãe do rio da pedra e muitas outras designações.

Percebe-se que à mulher são atribuídos a maioria dos atributos da criação, da proteção e sobrevivência do ser humano. Essas mães eram veneradas pelos povos nativos, que acreditavam pudessem gerar seus filhos sem a interferência do elemento masculino e, portanto, virgens simbolizando a independência e a liberdade. Muitos acreditavam que pudessem ser fecundadas pelo boto, serpente, pássaro ou forças da natureza como chuva, vento, raio.



Essa independência fica manifesta nos mitos da tribo Mehinaru do Xingu. Reza a lenda que quando os homens foram à guerra, elas passaram a caçar para seu sustento e decidiram fundar uma aldeia só das mulheres.

Contudo, a autossuficiência feminina foi se esvaindo à medida que os mitos e lendas dos nativos iam sendo apagados com a interferência dos colonizadores e da massiva catequese da religião católica fazendo com que o homem passasse a predominar na hierarquia familiar.

Porém, parece paradoxal que esse mesmo movimento de cristianização induzindo a uma supremacia masculina, tenha preservado o culto à **Virgem Maria**, a Nossa Senhora mãe de Jesus Cristo e que se manifesta nas mais variadas invocações, conforme se pode observar no livro *Devoção a Maria*, da Editora In House, 2019.

Mas a divinização da mulher está presente também nas mitologias greco-romana, nórdica, japonesa, australiana, hindu e outras. No pantheon das deusas há a veneração de um sem-número de mulheres que representam a sabedoria e justiça, a fecundidade e maternidade, a felicidade e harmonia, a abundância e fertilidade, a música e as flores e por aí vai. E há também aquelas veneradas e temidas por serem poderosas na luxúria e na vaidade, nas batalhas e no frio da morte ou as responsáveis pelas chuvas, os rios, os oceanos, as estações do ano e até os dias e as noites.

Das histórias gregas lembramos das **Amazonas**, mulheres guerreiras, integrantes de uma antiga nação da mitologia, termo que hoje designa as praticantes da equitação. Por sinal, a Mulher Maravilha é uma representante das amazonas daquele tempo.

Entre as deusas gregas, **Hera**, a rainha dos deuses do Olimpo, casada com Zeus, representava a mulher destemida, determinada e fiel. Ainda que seduzida por Zeus e por ele traída, decidiu ter um filho por conta própria, razão pela qual muitas vezes aparece como vilã. Nada diferente do que acontece na sociedade atual.

Hestia, deusa dos lares gregos, embora praticasse a castidade, adorava apreciar a vida e era adorada por Poseidon e Apolo. **Métis**, filha de Oceano e **Tétis** representava a mestre dos conselhos e do planejamento e **Atenas**, a filha de **Métis** era a deusa da sabedoria.

Nix, a deusa grega da noite gera os três destinos; sono, morte e dor e é invocada nas bruxarias, tendo sua história confundida com a criação do Cosmos.

Passando à mitologia egípcia vamos encontrar **Mut**, deusa falcão e divina mãe do faraó. **Bastet**, deusa dos prazeres e dos gatos, era representada com um corpo de mulher e cabeça de

gato. **Maat** era uma deusa que personificava a vaidade, a justiça, a harmonia e sempre poderosa ajustava as estações do ano. **Néftis** controlava as monções e os rios. E dentre outras tantas deusas salienta-se **Hator**, a deusa do amor, das mulheres, da beleza, do prazer e da música e sem falar de **Isis**, deusa dos encontros, aquela que dá a vida, curandeira e protetora dos soberanos, a esposa ideal, amável, devota e cuidadora. Ao que parece a modelo de esposa que os homens de pensamento machista da atualidade gostariam.

Entre as nórdicas o destaque é para **Frigga**, esposa de Odin, a deusa da felicidade, do amor, da união pelo casamento. Entretanto, não se pode deixar de mencionar dentre outras: **Sif**, deusa das batalhas e habilidades no combate; **Eir**, deusa da cura principalmente com o uso de ervas; **Iduna**, deusa dos pomares de maçãs, do adultério e da juventude e **Freia**, deusa da fecundidade do sexo, do amor e da música.

Os hindus védicos têm a deusa **Krishna** que reflete o desejo dos devotos de sempre estar unidos ao supremo e **Lakshmi**, casada com o deus Vishnu é a deusa da riqueza e abundância e fertilidade. Enquanto **Tulsi**, curiosamente é deusa reverenciada sob a forma da planta manjeriço, erva mitológica na tradição hindu. Finalmente, dentre a infinidade de manifestações divinas os hinduístas cultuam a deusa **Durga** que representa o poder feminino no universo.

Não nos esqueçamos também das sacerdotisas da Mesopotâmia, do Egito, da Grécia, da Índia e da civilização incaica e outras que eram mulheres vestais intermediando o diálogo entre soberanos imperadores, reis, faraós e mesmo pessoas comuns com a “ordem cósmica”. Famosas são as sacerdotisas **Nefertiti** no Egito e **Pítia**, na Grécia Antiga, que deu origem ao termo pitonisa, a sacerdotisa de Apolo que previa o futuro. Mas também não menos importantes foram as sacerdotisas da Mesopotâmia no culto a **Hetpet**, deusa da fertilidade e a **Ishtar (Inana)**, a deusa da chuva e da primavera. Na Índia, as **Shaktis** e no império Inca as **Atllas**, as sacerdotisas do Sol.



E para terminar

A imagem mais verdadeira da mulher, ao contrário da visão atual de um ser frágil é a de um ser dotado de força e poder supremo. Como se nota nas narrativas mitológicas ela representa a energia cósmica primordial e, portanto, a força feminina é a que rege o Universo.

Entretanto lembrando da sabedoria de Yung, utilizando a simbologia da sacerdotisa, aquela mulher virgem que mediava a aproximação do terreno com o sobrenatural, afirmando que talvez fossem elas as menos conhecidas e mal compreendidas, pode-se dizer que atualmente na cultura patriarcal permanece uma manifesta rejeição quanto à necessidade de permitir a expressão individual das mulheres.

No Brasil, os cargos de liderança continuam sendo na maioria ocupados pelos homens, poucas mulheres existem nas lideranças políticas o que de resto é um fato que se estende ao longo da história.

Vamos continuar lutando, homens e mulheres, para que o Dia Internacional das Mulheres, instituído pelas Nações Unidas, em 1975 e celebrado no dia 8 de março seja realmente um libelo do feminismo e que a mulher ainda que não seja divina como nos antigos tempos, possa enquanto ser humano conviver com os homens em total igualdade de condições.

A relação da mulher com a Inclusão

Por Vanessa Sardisco de Antonio

As comparações e intolerâncias com o outro estão cada dia mais presentes, não priorizando as convivências e as individualidades que o outro poderia se beneficiar na sociedade. Isso trouxe bastantes discordâncias e discriminações, provocando reações exclusivas e classificatórias entre as pessoas e prejudicando o desenvolvimento de uma sociedade reflexiva, unida e humana.

Quando o assunto é Inclusão, sinto que normalmente é associada às pessoas com algumas deficiências específicas e com avaliações e procedimentos centralizados em tais diagnósticos. Falar sobre Inclusão vai além desse sentido. A Inclusão é uma forma de pensar em mudança e nas relações humanas.

Dito isso, pode-se dizer que ao falar sobre empoderamento feminino, direitos e movimentos feministas, de certa forma são manifestações com interesse na Inclusão da mulher. De fato, foram conseguidos muitos direitos, leis e liberdade com as mobilizações, como por exemplo o direito ao voto, a Lei Maria da Penha, entre outras conquistas que tornaram a mulher mais independente, livre, além de ser uma maneira das mulheres não se intimidarem ao se exporem e terem um possível fortalecimento em enfrentar o que as incomodam.

Entretanto, é preciso tomar cuidado para que esses grupos e movimentos sociais não se tornem agressivos confundindo o bullying e o preconceito como um pré-julgamentos de atitudes e comportamentos de pessoas que, talvez, não tenham tido a oportunidade de se manifestarem na relação. Preocupa-me as classificar os preconceitos ao ponto das relações humanas não serem autênticas e existirem mais separações entre as pessoas.

Desta forma haverá mais agressividade na convivência, acreditando que, assim, haverá mais acolhimento dos direitos humanos. Ao contrário, com a desunião, as interações entre as pessoas serão mais enfraquecidas e podendo existir mais exclusão do que inclusão com todos.

Não estou generalizando e discordando de todos os direitos que as mulheres conquistaram durante os anos e décadas, mas fico me perguntando se é assim que as pessoas se fortalecerão para todos serem autênticos, compreendidos nas relações para uma convivência aberta e com possibilidades das pessoas se manifestarem entre si.

Isto é, grupos isolados não possibilitam às outras pessoas que não estão inseridas neste grupo para se manifestarem. Se não estou enganada, esses movimentos não me lembram inclusão. Assim, é importante não generalizar e dar a possibilidade de escuta para as outras pessoas que estão dispostas a ouvir e entender a importância de tal movimento e manifestação da mulher.

Isso indica que ainda precisamos de mais informação sobre inclusão para não existirem pessoas que agredem as outras e esses preconceitos acabarem.

Por isso, é importante a comunicação entre as pessoas para uma compreensão empática, sem julgamentos. Para ter uma compreensão do outro não basta acreditar e confiar no potencial do outro, é preciso se comunicar do jeito disponível naquele momento, tentar se aproximar das necessidades e entender o que realmente o incomoda e o que lhe faz bem. Isso ajudará e facilitará a comunicação entre as pessoas para que ambas as partes, agressor e o agredido, tenham compreensão entre si e o possível preconceito e o bullying serão esclarecidos e ninguém se sentirá ameaçado.

Consequentemente, quando as pessoas conviverem entre as diferenças e individualidades sem pré-conceitos, a inclusão e as interações entre elas serão bem mais compreendidas, harmoniosas, saudáveis e sem a preocupação de estar em uma relação padrão com os outros.

É preciso o fortalecimento e a união entre as mulheres, não esquecendo que a inclusão e empoderamento feminino não dependem apenas de um contexto e de grupos e movimentos isolados, mas de pessoa para pessoa. Isto é, se a pessoa não estiver disponível em compreender e não julgar as individualidades do outro, o processo de inclusão será de maior dificuldade para a mudança e autenticidade, independente do tipo e estilo de manifestação e de grupo, já que um grupo e a sociedade são formados por pessoas com princípios diferentes e com características individuais.

Se cada pessoa se conscientizar da importância e da necessidade de conviver com aceitação e respeito nas relações humanas, a inclusão será uma referência e não um caminho de comparações e divisões entre elas. Assim, quando incluir for algo rotineiro, não haverá mais comparações entre as pessoas pelas suas igualdades e, sim, mais aceitação das relações entre as pessoas pelas suas diferenças.

Portanto, os movimentos feministas e a inclusão da mulher serão vitoriosos quando não existirem classificações e julgamentos para qualquer pessoa estar inserida mesmo quem é mulher. Isso vale para qualquer manifestação, grupos e movimentos. Assim, todos terão a chance de se comunicarem e compreenderem o que incomoda, sem julgamentos e rotulações de quem é pior ou melhor, certo ou errado. Se isso acontecer, posso afirmar que as generalizações, rotulações e comparações se enfraquecerão e teremos maiores chances de iniciar uma inclusão centrada nas pessoas e nas relações humanas.



Foto: Divulgação

Nina Simone



Foto: Divulgação

Tarsila do Amaral

“Eu te digo o que a liberdade significa para mim:
não ter medo.”

[NINA SIMONE]



Foto: Divulgação

Cléopatra



Foto: Divulgação

Cora Coralina

As incríveis mulheres que vivem sob o signo do medo e do horror

Por Catarina Shallow

Quando penso e olho para as mulheres brasileiras, francesas, inglesas, suíças ou de outros países livres, consigo ficar feliz pela liberdade e pela certeza de que o empoderamento feminino já nasce com elas.

Vamos falar das mulheres brasileiras; vamos voltar o olhar para o Brasil.

Fala-se muito sobre empoderamento feminino, que é o ato de ter poder sobre si mesmo. É uma luta antiga? – Sim! Uma luta válida? – Sim! Trouxe grandes mudanças se olharmos para um tempo longínquo? – Sim!

Uma luta que levou a ONU a lançar os 7 princípios do empoderamento das mulheres, a ONU Mulher, os quais são:

1. Estabelecer a liderança corporativa sensível à igualdade de gênero, no mais alto nível;
2. Tratar todas as mulheres e homens de forma justa no trabalho, respeitando e apoiando os direitos humanos e a não-discriminação;
3. Garantir a saúde, a segurança e o bem-estar de todas as mulheres e homens que trabalham em uma empresa;
4. Promover educação, capacitação e desenvolvimento profissional para as mulheres;
5. Apoiar o empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres por meio das cadeias de suprimentos e marketing;

6. Promover a igualdade de gênero por meio de iniciativas voltadas à comunidade e ao ativismo social;
7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.

Falando nos tempos atuais, no agora, as mulheres brasileiras estão protegidas por leis e sua liberdade e poder sobre si estão garantidos.

Este empoderamento feminino; este ato de ter o poder sobre si é visto a olhos nus e não é difícil observar e comprovar.

É bom lembrar que não há princípios e leis que garantam uma liberdade se a mulher não se sentir segura, livre e ter a certeza de sua capacidade tanto intelectual, comportamental e social como qualquer ser humano. Isso pode ser válido não somente para as mulheres, mas para os homens também.

A comprovação do poder e da capacidade e da liberdade da mulher brasileira, que a torna uma incrível mulher, está na mulher como Presidente do Brasil, Ministras do STF, Delegadas de Polícia, CEO de grandes empresas, Líderes Ativistas, Senadoras e altos cargos na política, Jornalistas e tantos outros cargos que endossam todos os sete princípios da ONU Mulher.

Tem até a Delegacia da Mulher para a defesa da mulher!

O poder que a mulher brasileira tem sobre a sua vida lhe dá o direito de ir a um campo de nudismo e, tranquilamente, exercer a sua vontade de ficar nua perante todos e à natureza. Não há nada que lhes tire este direito sobre suas escolhas e seu corpo.

Essas incríveis mulheres brasileiras são livres, leves e soltas! Podem ser felizes!

Então, qual a razão do título acima compor este artigo?

Sempre tive um olhar para a vida das pessoas no Afeganistão. Eu fico intrigada e muito emocionada com a luta das mulheres para serem respeitadas e vistas como seres humanos.

Terminei de ler um livro, *Uma Burca por Amor*, de **Reyes Monforte**, o qual descreve a vida de uma espanhola, que morava em Londres, e foi ao Afeganistão para conhecer a família de seu amado marido. Por diversas razões, teve que ali permanecer e viveu o caos de acordo com a cultura imposta às mulheres sob o domínio do regime Talibã.

É uma história intensa, real e nos faz parar nossos sentidos para tentar compreender toda a vida que se encerra sob uma burca.

Assim, repito, aqui, o título do meu artigo:

As incríveis mulheres que vivem sob o signo do medo e do horror

Dou início, então, com algumas questões:

Quais os direitos que as mulheres afegãs têm sobre si?

Quem são as mulheres afegãs?

Como elas vivem?

Como as mulheres afegãs enxergam o mundo?

A forma que estas mulheres vivem me fazem considerá-las mais que “incríveis mulheres”. O regime talibã as transforma em seres que poderiam ter qualquer denominação, menos seres humanos.

Essas mulheres vivem sob o signo do medo e do terror de nascerem mulheres, desde quando meninas até quando mulheres e mães.

A burca é um dos piores símbolos de submissão, medo e desumanização de um ser. É a vestimenta sob o jugo do Talibã que esconde grandes inteligências, liberdades e vidas.

As casas das mulheres ativistas, essas corajosas mulheres que querem lutar pelos direitos de serem pessoas, são atacadas e destruídas; mulheres não podem ser atendidas por médicos e muitas morrem de altas infecções; não podem estudar, trabalhar, falar alto e nem andarem sozinhas pelas ruas.

No Afeganistão, as mulheres são açoitadas, apedrejadas e até assassinadas em plena luz do sol sem que ninguém as possa defender. Elas não têm o direito de escolherem quantos filhos desejam ou mesmo se desejam ter filhos. Casam-se ainda crianças...

A luta pelos direitos destas mulheres está longe de terminar.

Onde estão os países livres que possam e queiram olhar esse horror humano?

Qual o limite que um regime possui sobre vidas?

A jovem Malala já pediu ajuda aos grandes líderes internacionais sobre as mulheres no Afeganistão. Mas o que o mundo tem feito? Há alguma esperança de uma vida normal?

Indagações e indignações que deixo no ar.

Sob a burca, enxergando o mundo através de uma fina tela e sob o domínio do regime Talibã se encontram incríveis mulheres afegãs que nem fazem ideia ou imaginam o que é ser mulher, o que é ser humano, o que é liberdade e o que é vida.

Essas incríveis mulheres... mulheres afegãs!



Foto: Divulgação

“A educação é o poder das mulheres.”

“Educação não melhora apenas a vida individual dessas meninas, mas também o país todo – a democracia, economia, estabilidade.”

[MALALA YOUSAFZAI]

D. Maria – Uma incrível mulher Princesa no Brasil e rainha em Portugal

Por Jorge Trigo

Maria da Glória nasceu em 4 de abril de 1819 no Paço de São Cristóvão, situado na cidade do Rio de Janeiro, sob o título de **Princesa da Beira** e depois **Princesa Imperial do Brasil**. Foi a primeira filha do imperador Dom Pedro I e da imperatriz Maria Leopoldina da Áustria. Nessa altura, Portugal e Brasil faziam parte do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarve. Tinha dois anos e meio de vida quando o seu pai se tornou imperador do Brasil, em 1822. Ficou célebre o grito da independência ecoado nas margens do rio Ipiranga.

Em 1826, após seu pai abdicar do trono de Portugal, foi proclamada rainha portuguesa, como **D. Maria II**.¹ Mas era uma criança. Tinha apenas 7 anos de idade e no final desse ano perdeu a sua mãe.² Até essa altura tinha desfrutado de uma infância tranquila rodeada e apoiada pelo amor da família. Agora a sua vida mudava drasticamente. Era uma menina que se tornava rainha.³



Foto: Divulgação

¹ Tal aconteceu porque o Imperador D. Pedro I, após a morte de D. João VI, seu pai, abdicou do trono de Portugal em favor de sua filha, permanecendo no Brasil.

² A Imperatriz Maria Leopoldina faleceu em 11 de dezembro de 1826, no Palácio Imperial de São Cristóvão, Rio de Janeiro, Brasil. Tinha apenas 29 anos. Maria da Glória passou então a contar com o pai como alicerce.

³ D. Maria II foi, sucessivamente, princesa da Beira (1819-1822), princesa imperial do Brasil (1822-1825), princesa do Grão-Pará (1825-1826) e rainha de Portugal (1826-1853).

D. Pedro cederia o trono a sua filha com duas condições. A primeira foi que **D. Maria II** se deveria casar com o seu tio D. Miguel, quando fosse maior de idade. A segunda condição era que o seu pretendente jurasse a Carta Constitucional. Casou com o seu tio, por procuração, em 29 de outubro de 1826. Ainda com 7 anos, a rainha viajou para Viena de Áustria para ser educada pela Corte. D. Miguel ficou regente. Mas durante a regência autoproclamou-se rei absoluto de Portugal, com apoio de sua mãe, **Carlota Joaquina**, dando início a uma guerra com o seu irmão D. Pedro. Este acabou por vencer.⁴

Em 1835, **D. Maria** casa-se pela segunda vez, agora com D. Augusto de Beauharnais⁵. Mas o seu novo marido morre dois meses depois. A rainha vem a casar pela terceira e última vez, com D. Fernando Augusto de Saxe-Coburgo-Gotha⁶. O casal teve 11 filhos, dois vieram a ser reis de Portugal. **D. Maria II** vem a morrer no último parto, aos 34 anos.

Esta rainha portuguesa enfrentou muitas revoltas, imensos desgostos e teve três casamentos sem poder escolher os maridos. Teve de abdicar da sua juventude para assumir o papel de rainha. Reinou sempre com o objetivo de manter o trono na família. Durante o século XIX, foi uma das poucas governantes do sexo feminino a terem destaque na política europeia. Durante o seu reinado foram implementadas medidas importantes em Portugal, com destaque para:

A abolição da pena de morte; o fim do tráfico de escravos nas colónias portuguesas; a institucionalização do ensino primário gratuito; a introdução do sistema métrico e da telegrafia elétrica.

Em 2019, para assinalar os 200 anos do nascimento de **D. Maria II**, os Correios portugueses lançaram um conjunto de peças filatélicas.⁷

D. Maria II foi a última mulher a desempenhar o cargo de chefe de Estado em Portugal. Foi uma incrível mulher!



Foto: Divulgação

⁴ E o casamento de D. Maria com D. Miguel foi anulado em 1 de dezembro de 1834.

⁵ Filho do príncipe francês Eugênio de Beauharnais, enteado de Napoleão Bonaparte, e da princesa Augusta, filha do rei Maximiliano I da Baviera.

⁶ Filho mais velho do príncipe Fernando de Saxe-Coburgo-Gota e da sua esposa, a princesa Maria Antónia de Koháry.

⁷ In <https://www.ctt.pt/grupo-ctt/media/noticias/200-anos-do-nascimento-de-d-maria-ii-em-selos-e-livros-dos-ctt>

Mulheres inesquecíveis e a luta ainda por igualdade de direitos, oportunidades e salários

Por João Carlos José Martinelli

No suplemento *Retratos do Brasil* do jornal *O Estado de São Paulo*, dedicado às mulheres e publicado no dia 08 de março de 2006, foi divulgado o resultado de uma enquete do Portal Estado (www.estadao.com.br), no qual leitores indicaram as brasileiras que consideram inesquecíveis. Valiam as mulheres que nasceram aqui e também as que elegeram o país para viver. Foram eleitas, na ordem de preferência: **Irmã Dulce** (22,6%); **Elis Regina** (14,44%); **Princesa Isabel** (9%); **Carmen Miranda** (7,58%); **Anita Garibaldi** (4,66%); **Leila Diniz** (4,21%); **Olga Benário** (3,11%); **Cora Coralina** (3,11%), **Maria Bonita** (3,11%) e **Chiquinha Gonzaga** (2,85%).

Elas representam, cada qual em sua área, pessoas vitoriosas que enfrentando obstáculos, discriminações e injustiças, conquistaram posições que almejavam. Infelizmente, apesar de desde 1824 a Constituição brasileira dispor sobre a igualdade de todos perante a lei e a de 1934 vetar expressamente distinções e privilégios por motivo de sexo, até hoje, a realidade das mulheres, na prática, é bem distinta. Alvo de inúmeros preconceitos impostos pelas sociedades patriarcais, em cada período da História elas lutam em todo o mundo, algumas até com a própria vida, na busca pela efetivação de seus direitos.

Tanto que a própria origem do Dia Internacional da Mulher é trágica, está relacionada aos protestos organizados por mulheres operárias, violentamente reprimidos no início do século XX, tanto na Europa como nos EUA. Em 1903 surgiu a Liga das Mulheres Trabalhadoras, também nos

EUA e em 1910, elas realizaram uma marcha trazendo aos braços “Pão e Rosas”, símbolo do trabalho e do sexo. Sete anos depois, numa conferência em Estocolmo, nasceu esta data comemorativa em homenagem a todas aquelas que se sacrificaram por um futuro melhor, ressaltando-se que no ano que vem a celebração atingirá o seu centenário.

A legislação brasileira ainda demorou um longo período de tempo para se adequar aos preceitos constitucionais. Basta verificar que somente em 2001, o Código Civil Brasileiro deixou de atribuir ao marido uma suposta chefia da “sociedade conjugal”, o que permitia a ele, entre outras coisas, o direito de autorizar a profissão da mulher. Exemplo de uma situação hoje superada, mas que dá a medida do que se infligia ao sexo feminino e que ainda persiste em muitos aspectos.

Mesmo com a Lei Maria da Penha, com a qual já se computam inúmeras conquistas, há ainda importantes questões a serem resolvidas, como as grandes diferenças de salários em relação aos homens e a baixa representatividade das mulheres na vida política e administrativa do país. Mas elas sabem que um dia conseguirão viver numa sociedade fundada na consideração entre segmentos diferenciados de sua população. Afinal, diferenças não podem ser identificadas como desigualdades. Elas servem, na verdade, como pontes para o diálogo entre compreensões distintas do mundo e jamais deveriam estar colocadas em pratos opostos de uma balança.

Precisamos mais do que nunca refletir sobre um novo conceito de feminino e masculino – aquela definição correta e justa de mulher e homem como integrantes de um mesmo ser, construtores de uma mesma obra no projeto divino. Àqueles que se conscientizam desse papel harmonioso, porque duplo e único ao mesmo tempo, não de renunciar aos preconceitos e ao desrespeito ao princípio da igualdade. Entendem a função que devem representar no plano de Deus, que os criou como parceiros, à sua semelhança para participarem juntos, de mãos dadas e sem opressão de um sobre o outro, da construção de um mundo novo.

Uma mulher, uma muralha...

Por Dalton Luiz Sibinel

As mulheres são poderosas e os cientistas confirmam, através de pesquisas e estudos, que elas realizam múltiplas tarefas, pois são muito mais metódicas e organizadas.

O seu senso de perigo é elevado porque elas são superprotetoras. Outro estudo comprovou a presença de estrogênio que inviabiliza a enzima caspase – 12, reduzindo as inflamações. Este sistema imunológico envelhece lentamente fazendo com que as mulheres vivam mais que os homens.

Nem todo mundo é capaz de desenvolver a empatia e a inteligência emocional como as mulheres. Quando estressadas ou pressionadas tendem a entender melhor as outras pessoas, enquanto os homens preferem resolver tudo sozinhos. As mulheres procuram ajuda e ficam mais sociáveis, devido a oxitocina, hormônio produzido pelo estresse.

As mulheres são mais hábeis em saber ou descobrir segredos, basta olhar no rosto das outras pessoas, para perceber se estão falando a verdade.

É incrível a versatilidade e a sensibilidade feminina. Existe uma consciência coletiva por parte das mulheres. Elas não se deixam ser inferiorizadas pelo machismo e lutam por igualdade social de direitos à saúde, segurança e bem-estar de todos.

São detentoras da admiração, entusiasmo e ternura, por se sentirem amadas.

O empoderamento se dá por liderança e participação política das mulheres, uma visão do âmbito econômico, pelo fim da violência, protogonizando a paz, segurança e emergente humanitarismo, por uma governabilidade, com planejamento de normas globais e regionais.

Elas não se sentem envergonhadas e nem têm motivo para pedir desculpas por serem mulheres, serem fortes e corajosas na hora certa, chorar e pedir ajuda quando é preciso e viver as emoções sem publicidade para tal.

As mulheres fazem uma dosagem adequada da consciência que elas têm da realidade percebendo o seu papel com autoconhecimento, autoestima e autoconfiança, descobrindo os pontos fortes e fracos, com motivação para executar e capacitar. Elas têm habilidades para a observação da sociedade e produção das mudanças necessárias, empreendendo e trabalhando, visando o reconhecimento, a rentabilidade e a independência financeira.

O perfil da mulher na sociedade é grandioso; pelas funções trabalhistas, domésticas e responsabilidades maternas, fortalecendo a ocupação em posições de comando.

A ONU confere os direitos conquistados com lutas num passado não muito distante.

No Brasil, desde 2006, vigora a Lei Maria da Penha, contra a violência doméstica e familiar.

Exemplificando o sucesso de mulheres, no campo empresarial destacamos a pessoa de **Leila Mejdalani Pereira**, de 57 anos, Presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras, que também é Presidente da Crefisa, Presidente do Centro Universitário das Américas (FAM) e gestora de outras 11 empresas do grupo. É empresária, banqueira, advogada e jornalista brasileira. Sua fortuna pessoal está avaliada em 3,6 bilhões de reais.

No campo político destacamos a importância de **Angela Dorothea Merkel**, de 67 anos, ex-Chanceler da Alemanha, líder “de facto” da União Europeia. É a mulher mais poderosa do mundo, comparada à ex-Primeira Ministra Britânica **Margaret Thatcher**, a “Dama de Ferro”.

No esporte, algumas atletas brasileiras são referências:

Tênis – **Maria Esther Bueno**; Atletismo (salto em altura) – **Aída dos Santos**; Peso-galo e Peso-pena – **Amanda Nunes**; Ginástica – **Daiane dos Santos**; Basquete – **Hortência Fátima Marcari**; Dupla de Vôlei de Praia – **Jaqueline Silva** e **Sandra Pires**; Natação – **Maria Lenk**; Futebol – **Marta**; Surfe – **Maya Gabeira**.

Liderança Feminina

Por Simone Zanotello de Oliveira

Percebo na liderança feminina a mistura de várias habilidades, fazendo com que realmente se exerça a figura da “líder” (e não mais da “chefe”). Nesse contexto, gostaria de destacar aqui algumas habilidades que são importantes para um líder de sucesso, e que tenho encontrado nas grandes lideranças femininas. A primeira delas refere-se à liderança do exemplo. Quando se é líder, jamais se deve pregar uma coisa, e fazer outra na prática – “a incoerência é inimiga da influência”. Aqui não cabe a frase “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. A verdadeira líder é aquela que dispõe na prática aquilo que fala, sabendo que se apresenta como uma forma de espelho, de referência. É preciso que a líder tenha o mesmo comportamento e o mesmo profissionalismo que espera dos seus liderados. A falta de credibilidade enfraquece a liderança. Se as suas ações como líder não estiverem alinhadas com o seu discurso, perde-se o respeito e a confiança. Além disso, a liderança pelo exemplo deve ser inspiradora e motivadora em relação aos seus liderados, e a líder não deve ser uma controladora.

A boa liderança também deve fazer com que a líder reconheça a individualidade dos liderados, interessando-se pelo ponto de vista de cada um. Deve utilizar o diálogo e o *feedback* como ferramentas para melhorar a *performance* da equipe, na busca de resultados positivos. Ouvir os colaboradores é algo importante para a organização, pois traz diferentes pontos de vista da atividade. É preciso deixar de lado crenças no sentido de que esses diálogos em nada agregam para a produtividade da organização.

Além disso, uma liderança de sucesso deve significar cumplicidade e parceria. Os liderados devem sentir confiança na sua liderança, para poderem, junto com ela, enfrentarem os desafios. É preciso estar sempre próximo dos liderados, ouvindo-os, ajudando-as a resolver os problemas,

sem procrastinar. Jamais os liderados podem se sentir sozinhos e abandonados. As grandes líderes não se importam em estar entre os seus, de colocar a “mão na massa”. É essencial estar presente no dia a dia da equipe. É preciso oferecer todo o suporte aos liderados, inclusive auxiliando-os para que sejam capazes de descobrir seus próprios talentos profissionais.

A boa liderança também deve ser sinônimo de respeito mútuo – entre líderes e liderados, pois divergências sempre ocorrerão, mas somente com respeito é que esses conflitos serão dirimidos a bem da organização. É preciso saber ouvir e receber críticas e ter humildade para lidar com essas ocorrências, tirando lições positivas delas.

A liderança de sucesso deve criar nos liderados o sentimento de pertencimento, com o objetivo de propiciar um ambiente de trabalho construtivo, no qual todos participem da tomada de decisões. Isso fará com que as pessoas tenham orgulho do seu trabalho e da organização.

Por fim, a boa liderança deve permitir o desenvolvimento de novos líderes. Saber delegar é uma atitude de visão, que tem como objetivo aprimorar a *performance* da organização, por meio da distribuição de competências entre os liderados.

Atualmente, verifico que as mulheres têm desenvolvido muito bem essas habilidades, passando a ocupar cada vez mais posições de destaque no mundo corporativo.

Essa tal de Rita Lee

Por Márcio Martelli



Foto: Divulgação

O ano era 1975. Foi quando um menino de apenas 7 anos ouviu pela primeira vez a nova canção daquela que segundo Caetano era a “verdadeira tradução” de Sampa. E ele tinha razão. **Rita Lee** representava, ao menos para mim, uma liberdade que até então eu não havia percebido em nada, talvez ela tenha aberto minha mente para coisas que sequer me dava conta.

Acredito que, não me recordo mais qual música me pegou primeiro. Não sei se foi *Agora só falta você* (Luís Sérgio Carlini / Rita Lee).

“De ser quem eu sou, de estar onde estou, agora só falta você.”

Era o que **Lee** cantava. Recordo-me do clip musical passado no programa *Fantástico*, no qual ela estava a bordo de um avião cantando e se divertindo¹. O som, os arranjos, o solo de guitarra do Carlini, o panorama da época, a ousadia – Uau! Não dá para classificar esse LP como sendo dos anos 70. Ele é atual demais apesar dos 47 anos do seu lançamento! E só comentei uma música. Imagine o que ainda virá.

E **Rita** cantava *Esse tal de Roque Enrow* (Rita Lee / Paulo Coelho), mais um tapa na cara de uma sociedade ainda atrelada às velhas canções – que são lindas, concordo – mas que não tinham a cara, nem a voz, nem a atitude de uma juventude que queria se rebelar.

“Minha filha está solteira, ela agora está lá na sala com esse tal de Roque Enrow”. “Quem é ele, quem é ele. Esse tal de Roque Enrow???”

E, claro, ainda tinha *Ovelha negra* (Rita Lee), hino de uma geração psicodélica pós-Beatles e Rolling Stones. Não tinha como não se identificar. Todos éramos ovelhas negras, e embora com a minha pouca idade, o pouco que compreendia me fazia ainda mais admirar **Rita Lee**.

“Meu Deus quanto tempo eu passei sem saber... Foi quando meu pai me disse filha: você é a ovelha negra da família. Agora é hora de você assumir. E sumir.”

Anos depois, nos anos 80, já adolescente e com um gosto musical mais apurado (era o que acreditava), retorno à obra de **Rita Lee**. Compro o LP *Fruto Proibido* e, desta vez, ouço ele inteiro. Tudo era impecável. A arte da capa, o encarte, as fotos, tudo! Era um sonho de consumo.



¹Confira em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z5O4cwyERVQ>. Imperdível.

E quanto mais eu ouvia o LP entendia um pouco mais o mundo em que eu vivia.

“Abri a janela, um som diferente entrou...” (*O toque* – Paulo Coelho / Rita Lee)

O toque abre o famigerado lado B do LP, onde estariam as músicas menos trabalhadas. Será? Neste caso, não existe uma canção deste trabalho que não seja incrível. E, ainda hoje, quando ouço o álbum (agora tem esse nome) surpreendo-me com tanta qualidade.

“Você é uma criança do universo
E tem tanto o direito de estar aqui
Quanto as árvores e as estrelas
Mesmo que isto não esteja claro para você
Não há dúvidas
Que o universo segue o rumo
Que todos nós escolhemos”

E “Quem falou que não pode ser? Não, não, não. Eu não sei por quê. Eu posso tudo, tudo”. Em *Pirataria* (Lee Marcucci / Rita Lee) é impossível ficar parado.

Mas se quiser descansar, ouça *Cartão Postal*, onde ela canta “Pra que sofrer com despedida. Se quem partiu não leva nem o sol, nem as trevas” (Paulo Coelho / Rita Lee) uma balada laricada onde a vontade é se largar num sofá e observar a vida, esperar, aguardar tudo passar até chegar a hora de tudo acontecer. E quando bater...

“Eu hoje represento a loucura, mais o que você quiser...” (*Luz Del Fuego* – Rita Lee).

“Sinta o corpo, você está solto e pronto para vir me amar...” (*Dançar para não dançar* – Rita Lee).

...entenda que o mundo sempre teve altos e baixos. Que a roda da vida nos leva a decisões.

“Quem foi que disse que eu devo me cuidar? Tem certas coisas que a gente não consegue controlar” – *Fruto proibido* (Rita Lee).

Essa tal de **Rita Lee!** Eterna mutante. Rainha do Rock Brasileiro. *Fruto Proibido* é a sua obra-prima! Eternizado com o mais incrível LP de rock mundial dos últimos tempos segundo a *Revista Rolling Stones*. E quem sou eu para discordar???

“Não adianta chamar. Quando alguém está perdido. Procurando se encontrar” Viva **Rita Lee!**



Foto: Divulgação

Rita Lee



Foto: Divulgação

Dercy Gonçalves

“Você não precisa me entender, basta me amar.
Se não me amar basta me aceitar. Se não me aceitar
dá unfollow e não se fala mais nisso.”

[RITA LEE]



Foto: Divulgação

Carmen Miranda



Foto: Divulgação

Leila Diniz

A nova realidade

Por Beatriz Mecking

Todos na parede. Se não os encontra noutra lugar, tem todos ali, dependurados nos seus trajes antigos, sorrisos acanhados, a foto de família dos anos passados. Deixou-os por lá, como se petrificados naquele conjunto que vem desbotando ao longo dos anos. Por vezes, para na frente deles, procura lembrar-se de outro tempo, em que eles se mexiam, falavam, gritavam, agiam, brincavam, brigavam.

A acompanhante encontra-a embevecida diante do quadro da família, os olhos molhados, o olhar para longe, muito longe. “Aqui estão todos”, ela murmura. “Sei”, responde a outra. “Tenho uma notícia para lhe dar.” “Boa?” “Sim. Imagine quem está vindo ver a senhora.” Imobiliza-se na tensão. Os segundos eternizam-se. “A sua filha que mora no México.”

A moça observa-lhe a reação. Ela sorri e solta um “Deus seja bendito!”. “Contente?” “Não são todos, mas...” Olha amorosamente para o filho que já se foi, para o marido. “Mas é bom ver a Suzana, muito bom!” Põe-se a perguntar sobre os pormenores da visita. Um dos membros da família ganha vida e salta do quadro para a realidade.

O Emissário

Por Beatriz Mecking

Quando ela chegou ao térreo, com um envelope numa das mãos, o rapaz que a esperava junto ao portão sorriu levemente e a cumprimentou. “Como vai a senhora?”, perguntou. “Vou bem, obrigada”, respondeu, enquanto lhe estendia o envelope.

Dois dias depois, no momento em que o perito lhe entregou as fotos captadas pelas câmeras do edifício, ela se lembrou do singelo diálogo. Ao examinar as imagens, deu-se conta de quão jovem era o rapaz que fora encarregado daquela missão.

Dois ou três meses mais tarde, recebeu um telefonema da delegacia. “A senhora gostaria de fazer o reconhecimento do indivíduo que foi à sua casa?” “Ele foi encontrado?”, surpreendeu-se. “Sim, já estava sendo acompanhado há algum tempo, foi visto em outras cidades.” Ela se encolheu: “Preciso ir?” “Se quiser. Vários já o reconheceram.”

Declinou do convite. A imagem do rapaz que viera recolher os seus cartões, conforme acordara pelo telefone com o pretenso funcionário do banco, não lhe saía da cabeça. Pensava se deveria ter ido à delegacia. Poderia sentir-se melhor se conseguisse responder ao meliante: “Eu estava muito bem até o momento em que vocês surrupiaram o meu dinheiro, eis a verdade”. Aconchegou-se no sofá, entregue a um vazio agonizante.

Terra Plana

Por Beatriz Mecking

Naquela época, ascendeu ao poder uma turma exótica, um cabeça de chapa que tinha raízes no crime, falava em matar os adversários, subvertia a verdade de todos os modos, escolhia ministros que serviam a seus objetivos, os quais podiam ser resumidos num simples corolário: destruir. E os seus eleitores, que deviam encontrar alguma identidade com aquele tipo que, para eles, representava o novo, o diferente – pessoas que, de maneira geral, desconheciam Calígula, com seu Incitatus, e tantas outras figuras esdrúxulas da História – boa parte de seus eleitores achavam-no o máximo, alguém que limparia o país, introduzindo em suas hostes a honestidade, a franqueza, a transparência. Ao longo dos anos de seu governo, que seria mais apropriadamente chamado de desgoverno, o tipo se especializou em frases de efeito: os mais sagazes perceberam que elas serviam para despistar a atenção do povo, enquanto realizava as suas maldades. Ele tinha as costas quentes porque lambia as botas do Império, que, naquela época, submetia nações fragilizadas, quer pelas armas, quer pelo aliciamento de suas elites. Inerte diante da situação bastante inusitada que vivia, vendo-se acuada por todos os lados, a população penava sob a fome e o desemprego.

– E então, o que aconteceu?

Um belo dia, veio a grande explosão. Um meteoro caiu sobre o palácio presidencial, devastando tudo e todos. O impacto foi tremendo. Aos poucos, o país se reorganizou: a educação, que estava no seu pior momento, foi reabilitada, a justiça reencontrou seu propósito de defender os injustiçados e punir os culpados, a imprensa preocupou-se em ser mais fidedigna. Em resumo, o país reintegrou-se na Terra, que, deixando de ser plana, voltou a girar.

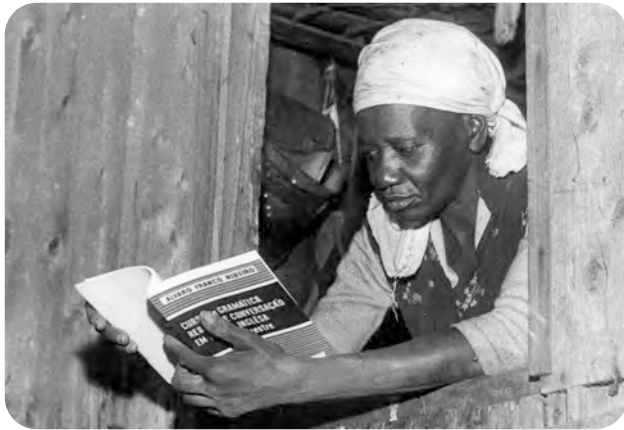


Foto: Divulgação

Carolina Maria de Jesus



Foto: Divulgação

Joana d'Arc

“O negro só é livre quando morre.”
“Quando percebi que eu sou poetisa fiquei triste porque o excesso de imaginação era demasiado.”

[CAROLINA MARIA DE JESUS]



Foto: Divulgação

Irmã Dulce



Foto: Divulgação

Maria Bonita

Homem de verdade

Por Yole Antiqueira Mendes Pereira

Posso ser uma só voz no meio da multidão, mas por favor, vamos mudar esta nação!

Podem, alguns, até rirem da minha pretensão. Mas, é que não aguento mais, ver tantos atos chocantes, discursos berrantes, com palavras desperdiçadas...

De ver crianças assistindo cenas de ódio e assassinatos. De exemplos malfadados, de famílias esfaceladas, de pais matando seus filhos e de filhos matando seus pais... Crianças jogadas nas ruas, vivendo a seu bel-prazer. Crimes hediondos mostrados com detalhes, para quem ligar a televisão, ou qualquer outro meio de comunicação.

Onde estão os bons costumes, a delicadeza no trato, onde estão os pais amorosos e os filhos a respeitá-los? Os conceitos de fé, de confiança e de amor, que devem ser a base de um ser humano ideal?

Que possam essas crianças, jovens e adolescentes, não se influenciarem somente pelo que veem de mal, mas que mantenham o equilíbrio de uma postura correta, aprendendo a distinguir as qualidades serenas que, se, cultivadas, os transformarão em um ser digno de pertencer a uma nova geração, onde o critério de vivência lhe mostrará o que realmente é ser um homem de verdade, e não um fantoche comandado!

O traficante

Por Yole Antiqueira Mendes Pereira

Procura, encontra, descobre esses seres desprezíveis, que querem nossos filhos conquistar. Só para vê-los enveredar pelo caminho do vício e da destruição!

São seres imundos, vermes rastejantes que procuram agir na calada da noite, identificando-se, quem sabe, com o monstro que expressa as trevas em seu interior...

O traficante maldito, só pode se expressar com sua atitude desgraçada; a podridão que possui em seu próprio coração. Fosse dado-lhe o poder de ver o filho querido, rastejando a procura das drogas malditas, aí talvez ele sentisse o drama de milhões de pais que desesperadamente tentam desfazer aquilo que ele fez. Não fosse a ganância e a própria insensatez, talvez ele pudesse até compreender que, não sendo seu, o filho que ele hoje corrompe, poderá ser alguém de sua família amanhã.

E, que talvez, quem sabe, aquele moço, que por sua causa se tornou um viciado, não poderia, um dia, ser o seu amparo na velhice, quando os seus olhos nem mais vissem a morte se aproximar...

A dona do elevador

Por Antônio Luiz Amadesi Gomes

Uma tarefa aparentemente fácil: homenagear a mulher na efeméride de março. Analisando as possibilidades, não devo me surpreender com a indispensável presença daquela que gera, cria, educa e povoa escolas na transmissão dos valores e garantia de uma sociedade feliz. Justifico esta introdução ao relatar alguns episódios na administração escolar paulista, nos anos 70 em que a Secretaria de Educação do Estado esteve sob o comando da Profa. Dra. Esther de Figueiredo Ferraz.

Em fevereiro de 1972 eu teria de assumir Direção de escola estadual, aprovado por concurso. Fui convidado, entretanto, para uma atividade técnica na Divisão de Planejamento que ficava no 13º andar do edifício de nº 302 do Largo do Arouche.

Ocupados pela Secretaria, os andares de baixo, do 8º ao 12º serviam para todos os setores do ensino estadual, com as principais autoridades no 8º o andar. Era inevitável o recurso aos elevadores que, em número de quatro, partiam do térreo passando sem parar pelos andares que abrigavam a Academia Paulista de Letras. Os elevadores contavam com ascensoristas, destacando-se o que trabalhava no canto esquerdo do hall: um caboclo magro, esperto e brincalhão, o Sebastião.

Numa tarde daquele 1972, lá no Planejamento, eu conversava com alguns colegas, professores que visitavam o local. Um deles, o Prof. Ronaldo Garibaldi Peretti, de Ciências, falava comigo enquanto tomávamos um cafezinho da Dona Conceição.

Olhando pelas grandes vidraças voltadas para o lado da Av. São João alguém ao nosso lado, gritou: “O que é aquilo? Fogo?” Fumaça e chamas começavam a aparecer nos primeiros andares do Edifício Andraus. Aquela tragédia marcou São Paulo que, poucos anos depois, veria a destruição do Edifício Joelma.

Nesses 5 ou 6 anos, sempre tivemos a presença da Secretária Dona Esther, que chegava pontualmente ao térreo, e contava com o pontual e vazio elevador do Sebastião.

Numa dessas tardes, ela ligou para o nosso telefone, na Divisão de Planejamento. Precisava de uma listagem das escolas da capital para uma palestra na manhã seguinte: pediu a cópia para aquela noite, e eu me encontrava sozinho na equipe. Felizmente os aparelhos de escritório funcionaram. Consegui terminar e sair do Arouche antes das 22h!

O comportamento da Professora Esther era regulado por uma observância de horários e condutas. Curiosamente ela sempre exigia que o Sebastião liberasse o elevador, e assim chegava ao seu 8º andar.

Com as mudanças na política estadual, a Dra. Esther deixou o cargo de Secretária da Educação em 1975. Foi publicada a nomeação do Professor Paulo Gomes Romeo, ex-reitor da Unicamp, para o posto.

Avisado, o Sebastião aguardou impaciente a chegada do novo “dono”. Naquela manhã, grande número de pessoas chegava ao prédio da Educação e os elevadores funcionavam regularmente. Já havia subido uns 5 andares, quando alguém lá dentro brincou com o guia: “Sebastião, você deixou o secretário lá no térreo”! Assustado, o ascensorista explicou: não conheço o homem! Mesmo assim não perdeu a oportunidade: ali no 6º andar Sebastião fez todos descenderem. Voltou para o térreo, com o elevador vazio e o Prof. Romeo calmamente esperando. Sebastião ficou feliz pelo resultado da manobra. Conseguiu levar o Secretário mesmo que ele não fosse o “dono” do elevador!

Uma mulher chamada Coragem

Por Ariadne Rodrigues de Moraes

A primeira vez que eu vi a Maria Aparecida foi num dos ensaios do coral. Quando ela chegava marcava presença. Não só por sua altura, que fugia da média da maioria das participantes do grupo, mas por seu sorriso constante. Somente mais tarde vim a saber que esse fato era motivo de bullying por parte de colegas seus de escola e vizinhos que a chamavam de grandona. Aos poucos fomos nos aproximando e iniciando uma nova e grande amizade

Um dia, sentamos para uma conversa e ela me contou toda a sua saga desde a infância sofrida, morando em casa bastante humilde com a família: pai, mãe e três irmãos. De criação bastante enraizada em princípios católicos, foi educada em colégio de freiras, não tendo oportunidade de fazer amigas e poder se reunir e participar de festas e passeios como a maioria das crianças de sua idade. Dessa forma, Aparecida não tinha acesso a informações, discussões diferentes daquelas que recebia na escola, ficando praticamente deslocada da realidade que a cercava.

Aos oito anos, começou a trabalhar como babá. E assim foi, entre escola e trabalhos. Adolescente, foi trabalhar como balconista em lojas no comércio da cidade. Quando terminou o oitavo ano e se encaminharia para o colegial e depois, possivelmente, uma escola técnica ou faculdade, um fato extremamente decepcionante desviou-a de seu caminho.

Conheceu um rapaz que, de acordo com sua descrição, era muito bonito e um conquistador. Aproximou-se dela tecendo fartos elogios, no intuito claro de conquistá-la. Funcionou. Ela ficou encantada e foi envolvida pelas belas palavras. Ele convidou-a para um passeio no sítio da família. Seus pais só permitiram que ela fosse desde que levando os dois irmãos mais novos com ela. E enquanto as crianças brincavam, ele levou-a para um lugar afastado e forçou-a a uma relação da qual ela não tinha a menor ideia, tal era sua ingenuidade.

Quando se deu conta de que seu corpo estava mudando, correu até o padre, seu confessor e contou o que havia acontecido: um pecado em sua cabecinha!

O rapaz tomando conhecimento marcou o casamento. Começava aí o seu caminho de torturas e violências. Morando num sítio, afastada de todos, ele a submetia a surras e todo tipo de violência física e moral. Essas torturas só foram interrompidas durante as três gestações. Mas, como tudo tem um fim, depois de oito anos de tantos maus tratos, ele sofreu um infarto e veio a falecer nos braços dela a quem ele tanto havia machucado.

Viúva, com três filhos pequenos, não esmoreceu. Voltou para a casa da mãe por um pequeno período, até conseguir alugar uma casa para onde foi com os filhos. À custa de muito trabalho, como balconista, faxineira e passadeira foi economizando e comprando material para construir a sua casa. Supervisionando a construção percebeu que estava sendo roubada pelo pedreiro. Não teve dúvidas. Foi até a casa do indivíduo e fez com que ele devolvesse o material que havia retirado da obra. Com a casa apenas com as paredes e a laje mudou-se com os filhos para garantir que nada mais fosse retirado da construção. Era um teto, porém inacabado. E quando chovia, era go-teira para todo lado. Mas ela persistiu e aos poucos foi terminando a parte interna. E com os filhos, pintou, um a um, todos os cômodos.

Com trinta anos, viu o mar pela primeira vez e isso foi tão deslumbrante para ela que fez questão de, a partir de então, levar os filhos nas férias para que também conhecessem aquilo que para ela era um espetáculo da natureza.

Os três filhos estudaram. O mais velho, Rogério, tornou-se técnico industrial que por conta do emprego foi enviado várias vezes à Alemanha com estágios para aperfeiçoamento na área.

A filha, Valéria, formou-se em fonoaudiologia, mas não satisfeita completou o curso de pedagogia, área na qual se dedica até hoje com crianças numa escola de educação infantil.

O mais jovem, Fernando, que sempre sonhara ser engenheiro agrônomo foi convidado pelo irmão mais velho a trabalhar com ele na mesma empresa.

Aí entra a mãe, zelosa pelo sonho do filho e aconselha-o a estudar, prestar vestibular e fazer aquilo que ele tanto sonhava desde pequeno. Ele presta o vestibular passa nos primeiros lugares e hoje é um PhD em agronomia, convidado por algumas instituições para fazer parte do corpo docente das mesmas. Nesse ínterim, ele também convida a mãe a cantar com ele e a sua noiva no coral da escola.

Esse mesmo filho ensinou a mãe a utilizar o computador. E é por meio dele, numa sala de bate-papo de um grupo religioso, que ela conhece Francisco. Entre idas e vindas dele à cidade, ele consegue um emprego numa multinacional e passa a viver com Aparecida. Ele foi muito bem aceito pelos filhos dela, com quem manteve um bom relacionamento como se fossem seus próprios filhos, mas num acidente de moto, Aparecida fratura um dos ombros o que acaba tirando-a do trabalho. Coincidentemente, Francisco perde o emprego e passa a ficar em casa para cuidar dela até que ela se recuperasse, quando, ele compra uma Van e os dois iniciam um trabalho de transporte de crianças para as escolas.

Aos poucos, Francisco foi ajudando na finalização da casa: muros ao redor da mesma, que ficava num terreno no meio da mata. Terminou a parte externa incluindo a pintura e finalmente eles tinham a casa sonhada terminada.

A vida seguia seu curso, agora com os filhos casados e com netos pra alegria da família. Mas, de repente, Francisco descobre um nódulo no peito. Correm com exames, tratamentos, muito sofrimento e em dois anos ele falece, deixando Aparecida viúva novamente. Foi um baque muito grande porque os dois viveram muito felizes por quinze anos, diferentemente do primeiro casamento.

A vida continua. Hoje, Aparecida embora sozinha, vive feliz com os três filhos, as noras e o genro e quatro netos e com o quinto pimpolho a caminho para completar essa família que, apesar de todos os percalços, contrariedades e adversidades permaneceu unida, firme e forte, graças a força e a coragem dessa mulher guerreira e batalhadora.



Foto: Divulgação

Madre Teresa de Calcutá



Foto: Divulgação

Margaret Thatcher

“Quem julga as pessoas não tem tempo para amá-las.”

[MADRE TERESA DE CALCUTÁ]



Foto: Divulgação

Elis Regina



Foto: Divulgação

Princesa Diana

A empregada da Pensão do Brás

Por Mara Beatriz Menegotto de Vasconcelos

Antônia era uma morena alta, raramente sorria, devia ter uns 32 anos, silhueta delgada. Ninguém poderia dizer que era bonita, muito menos feia.

Estava em São Paulo, naquele ano de 1962, viera trabalhar e tentar mudar sua vida, trilhada em caminhos solitários, difíceis para uma mulher solteira, naquele tempo em quaisquer lugares. Principalmente para ela, vinda daquela pequena cidade do interior, Jundiapéba.

Lá deixara uma família numerosa, humilde, onde as figuras dos pais criaram um sustento de corpo e alma.

O tempo passara e nada acontecera na vida da moça. Nenhum namoro, nenhuma perspectiva de trabalho ou qualquer desígnio de um futuro melhor. Somente ajudava sua mãe nas tarefas domésticas e no roçado da família, os passeios eram raros, consistiam da ida à missa aos domingos e um cinema às vezes.

No mais, uma festa de algum parente, lá nos confins dos campos.

Agora, andando pelas ruas daquele bairro promissor, o Brás, cheio de lojas lindas, cinemas, restaurantes, bares e tantas pessoas bem vestidas, parecia estar em outro mundo.

Antônia deixara sua mala na casa de uma tia, num bairro distante e ali procurava cartazes de empregos.

Na Av. Celso Garcia, nada encontrou, meio sem querer seus passos a levaram para uma rua paralela, cheia de lindas árvores e casas, a rua Dr. Carlos Botelho.

Só viu uma venda, logo chegou num sobrado onde havia um cartaz:

“Precisa-se de empregada doméstica”.

Tocou a campainha, sem demora uma jovem senhora abriu a porta e convidou-a para entrar.

O sobrado era amplo e percebeu tudo era muito asseado.

Era uma pensão familiar que alugava vagas para rapazes de fino trato. Ficou meio embaraçada pelo fato, sempre ouvira histórias escabrosas de pensões, mas logo se recompôs.

O trabalho consistia em arrumar os quartos diariamente cuidando da roupa de cama e limpeza em geral.

Eram cinco quartos, desses, três na parte superior ocupados por sete hóspedes e os outros dois no térreo eram individuais, ou seja só com dois hóspedes.

Dona Maria das Dores empregou-a após a entrevista, agradeceu, passando confiança. Antônia iria ocupar um quatinho nos fundos do sobrado, uma edícula no quintal pegado à lavanderia.

Assim, nem bem chegara naquela imensa cidade, afortunadamente já conseguira trabalho, casa e comida. Uma vida diferente anunciava-se. Nem dava para acreditar.

Naquela noite, ela rezou para Nossa Sra. de Aparecida do Norte, agradecendo muito, pedindo proteção. Estava feliz e ansiosa com a expectativa dos novos tempos, porém era uma pessoa bem amadurecida, disposta a trabalhar duro, com afinco, não estava com medo.

Fora educada com a ideia de que o trabalho é tudo e a humildade sua companheira.

Calada, quase sisuda, sabia que não podia ficar demonstrando muitos sentimentos ou emoções, sua natureza assim era.

Passado uns três meses, tudo ia bem, parecia mais jovem, animada, enfim satisfeita.

A família da dona da pensão era muito boa, a tratavam com respeito e cordialidade.

Havia o marido, o Sr. João que trabalhava no centro da cidade, na Praça da Sé, era gerente de uma loja de sapatos; também havia uma menina de 11 anos, Alice, delicada com olhos grandes e curiosos.

Antônia era muito bem tratada pela pequena família e também pelos hóspedes, realmente pode constatar que eram mesmo, de fino trato.

Os dos quartos de cima do sobrado eram jovens que trabalhavam em fábricas, editoras de livros e bancos. Rapazes vindos do interior do estado de pequenas cidades do interior paulista, iguais a ela.

Na parte inferior, haviam dois senhores.

O do quarto da frente era o Sr. António, um espanhol de 46 anos, representante de um laboratório, esse costumava viajar muito e assim o quarto não exigia muitos cuidados.

O aposento do meio, entre a última parte que seria a sala, devidamente transformado em um quarto, era ocupado pelo Sr. Américo, um português de Trás-os-Montes; devia ter uns 48 anos, muito trabalhador, proprietário de uma padaria no Jabaquara. Aparentava até mais idade, alto, magro, moreno queimado de sol, feições um pouco rudes, talvez por sempre estar muito sério, de cara fechada, como se dizia.

Usava os cabelos penteados para trás, devidamente alisados com *Gumex*, um tipo de creme que dava brilho e firmeza aos fios mais rebeldes. Sempre bem vestido com terno, engravatado, sapatos sempre engraxados.

Esse personagem era solteirão, o tempo e o labor assim o tornaram, aliado ao fato de sua natureza tímida, introvertida.

O Sr. Américo tinha o hábito quase estranho de deixar notas de dinheiro, espalhadas pelo seu quarto: sobre a cama, criado mudo, nas roupas e até caídas pelo chão.

Isso era uma preocupação para dona Maria das Dores pelos problemas decorrentes, acaso um extravio ou mesmo um furto no seu estabelecimento, fora a responsabilidade pela imagem e sucesso do negócio. Foi um alívio quando pode confiar em Antônia para esta tarefa de cuidar do quarto. A empregada sempre muito séria e calada, passava uma sensação de sobriedade e respeito, uma imagem honesta de ser.

Alice, a menina filha da Maria das Dores, tinha muita facilidade em interagir com todos, dentro e fora da pensão. Muito conversadeira e observadora, possuía uma imaginação fértil, além de ser leitora assídua de fotonovelas. Muitas vezes acompanhava Antônia durante suas tarefas.

O fato da empregada ser calada incentivava a menina falar muito, criando verdadeiras histórias mirabolantes com sua prodigiosa imaginação.

Alice tinha o mesmo comportamento com quase todos hóspedes, sabendo da vida de todos e tecendo muitos cenários em sua mente cheia de ideias.

Um dia, enquanto Antônia arrumava o quarto do Sr. Américo, Alice disse:

– Você percebeu como ele te olha?

Antônia enrubesceu, ficou constrangida balançando a cabeça negativamente.

Passado alguns dias, a moça antes sisuda, ajeitava o travesseiro e a colcha do Sr. Américo, com um certo desvelo quase um carinho, seu olhar andava perdido como se os pensamentos voassem nas nuvens branquinhas de um céu bem azul.

Por outro lado, a menina andando pela casa, enquanto segurava o seu boneco de louça, o Bobby, soltava frases insinuosas ora com um, ora com outro, em separado... brincando também com os sentimentos.

O Sr. Américo começou chegar mais cedo do trabalho, aparecia com ternos novos, além do *Gumex* nos cabelos, usava um perfume muito conhecido de todos os pensionistas, famoso pelo seu forte cheiro, o *Lancaster* que passou a impregnar todo o caminho por onde ele passava. O sobrado rescendia a *Lancaster*, já causando um certo mal-estar e enjoo aos seus moradores.

Toda a moradia começou também a vibrar com uma voz maravilhosa de uma fadista, **Amália Rodrigues**, cantando alto, repetidas vezes uma mesma canção: *Nem as paredes confesso*. Isso tudo saía de uma vitrola do interior do quarto ou d'alma do português.

Antônia parecia ter mudado d'água para o vinho, o cabelo sempre bem penteado, o andar mais elegante, agora vestida com uma saia um pouco mais justa, blusinha estampada com flores, um batom rosado nos lábios.

Sorria, uns sorrisos pequenos, perceptíveis, parecia viva, solta. Ficava bonita.

Surpreendendo a todos, um belo dia, Antônia e Américo se casaram em Jundiapéba.

Toda a família da noiva participou, tudo custeado pelo noivo: a cerimônia, a festa, um lindo vestido comprado na rua São Caetano, com todos os acessórios mais um conjunto de colar e brincos de pérolas.

Foi um casamento de princesa.

Ao voltarem da lua de mel em Poços de Caldas foram morar numa linda casa no Jabaquara, perto da padaria.

Todas essas novidades foram contadas minuciosamente pela própria Antônia, ao visitar Maria das Dores lá na pensão enquanto abraçava a pequena Alice.

Pouco tempo depois chegou Alisson, o bebê que recebeu esse nome em homenagem à Alice, menina-cupido.

Maria das Dores ficou feliz pelo casamento da sua funcionária, apesar do desapontamento com a perda da ajuda tão importante para a pensão.

Os dias passaram e uma nova empregada foi admitida, a Edna, vinda do interior da Bahia.

Algumas semanas depois ouvia-se Maria das Dores gritando alto, em bom tom:

– Alice... Alice... onde você está? Deixa a Edna trabalhar...

Confidências de um advogado

Por Alberto Gabriel Bianchi

Tive vários clientes em meu escritório na época em que exerci a nobre profissão de advogado e que muitas vezes tinha que me tornar, também, psicólogo ou padre.

Ouvi inúmeras histórias dos meus constituídos. Algumas simples de serem resolvidas, outras complexas e até trágicas. E tive a felicidade de escutar coisas fantasiosas, coisas de arrepiar, interessantes, bonitas e aprendi coisas diferentes durante aqueles tempos.

Trabalhei em muitas causas de amigos, parentes, empresários, pessoas que nunca havia visto, políticos e outros que não me lembro.

Depois de muito tempo nesta jornada, uma jovem com aproximadamente 21 anos de idade apareceu no meu escritório para uma consulta.

Como sempre, solicitei que a jovem sentasse e passei a ouvi-la.

Disse-me chamar-se Beatriz. Quando ela começou explicar sua situação, narrando os fatos, lembrei-me que ela era filha de um dos meus clientes antigos, quando ela devia ter aproximadamente 16 ou 17 anos de idade.

Achei interessante sua história e por isso resolvi escrever.

Disse ela estar com um problema muito sério e que precisava de um advogado.

Continuando a narrativa: contou-me que estava grávida e que o pai do nascituro é casado e tem dois filhos, um com 21 anos e uma moça com 18 anos de idade. Um empresário bem sucedido e muito conhecido na região e gostaria de saber o que fazer.

Orientei-a que contasse a seus pais e conversasse com ele, o genitor da criança, no sentido de saber sua opinião sobre o fato e qual o caminho a ser tomado.

Caso o pai não aceitasse, o reconhecimento da paternidade poderá ser feito de duas maneiras: espontânea ou judicial, que é quando o genitor não está disposto a assumir a paternidade bio-

lógica de alguém de forma espontânea, esta pode ser conseguida por meio de uma ação judicial de investigação de paternidade.

Atualmente, o exame laboratorial de DNA tem peso decisivo em processos dessa natureza.

Agradeceu e disse que iria para casa conversar com seus pais e pensar o que seria melhor para ela.

Ainda insegura, voltou ao escritório e contou outros problemas pessoais. Na verdade, desabafou e, aí, entra o psicólogo ou o padre.

Disse que tinha um namorado e quando ele ficar sabendo da gravidez, vai me abandonar e sou apaixonada por ele. Visita-me sempre e não sei como sair dessa. Não sei nem o que falar e como falar. Esse outro amor é muito importante na minha vida.

Aconselhei-a a contar para o namorado novo o quanto antes para não alimentar ilusões e nem criar expectativas difíceis de serem sanadas no futuro.

Ela: Conheci-o em função de um incidente na rua, em que ele bateu a cabeça num galho de árvore na beira da calçada e gritou “ai”, de tanta dor. Eu e algumas amigas estávamos próximas e rimos por acharmos engraçado. Perguntamos de onde ele era e o que estava fazendo na cidade. Ele foi muito simpático e com um largo sorriso disse que tinha um pouco de pressa no momento, uma vez que seus amigos o esperavam para uma pescaria. Volto amanhã para conhecer melhor a cidade.

No dia seguinte disse-me estar passeando e perguntou o que tinha de bom para se fazer na pequena cidade.

Respondi que tínhamos muitas atrações, mas a melhor seria um baile na noite seguinte. Na noite do dia seguinte, na hora do baile, percebi que ele estava na portaria, tentando entrar e dei um oi para ele. Aproximamo-nos e dançamos a noite toda. E aí tudo começou.

Foi embora e nem deixou seu nome, telefone. Imaginei “é mais um aventureiro”.

Alguns dias depois ele apareceu, ocasião em que trocamos dados como, telefone, endereço e outros.

Assim começamos nossos encontros. No começo, muitos beijos, muita delicadeza no trato.

Os encontros foram maravilhosos e com muito amor. Ele dizia coisas fora do comum e isso me deixava encantada e fui me apaixonando cada vez mais. Falava que queria casar-se e que eu era a mulher perfeita para ele.

Depois dessa louca paixão e uma longa ausência, aquele velho ditado “a carne é fraca”, fui sair com um homem casado e me envolvi com ele em dois encontros e, quando percebi, estava grávida. Quando descobri que estava grávida, não tive coragem de contar a verdade. Isso me doía na consciência.

Explico para o doutor a razão de ter acontecido meu grande amor, desta forma, no meio da rua. No começo do meu namoro com o moço que bateu a cabeça na árvore, nossos papos eram deliciosos e nosso amor efervescente avançou muito e, em algumas tentativas de um relacionamento mais íntimo, eu disse para ele que era virgem (eu menti) e ele disse que não saía com virgem, nunca me contou as razões.

Disse-lhe: Trabalho na Prefeitura como recepcionista e tenho uma sala com mesa, cadeira um vaso de flores e um telefone. Se possível vá me visitar.

Num dos encontros, eu disse a ele: a partir de amanhã deixarei sobre minha mesa de trabalho uma rosa branca no pequeno vaso com água. Ela simbolizará que ainda sou virgem. Só nós dois é que sabemos. É nosso segredo. História de doido essa....

Toda vez que me visitar olhe para o vaso: se a rosa continuar branca é porque ainda sou virgem e quando perceber que a mesma ficou vermelha é porque não sou mais, combinado? Vamos ver se assim consigo ter você para mim algum dia.

Ele achou maluca a proposta, no entanto disse que iria esperar acontecer.

Dois meses depois veio me visitar, entrou e ficou olhando perplexo o vaso de flor e percebendo que havia uma rosa vermelha ficou ruborizado e mudo. Acho que nunca imaginou que eu levaria avante esta ideia absurda.

Percebi que diante do fato ficou perdido, desorientado e ao mesmo tempo parecia encantado. Cumprimentou-me, parecia estar trêmulo e disse poucas palavras, pediu desculpas e foi embora.

Pensei: acho que espantei o moço.

Demorou alguns meses para ele telefonar.

E de repente, apareceu e fiquei feliz, porém com um sério problema de consciência.

O encontro com o homem casado ocorreu nestes meses que o meu amor desapareceu e o que fazer? Este foi o meu dilema, doutor...

Algum tempo depois, criei coragem e contei chorando que estava grávida. Ele me consolou e disse, “Fazer o quê?” Fiquei espantada com a atitude.

A criança nasceu e um ano depois nos encontramos e tentamos novamente manter nossa relação.

Não foi fácil, mas conseguimos.

Nas vezes que me visitava, marcávamos um encontro sempre no mesmo lugar, ou seja, na praça principal ou no lugar de exposição ou feira da cidade.

Fomos nos envolvendo, trocando beijos e carícias até que nos apaixonamos, quando ele começou a falar em casamento ou até mesmo, fugir. Fiquei preocupada, uma vez que tinha uma criança e não sabia o que ia acontecer comigo em relação à criança e o seu pai biológico que até então não havia se manifestado em relação a paternidade.

Num de nossos encontros levei-o para passear pela cidade e em determinado momento, pedi para parar o carro e loucamente beijei-o com muito ardor e percebi que estava descontrolada e totalmente apaixonada, uma vez que não tinha nenhuma esperança em relação ao pai da criança que estava esperando, por ele ser casado. Uma doideira que culminou com o mais bonito ato do amor. Um êxtase jamais imaginado, ele me fez mulher de verdade e me deu o maior dos prazeres. Fiquei louca. Ele suspirou e disse: “até que enfim aconteceu...” Foi a melhor noite da minha vida e parecia que o mundo ia acabar. A louca paixão tomou conta de nossos corações e fizemos muitas juras de amor.

Depois vieram outros encontros:

– fizemos uma viagem de trem e foi um passeio maravilhoso, parecendo duas aves apaixonadas fendendo os ares, e que viveriam eternamente juntas e que valeu a pena.

– uma vez marcamos um encontro numa estação ferroviária e ele atrasou para chegar, deixando-me a sós na escuridão. Mas valeu a pena o passeio, uma vez que ele me levou para um hotel e me fez feliz, muito feliz.

– e assim foram vários encontros estonteantes.

Num determinado momento, tivemos que nos afastar um do outro, por problemas particulares dele. Ficamos muito tempo sem nos ver e eu me afastei para cuidar da minha vida, meu filho e arrumar um emprego.

Depois de muito tempo, lembrei dos conselhos dados pelo advogado e resolvi procurá-lo no seu escritório para solicitar que entrasse na justiça para requerer que fosse feito o exame de DNA, uma vez que o pai que havia dito que iria reconhecer a paternidade e nunca tomou a iniciativa.

E assim foram tomadas todas as providências legais.

O Juiz marcou data e local para o referido exame que seria feito em São Paulo.

Posteriormente arrumei um namorado e um tempo depois resolvi casar e viver com meu marido, com a vida definida.

Fui novamente ao escritório do advogado para agradecer e para dizer-lhe que casei e meu atual marido é irmão do meu filho, ou seja, o pai do meu filho é meu sogro e, meu filho é, também, meu cunhado.

O advogado ouviu espantado e sabem o que me disse: “Meu Deus! Beatriz, que história! Por favor, escreva um livro sobre sua vida e um dia venha me presentear”. Não dá para acreditar e nem dormir com um barulho desses.

Esse foi de fato nosso último encontro, uma vez que nunca escrevi um livro e nem desisti do casamento.

No escritório ouvi muitas histórias tristes, violentas entre marido e mulher, fiz muitos processos de divórcio e, alguns, com final feliz. Porém este caso ficou marcado na minha mente por ter sido surreal e se tratar de uma jovem airosa, elegante, provocante, pele morena, cabelos pretos, voz serena, com muita educação e simpatia extrema, talvez muito assediada e sorriso contagiante a todo instante. Cheia de vida e radiante alegria. Tolerante e amorosa.



Foto: Divulgação

Maya Angelou



Foto: Divulgação

Amália Rodrigues

“Eu adoro ver uma garota sair e conquistar o mundo pelas lapelas. A vida é escrota. Você tem que encarar e quebrar tudo.”

[MAYA ANGELOU]



Foto: Divulgação

Rosa Luxemburgo



Foto: Divulgação

Ella Fitzgerald

Empoderamento pessoal na conquista da longevidade saudável

Por Rosmeire Paixão

“A base do meu trabalho é o amor que vejo em cada ser humano e a percepção do enorme talento que me foi dado por Deus para ajudar as pessoas a descobrirem a extraordinária força que existe dentro delas fazendo-as perceber o quanto são fortes e capazes e que podem possibilitar transformações importantíssimas em suas vidas pessoais e familiares”.

Sabemos que o envelhecimento é um processo biológico, acontecendo inevitavelmente com o passar do tempo e que independe de doenças. Nós mulheres, sabemos nos preparar para esse período como nenhuma outra espécie da natureza. Nunca desistimos de ser feliz, de viver com autonomia e participar cada vez mais da convivência social.

Atualmente, os especialistas no estudo do envelhecimento referem-se a três grupos de pessoas mais velhas: os idosos jovens, os idosos velhos e os idosos mais velhos. O termo idosos jovens geralmente se refere a pessoas de 65 a 74 anos, que costumam estar ativas, cheias de vida e vigorosas. Os idosos velhos, de 75 a 84 anos, e os idosos mais velhos, de 85 anos ou mais, são aqueles que tem maior tendência para a fraqueza e para a enfermidade, e podem ter dificuldade para desempenhar algumas atividades da vida diária (Papalia, Olds & Feldman, 2006). As pesquisas revelam que o processo de envelhecimento é uma experiência heterogênea, vivida como uma experiência individual. Enfim, idoso é o sujeito do envelhecimento.

O estímulo ao empoderamento, à capacidade das pessoas se verem como cidadãos é fundamental. As mulheres no geral, têm toda a importância quando se fala em apoio emocional, no qual

envolvem expressões de amor e afeição e está associada a desfechos positivos na vida de todos ao seu redor. Essa relação com sentimentos positivos, amorosidade, doação ao outro e comprometimento, também foi encontrada em vários estudos, nos quais o viver alegre e com harmonia, ou seja, com bem-estar psicológico, estão entre os aspectos que relacionam ao envelhecimento bem-sucedido e saudável. Ao longo da vida, não conseguimos processar as coisas ruins em nosso cérebro, por isso não as compreendemos e isso nos causa desequilíbrio, por isso a importância das boas emoções e do viver em equilíbrio psicológico, o que ajuda a subir para estágios superiores da mente trazendo tranquilidade e paz de espírito.

Se você passou quase metade da sua vida cultivando hábitos errados ou que nada contribuem para a conquista de uma vida saudável, a primeira coisa que você precisa saber é como mudar hábitos, dar o primeiro passo saindo da contemplação e passando para a ação. Certamente, a criação de um novo hábito não é nada fácil. Substituir um hábito ruim que vem praticando há anos por outro melhor então, menos ainda, mas somos os maiores responsáveis pela nossa longevidade saudável.

Quer algumas dicas?

1. Movimento – Tanto no sentido físico, como na vida. Mudança no ambiente, *na rotina* e exposição a coisas novas e situações diferentes.
2. Comunicação interpessoal – bom relacionamento com várias pessoas de diferentes idades e conhecimentos (troca de informações).
3. Cooperação e valorização – Trabalhos em grupos e liderança que saiba valorizar a cooperação do outro.
4. A prática do “*dar e dar*” e não do “*dar para receber*” como moeda de troca.
5. Saia da zona de conforto – se colocar numa posição tensa.
6. E por último e mais importante: *O entusiasmo em tudo é contagiante.*

Todo conhecimento pode contribuir para que tenhamos uma vida melhor, usufrua disso imediatamente.

Elvira Fleury De Camargo Bee

Por Fábio Spina

Como falar de alguém tão importante para mim, Dona Elvira, que era como eu a chamava, foi vizinha da minha família de 1969 a 1975, eu nasci em 1970, ela era a minha avó por adoção.

Dona Elvira me acompanhou durante a infância, ela tinha um ateliê de costura em sua casa, onde dava aulas, e eu fugia da minha casa, pelo quintal, quando era pequeno e ficava na casa dela acompanhando.

Ela me contava histórias, lia para mim, e me ensinou a ler e escrever antes de eu entrar na escola. Por toda a minha vida, os laços estreitos da amizade entre minha família e ela duraram. Dona Elvira chegou inclusive a dividir apartamento com meu irmão na década de 80.

Elvira Fleury de Camargo era seu nome de batismo, ela era filha de Paulo Fleury de Camargo e Ana Amélia de Silveira Camargo, nascida em 1912 e faleceu em 2004 então com 92 anos. Ela era a única filha mulher de Paulo, e eles eram muito parecidos e por isso brigavam muito. Segundo ela, “dois bicudos não bicam”. Quando adolescente ela queria ser construtora, construir casas, mas mulheres nesta época não seguiam esta profissão e poucas estudavam, mas Elvira era exceção à regra, seu pai queria que ela fosse professora, ela não concordava com isso, mas de birra, tirou as notas necessárias para tanto, mas nunca exerceu a



profissão de professora tendo ensinado as letras apenas para mim, mas Elvira não parou por aí, ela foi para faculdade, coisa rara para mulheres naquela época – década de 30. Elvira se graduou em farmácia, contou-me que na época tinha ela e uma outra mulher na faculdade inteira. Ela comentou ainda que foi amiga de classe do italiano José Milani e amiga de sua esposa chamada Gessy. O José Milani era o dono da fábrica de sabão em Valinhos que tinha o sabonete Gessy em homenagem a sua mulher. Hoje em dia esta fábrica e esta marca pertencem ao grupo Unilever.

Dona Elvira ainda me contou que ela foi a segunda mulher a tirar a carteira de motorista em Jundiaí, ela me falava da primeira que infelizmente, eu não me lembro o nome.

Depois da faculdade, Elvira foi trabalhar na empresa Bombyx Mori em Jundiaí, esta era uma empresa de criação de bicho de seda, e fabricação de seda. Elvira foi coordenadora das mulheres que cuidavam da criação, ela comentava que as mulheres não poderiam ter unhas compridas para não machucar as lagartas.

Uma grande paixão de Elvira eram os cavalos, ela adorava cavalgar. Sua família morava em uma chácara onde hoje é a Rua Baronesa do Japi, e ela me contava que tinha uma outra propriedade onde ficavam os cavalos que hoje é o local da Escola Bispo Dom Gabriel, o antigo Instituto de Educação.

E foi sua paixão por cavalos que a levou ao casamento. Como falei, a família dela estava instalada em uma chácara onde é hoje a Rua Baronesa do Japi, Elvira ia trabalhar a pé na Bombyx Mori que ficava na Rua Bom Jesus de Pirapora, em meio a este trajeto ela passava por uma casa e se apaixonou por um cavalo que estava na mesma, decidida ela começou a bater palmas na casa e tentar comprar o cavalo. Os donos da casa lhe disseram que o cavalo era de seu filho João Bee, que era jockey em São Paulo, e que o cavalo não estava à venda. Não contente com esta resposta ela quis saber quando o filho estaria em casa, pois ela gostaria de conversar com ele sobre a proposta de compra do cavalo. Seus pais comentaram que o filho estaria em casa no final de semana, e assim ficou combinado, ela retornaria ali no final de semana para conversar com o João.

No final de semana, lá foi Elvira bater em frente da casa novamente e chamar o João, e por horas eles discutiram e não havia modo de João vender o cavalo para ela, depois de um certo tempo, ele disse: “Este cavalo só vai ser seu se nos casarmos!”, Elvira olhou ele bem nos olhos e retrucou: “Pode marcar o casamento, o cavalo é meu”. E foi assim que ela se casou.

Elvira e João foram casados e felizes por muitos anos. Elvira engravidou, mas teimosa como

era não escutou a recomendação médica e continuou a andar a cavalo, o que a fez perder o bebê e sua capacidade de ter filhos, uma tristeza, mas a vida seguia.

Eles fizeram uma viagem de motocicleta saindo de Jundiáí, indo para a Argentina, Uruguai e Paraguai na década de 50, algo que ainda hoje não é simples de se fazer.

Outro revés na vida de Elvira ocorreu, ela adorava frutas especialmente jaboticaba, mas foi um coquinho que levou uma vista dela. Ela estava debaixo de um coqueirinho e um coquinho, daqueles amarelinhos, caiu bem em cima de seu olho direito. Foi atendida às pressas no hospital e levada para Campinas ao Instituto Penido Burnier, referência em oftalmologia, mas, mesmo assim perdeu o globo ocular e passou a utilizar um olho de vidro.

Na mesma época, João contraiu uma doença pulmonar na empresa que ele estava trabalhando, e procurando um local de vida melhor, eles se mudaram para São Sebastião, tinham um pequeno sítio que dava vista para o mar, foram muito felizes durante este tempo, tiveram vários amigos lá e receberam várias pessoas em casa, inclusive o cantor e humorista Juca Chaves.

Ela não se desanimou, estudou e começou a trabalhar com costura, teve uma das primeiras máquinas de costura elétrica em Jundiáí, e foi convidada da Vigorelli para ensinar mulheres a utilizar este novo tipo de máquina. Nesta época, Elvira tinha um ateliê de costura na Galeria Bocchino na década de 60.

Seu João Bee faleceu em 1971, quando eu tinha um ano apenas, segundo minha sogra ele adorava música e era muito divertido.

Depois que nos mudamos, Elvira também se mudou, ela teve diversos lares, como estava sozinha procurava companhia. Morou com a “Tota” que era dona de uma casa de repouso, morou com uma mulher chamada Neusa que era muito divertida, morou sozinha em uma casa na Rua Jorge Zolner por um tempo, lá eu ajudava ela com sua horta, morou com meu irmão mais velho em um apartamento, depois foi morar com a Dona Donata Cereser, e como sua idade ia avançando ela resolveu se mudar para a Cidade Vicentina, lá era morou por um bom tempo em uma das casinhas e trabalhava na farmácia do local. Ela não quis morar com mais ninguém, sempre fora independente e não queria ser um fardo para ninguém, mesmo que para nós ela não fosse.

Sua visão esquerda foi se atrofiando com o tempo, ela tinha muita dificuldade para enxergar, nesta época eu arrumava lupas para que ela conseguisse ler as letrinhas miúdas dos medicamentos na farmácia.

Para alegria dela, eu comecei a namorar e depois me casei com a Stela, sua sobrinha neta. Para mim, até hoje é estranho ouvir Tia Elvira. E também da diferença do relacionamento da minha esposa com ela, para Stela a Tia Elvira, era a tia séria, inteligente e que não gostava de bagunça, e para mim, a Dona Elvira era uma vó, que dormia comigo quando eu era pequeno e me contava historinhas.

A idade foi chegando e Dona Elvira da casinha se mudou para enfermaria na Cidade Vicentina, e não trabalhava mais na farmácia. Mas sempre íamos visitá-la e ela também vinha passar temporada conosco em casa. Sua visão nesta época já não ajudava mais, então eu passei a ler para ela, retribuindo o tanto que ela leu e me ensinou durante minha vida. Líamos de tudo, até os dois primeiros Harry Potter ela acompanhou, mas a paixão de Dona Elvira era a vida de Jesus, li diversas biografias sobre Jesus em voz alta para ela.

Enfim ela nos deixou, pediu-me que seu caixão ficasse fechado e que eu colocasse uma foto dela em cima do mesmo. “Se não vinha me visitar em vida, que não venha agora no velório me ver morta” dizia ela, foi duro convencer minha sogra, mas foi assim seu funeral, abriu o caixão apenas para última despedida e para oração final.

Descobri depois de um tempo que Dona Elvira é uma parente distante minha, pois a Avó de Dona Elvira é irmã de um de meus Tataravôs paternos, ou seja, tínhamos o mesmo sangue.

Muito do que sou vem dela, ela era muito mais do que uma avó adotiva, era minha mentora intelectual e espiritual, uma companheira de todas aventuras, uma mulher forte e sempre à frente de seu tempo, independente, da qual eu tenho muito orgulho de ter conhecido e muita honra dela ter feito parte da minha vida. Infelizmente, ela não me viu como escritor, meu primeiro texto saiu em 2006 e era a história de uma gatinha chamada Cyborg, que foi de Dona Elvira, tenho certeza que, de onde ela estiver, ela sempre me acompanha.

Com amor,

Fábio

De Dolorosa à Gloriosa

Por Susana Bueno de Souza



Foto: Divulgação

Foi lhe dado o nome de Maria Dolorosa e sua história eu brevemente relatei no livro *Todas as Mulheres* (2016) dessa mesma editora.

D. Maria se tornou uma mulher vitoriosa, pois construiu uma grande família, carregou com fé e força sua trajetória de imensas lutas.

Dona de um saber puro, regado à intensa observação do cotidiano, sempre dizia que na vida, só não havia dado tempo de se dedicar a aprender ler e escrever, mas que pode educar a todos os filhos para que eles soubessem.

Aniversariava no início de janeiro e, a cada ano, os amigos e familiares festejavam com especial alegria a idade nova daquela avó de todos.

Os noventa anos para ela, não pareciam carregar o peso que os poucos que chegam em tão longínqua idade apresentam.

A festa dos noventa e cinco anos foi celebrada com imensa alegria.

Só nonagenária pode realizar o sonho de viajar de avião, que o fez com a leveza e o contentamento de quem recebe um presente surpresa, sem qualquer angústia ou medo, pois a vida lhe havia dado um tempo longo para o enfrentamento deles.

Mas, o que nunca havia vivido fora o silêncio do mundo, advindo de uma pandemia.

Nunca havia sido tolhida de visitas, de abraços e carinhos de amigos e familiares.

Seu corpo já fragilizado pela idade, enfraqueceu-se e perdeu parte de sua energia.

Quando o covid levou dois de seus netos, que tinham metade de sua idade, sua constante resiliência frente às perdas da vida, não se mostrava mais presente. Aos noventa e sete anos, essa era uma dor que não esperava vivenciar.

Dia a dia, de seu jeito sábio, porém agora com seu corpo tão enfraquecido, foi discretamente se desligando de seus afazeres, silenciando suas palavras, deixando apenas um sentimento de clara gratidão com a vida, quando recentemente completara noventa e oito anos.

Em seu íntimo, sabia que seu ciclo estava se findando nesse plano terrestre.

E assim, de maneira lúcida e tranquila, fez sua passagem ao plano espiritual.

Há pessoas que são inesquecíveis por seus feitos acadêmicos, outras se tornam memoráveis por suas conquistas e descobertas, porém, há um pequeno e raro grupo de pessoas, que conseguem se tornar inesquecíveis pelo simples fato de terem participado ativamente da vida.

D. Maria Dolorosa de Melo foi uma dessas raras pessoas. Uma mulher gloriosa, que sempre servirá de inspiração àqueles que tiveram o privilégio de sua convivência.

Descanse em paz!

A esperança já morreu ou morrerá? De morte “matada” ou “morrída”?

Por Kaity Berlini

São tempos sofridos no mundo todo e no Brasil o sofrimento tem sido maximizado pela ausência de um Estado competente, sério e ético e pela presença incontestável de um Estado chefiado por um “sádico elevado à enésima potência”, portanto, um Estado sádico. É um circo de horrores que piora a cada dia. Estou em isolamento social desde março do ano passado, ou será o retrasado?, realmente não tenho certeza... e já alcancei um estado do qual não sei como rotular o que sinto, pois tem sido uma massa de sentimentos: *tristeza, indignação, medo, revolta, desânimo, asco, irritabilidade, fracasso, exaustão, desencantamento, cansaço, descrença, solidão, ira, apatia, incompreensão, mau humor, ceticismo, depressão, desespero, impotência...* Tem muitos outros sentimentos, mas estão tão, tão amalgamados que não sou capaz de identificar todos. Tenho ido dormir e tenho acordado quase todos os dias com um mesmo sobressalto, que também não sei definir, é como se a morte e a vida estivessem numa intersecção de realidades, ali, fragilmente dependuradas num varal quase invisível por prendedores de roupas quase rotos, carcomidos pela ferrugem. Diariamente busco observar longamente minhas gatas na esperança de que a contemplação me contamine com suas tranquilidades, tem sido em vão, não me sinto tranquila, tenho sido o par escolhido pela inquietude momento a momento, para uma dança lenta cujos passos desconheço e portanto, obrigada a ser passivamente conduzida. Ah, e sequer existe música tocando, ao menos eu não tenho sido capaz de escutar. É só a mesma e tediosa dança e o silêncio. É curiosa e paradoxal, uma das poucas certezas que ainda tenho, a de que minhas gatas salvam-me da loucura dia após dia mesmo que eu fale com elas incessantemente, como se gente

fossem. São melhores que muita, muita gente. Talvez sejam melhores que toda gente... é, são! Ainda assim, não me entrego, busco outras maneiras ou seria melhor dizer técnicas?, não, talvez a palavra mais precisa seja, fugas, sim, fugas... dessa terrível atualidade, é quando lanço mão de rezar. Aqui tenho que confessar, quando termino raramente lembro se comecei o Pai Nosso pelo princípio ou se misturei com a Ave-Maria. Então não havendo conserto nisso vou aceitando as falhas de memórias racionalizando que são resultantes da minha deficiência de B12. Após rezar apelo para a respiração lenta e profunda, 1, 2, 3, 4... vezes e por mais que possa parecer que esse meu relato é um exagero, juro que tem sido árduo encontrar a fluidez necessária para o ar entrar nos pulmões. Pois sim e forçosamente entrando, arde! Muitas vezes tenho chorado sem que consiga evitar, pois só me dou conta quando a aquosidade das lágrimas já embaçou minha vista. É quando na sequência instala-se um mesmo nó górdio na garganta, que já não ousa tentar desatar, porque as poucas vezes que tentei, vieram os soluços. Tento também banhos quentes no escuro, tem seus efeitos, um pequeno relaxamento, mas ao acender a luz e começar a enxugar-me, o que sempre inicio pelo rosto, fito o espelho embaçado e parece que vejo ali nomes, todos em letras de imprensa, percebo que é a minha própria letra e os nomes, são dos mortos do dia. O relaxamento se esvai por um ralo imaginário e os ombros tensos em mim já não são meus, mas de Atlas e só aceitam cama. Na cama, como em muitas outras vezes desde que retornei – de um período morando na Espanha – para o Brasil, o enredo segue no mesmo gênero de terror, a diferença é que nesse momento estou com os olhos literalmente fechados e figurativamente bem abertos e estate-lados, aprisionada numa sequência de pesadelos sobre um mesmo tema, um vale escurecido, o vale da morte da esperança. É quando o medo impõe um ritmo entrecortado na minha respiração e invariavelmente, uma das minhas gatas me desperta, caminhando pesadamente sobre algum lugar do meu corpo e então percebo que ainda sigo viva. Raramente tenho clareza se nessa hora o que sinto é alívio ou tristeza. Coço a cabeça da gata protetora da vez, lasco-lhe um beijo e tento voltar a dormir sem grandes expectativas de bons sonhos, porque sei a realidade do meu país que seguirá “imexível” no raiar do dia seguinte.

Nossa Matriarca

Por Kelly Cristina Galbieri

Minha avó materna Hypólita Maria Tafarelo Ferracini nasceu em 03 de março de 1913. Então quero lembrar seus ensinamentos caseiros, suas lutas e ainda, as conquistas que nós, mulheres, alcançamos e que, infelizmente, ela não teve o prazer de vivenciar.

Ela contava aos treze netos sua trajetória. Filha de imigrantes italianos, nunca teve chance de estudar, porém sempre foi uma leitora voraz, além das palavras cruzadas que fazia diariamente até seu último dia de vida. Pessoa que amava futebol e conversava sobre tudo, já que os telejornais sempre foram seus parceiros para manter-se atualizada.

Casou-se com meu avô, também descendente de italianos que não sabia falar o português. E ela lhe ensinou, além das palavras, a ler e escrever. Mulher decidida, que tudo resolvia pela família, mas para a sociedade da época isso era inaceitável. Então, dizia a qualquer questionamento que levaria o problema ao marido para que ele o resolvesse. Mas já estava decidido por ela mesma e ele acatava suas “sugestões”.

Teve cinco filhos, sendo minha mãe e seu irmão, gêmeos. Nasceram em casa, estavam sentados em seu ventre na hora do parto e foram criados com fraldas feitas de sacos de açúcar. Mas nem isso a intimidou. Nos contava sem uma ponta de orgulho por sua força ou de tristeza pela dor sentida.

Tiveram serraria e loja de móveis na Ponte São João, ficando viúva aos 64 anos de idade. Passou então a viajar pelo Brasil (sempre pela São João Turismo, como gostava de frisar) acompanhada das netas mais velhas. Eu não fui uma delas, infelizmente.

Morou conosco por muitos anos e, foi neste período que aprendemos suas “receitas de sucesso”: não dormir com o cabelo molhado, não pisar descalça no chão frio, não ler no escuro

ou com o carro em movimento, assoprar o machucado para aliviar a dor, tomar água com açúcar depois de um susto, não engolir chiclete porque grudaria no estômago, bolo quente poderia dar dor de barriga e ainda, não visitar um bebê recém-nascido quando estivesse menstruada, para não secar o leite da mãe. Mas este último tinha um agravante: se avisasse a mãe da criança sobre a menstruação, o leite não secaria.

Enfim, eram lendas contadas e acreditadas pelas avós. E de lá para cá, tudo evoluiu tão rapidamente que, certamente ela teria dificuldades em imaginar que estava vivendo no mesmo século. Hoje, além de não termos mais tais mitos, temos celulares, computadores, fazemos chamadas de vídeo com qualquer lugar do mundo dentro de um carro, pagamos conta sem ir ao banco... e mais um milhão de novidades.

Lembro-me quando ela viu a primeira grávida nua na capa de uma revista (obviamente cobrindo as partes íntimas). Ela ficou horrorizada, não permitindo que aquela “sem-vergonhice” (palavras dela) ficasse exposta em casa. Tivemos que deixar a revista guardada para evitar problemas.

De lá para cá a inserção da mulher no mercado de trabalho, os direitos sexuais e reprodutivos e tantos outros somam-se à liberdade tão perseguida. Mas quando penso em liberdade, penso na dificuldade que ela teria em entender que minha filha é casada com uma mulher. Tenho certeza que as amaria muito (como não amar duas pessoas tão especiais?) e aprenderia, afinal era uma senhora católica praticante, que só tinha amor a oferecer.

Então, o que trago de todo aprendizado que tive com minha avó e madrinha de batismo é que, não importa a época em que nascemos, mas o amor e a dedicação à família, aos amigos e aos desconhecidos. Esta sempre foi a tônica da sua vida e o legado que nos deixou.

Essas incríveis mulheres

Por Flavia Cunha

Como são admiráveis as mulheres que não desistem jamais de lutar pelos seus sonhos!

Principalmente, aquelas que tiveram infâncias sofridas, que viveram sob vários tipos de violência, mas continuaram com os mesmos ideais, as mesmas metas.

Muitas sonharam ingenuamente com um casamento perfeito, onde teriam a liberdade de realizar seus melhores sonhos, apoiadas pelo marido e pela família. Para logo descobrir que passariam a exercer simplesmente o papel de mães, donas de casa, esposas, mas nada ligado a seus desejos reais. Até escrever e publicar livros lhes foi proibido! O que não as impediu de fazê-lo e guardarem seus textos muito bem escondidos em gavetas chaveadas e baús com enxovais, para serem encontrados mais tarde, após o seu falecimento, surpreendendo a família com poemas e romances de muita qualidade.

Aposto que já pensaram em **Cora Coralina**, **Maria Carolina de Jesus** e também em artistas plásticas como **Anita Malfatti**, **Pagu** e **Tarsila do Amaral** – estas já com mais condições de estudarem sua arte na Europa, para depois trazerem outros conceitos mais modernos para o Brasil escandalizando mentes menos abertas, como as que rejeitaram os trabalhos exibidos por **Anita Malfatti** na Semana de Arte Moderna de 1922. Podem incluir entre essas mentes o grande Monteiro Lobato.

Estamos falando de artistas brasileiras, talentosas e capazes, que eram relegadas a segundo plano. Os homens esqueciam-se de que eram alfabetizados por mulheres-professoras, cuidados por mulheres-mães, mulheres-escravizadas, pelo menos até o momento em que iam para as universidades, onde os professores-homens lhes passavam conhecimentos mais adiantados, aos quais poucas mulheres tinham acesso.

Hoje estamos presenciando uma reforma neste sentido, onde as mulheres, muitas delas realmente incríveis, no bom sentido, têm direitos iguais aos dos homens quanto às áreas de estudo e trabalho. Mas no Brasil sabemos o quanto são depreciadas nas empresas e nos cargos superiores que conseguem atingir. Já quanto à questão financeira, geralmente ganham bem menos que os homens, ocupando a mesma função.

Será esse texto voltado a um ataque contra os homens, de modo geral?

Não, claro que não! O que se procura é a igualdade de responsabilidades, o reconhecimento de que há incríveis mulheres trabalhando neste momento para melhorar o mundo, sendo literatas, comunicadoras, cientistas, professoras, médicas, dentistas e profissionais de funções essenciais à vida humana.

Valorizemos as incríveis mulheres que tornaram e tornam o mundo melhor, com sua dedicação e trabalho. Desde a mãezinha que amamenta seu filho até a incrível mulher que exerce seu papel de cientista num laboratório para combater a Covid-19. A mestra em sala de aula e a pesquisadora educacional. A diarista que mantém a limpeza da moradia da diretora de um hospital. E assim por diante.

Para finalizar: toda mulher é incrível quando se dedica com tenacidade ao trabalho que deve executar, quando zela pelo que está sob sua responsabilidade, quando se faz um ser humano melhor e quando vai à luta para realizar seus sonhos.

Essas incríveis mulheres...

Por Jefferson Dieckmann

Aquela mulher que procura comida para saciar a fome de seus filhos nas sobras das feiras livres das grandes cidades e luta como uma leoa para alimentá-los, tem muita força.

A mulher que leva pela mão o seu filho pequeno, ao primeiro dia de aula, ajudando a superar seus medos e temores, nada teme.

A mulher que, apesar de amar infinitamente o seu filho, permite que ele saia de casa para construir a sua vida, mesmo que longe dela, é uma heroína. Assim foi a minha mãe.

A mulher que, por total falta de condições para criar o filho, o doa para desconhecidos e assim perde junto um pedaço do seu coração, torna-se uma fortaleza; com rachaduras, mas em pé.

A mulher que, por necessidade, passa os dias tomando conta do filho de outra pessoa e deixa o seu rebento entregue à própria sorte, tem que ser muito forte.

A mulher ucraniana que, após ouvir as primeiras explosões e ter as suas vidraças estilhaçadas, pega os seus filhos pela mão e se dirige para a primeira fronteira segura, tem superpoderes.

O que seria do nosso mundo sem essas mulheres feitas de coragem? Praticamente nada.



Foto: Divulgação

Maria Montessori



Foto: Divulgação

Simone Weil

“A imaginação não se torna grande, até que os seres humanos, se tiverem a coragem e a força, a usem para criar.”

[MARIA MONTESSORI]



Foto: Divulgação

Madonna



Foto: Divulgação

Marina Silva

Amigos

Por Fátima Coelho

Aquele domingo amanheceu com névoa fina e sobre o ar caíam gotas cintilantes de granizo sobre a Serra do Japi.

Estava frio na encantada Jundiáí, cidade do interior de São Paulo. Dez graus.

Há coisa mais gostosa do que acordar numa manhã suave e olhar os jardins coloridos e as tulipas se abrindo anunciando a chegada da primavera?

Naquele silêncio de paz até podia se ouvir as vozes das rosas e até mesmo ouvir as vozes das borboletas sonolentas nas rosas.

Fechei a janela do quarto e fui correndo vestir roupas de inverno. Entramos no carro e fomos para os jardins do hotel. Afinal, o dia estava exuberante e convidativo a fazer passeios na cidade.

– Mas... faltava somente um dia para a nossa viagem de férias.

Lya é jornalista, Mary é fotógrafa, Kaká é escritora, Maya é engenheira, Hugo é médico e Lady é economista. São grandes amigos da faculdade e o sonho de todos era passear em Sydney, a maior cidade da Austrália. Eles queriam visitar os lugares mais incríveis e alguns pontos turísticos e culturais da cidade.

O passeio estava programada para durar apenas duas semanas. Os amigos preparavam as malas com roupas. Houve um cuidado com o que levar. Todos levaram pulôveres cinza que era a cor preferida de todos.

Chegaram a Sydney. Ruas e praças cheinhas de gente, indo e vindo dos pontos mais atraentes e divertidos. A cidade é plena! Magnífica.

Foi bonito de ver as funcionárias usando vestidos floridos e na cabeça, lindos cocares de rosas. Carrinhos cheios de flores de várias espécies eram levados por rapazes bem vestidos com

estampas floridas. Entregavam flores aos turistas no aeroporto. Recebemos e também ofertamos rosas aos visitantes de outros países.

Foi por volta de três horas da tarde que o sol claro despontou com seus raios alaranjados apresentando-se. O fenômeno óptico e espetacular da natureza. Uma lua de cristal no céu.

O dia ainda estava escuro quando saímos para o restaurante do hotel a convite do filho do Príncipe Armando para um café matinal.

Admiramos o sol que se erguia por trás das montanhas, dando-nos a oportunidade de fazer belas poses.

Foi absurdamente lindo! Um espetáculo. Nem sempre paramos para observar o sol, afinal nunca, nenhum de nós, tinha visto o sol tão de perto.

A noite chegou com uma paisagem mágica. Ar puro e vento fresco.

Confesso que todos estávamos amando visitar aquele paraíso.

– Vim para Sydney trabalhar por um período de dois meses, para levar aos brasileiros o conhecimento da cultura australiana, costumes e tradições. – comentou Lady.

Sydney é uma cidade deslumbrante e vibrante, construída em volta de uma das baías mais bonitas do mundo, com praias cintilantes e de fácil acesso ao coração da cidade. Vale lembrar de que é possível encontrar quase todo tipo de cozinha na cidade. Experimentamos os frutos do mar nos restaurantes com as melhores cozinhas internacionais. Eles podem ser encontrados em China Town, The Rocks, Newtown, Balai.

Pela manhã, Hugo preparou uma comida saborosa bem brasileira com a ajuda de Maya e informou sobre a visita à encantadora Melbourne, capital do estado de Victoria.

– É a segunda metrópole em tamanho da Austrália, conhecida no mundo por sua tradicional corrida de cavalos. Por volta de uma e trinta da manhã sairemos do restaurante South Yara com a melhor cozinha italiana. Lá você poderá jantar à beira do Yara River.

Felizes e agradecidos por esta alegria conjunta nos abraçamos todos. No momento firmamos o compromisso de retornarmos todos para um intercâmbio cultural. Embarcamos às cinco da manhã, de volta para o Brasil.

Rosas?

Por Susana Ferretti

Ao se aproximar o Dia Internacional da Mulher, data institucionalizada pela ONU, dois focos se mostram: marcar a luta das mulheres por direitos básicos e celebrar as vitórias conquistadas.

Essa data, no entanto, é momento de silêncio e reflexão; não de ilusão, rosas e mimos.

Elogios não alimentam bocas sedentas por falta de água potável, alimento, remédios, acesso às várias estruturas sociais, até mesmo à cultura. Basta lançar olhos ao mundo e ao redor. Esse imenso país não é só um lugar. Quantas mulheres ainda não alcançaram a plenitude de direitos?

As mulheres que morreram em decorrência das lutas para a conquista de direitos merecem nosso respeito e por isso mesmo o dia tem que comportar reflexões, em nome do sofrimento e luta daquelas que sucumbiram e àquelas que, diariamente, sofrem caladas, sofrem violências, são mortas.

Há lutas diárias, questões a serem suplantadas, que dizem respeito ao olhar da sociedade como um todo para o ser humano mulher, a exemplo da pressão estética que cobra das mulheres a eterna magreza e beleza; a atribuição da responsabilidade pelos serviços domésticos e a desvalorização de quem se incumbem dessas tarefas; a luta pela integração ao mercado de trabalho. Às mulheres que não se encaixam nos padrões impostos pela sociedade restam, por vezes, uma pitada de gordofobia, uma colherada de indiferença.

Mas, mais grave, há a miséria, sempre houve. E é em **Carolina Maria de Jesus** que encontramos a vida crua, dolorida e real da mulher que luta por alimentar os filhos:

“Minha luta hoje foi para fazer almoço. Não tenho gordura. Deixei a carne cozinhar e puis linguiça junto para fritar e apurar gordura para fazer o arroz e o feijão. Tem-

perei a salada com caldo de carne. Os filhos gostaram. Quando a Vera come carne fica alegre e canta.”¹

“Segui pensando: quem escreve gosta de coisas bonitas. Eu só encontro tristezas e lamentos”²

Silêncio e reflexão. Sem flores, por favor. Embora haja lutas e conquistas a reverenciar, ainda há muito a transformar.

E, **Cora Coralina**, em sua inigualável sabedoria, pontua:

“No Passado
tanta coisa me faltou.
Tanta coisa desejei sem alcançar.
Hoje nada me falta,
me faltando sempre o que não tive.”³

¹ JESUS, Carolina Maria de, **Quarto de Despejo – Diário de uma favelada**, 10ª edição, São Paulo, Editora Ática, 2020, p. 180/181.

² Idem, p. 184.

³ CORALINA, Cora, **Melhores Poemas**, São Paulo, 4ª edição, Global Editora, 2017, p. 84.

Solidão entre muitos

Por Valderez de Mello

Estudos da Mental Health Foundation apontam que a pressão em ser produtivo e alcançar o sucesso no trabalho faz com que as pessoas acabem negligenciando as relações afetivas. No Brasil, segundo o IBGE, estima-se que mais de seis milhões de pessoas vivam sozinhas e o percentual de casas ocupadas por apenas uma pessoa foi de 6% em 1972 e 12% em 2008 e a tendência é aumentar progressivamente.

O psicólogo Raymundo de Lima, professor da área de Metodologia da Pesquisa da Universidade Estadual de Maringá, no Paraná, explica que a solidão não acontece necessariamente quando se está fisicamente sozinho. “É um sentimento de estar distante dos outros ou os outros distantes de você. Como se você estivesse numa bolha, e isso pode acontecer em um elevador lotado de pessoas”.

Segundo Lima, “a superpopulação nas cidades faz com que as pessoas desenvolvam uma proteção para preservar a sua própria identidade, uma espécie de pele psicológica”. Porém, apesar desta pele ser necessária para a autopreservação, pode acabar se tornando uma couraça, uma blindagem e aumentar ainda mais o isolamento.

O fato é que a modernismo casou-se com o consumismo e os humanos atrelados ao computador, fone de ouvido, telefone celular, e-mail, sms, torpedo, Facebook e tantos outros meios de comunicação, deixam de visitar um amigo, de conversar olhando nos olhos do outro, esquecem-se de sorrir para os familiares, enfim, acabam trancafiados em suas modernas cavernas nos grandes edifícios, isolados e silenciosos.

Uma em cada cinco pessoas diz gastar muito tempo se comunicando com amigos on-line, quando deveria vê-los pessoalmente, abraçá-los, sorrir com eles e para eles, enfim reinventar o verbo prosear. O agrupamento de pessoas nada mais significa, o homem está inserido na mais completa solidão entre muitos e não mais compartilha sentimentos e emoções, tampouco sente

preocupação para com o sofrimento alheio. E dentro da bolha da individualidade, navega o *homo sapiens* pelo espaço oferecido pela modernidade a percorrer ruas e avenidas. Alienado e acompanhado apenas de seus pensamentos, não vê o outro, não ouve além dos sons do fone de ouvido, deambula pela vida confabulando consigo mesmo.

A celeridade da ciência, tal faca de dois gumes, induz o homem a se transformar num frio e moderno ermitão tecnologicamente conectado com o mundo, porém, ao perder o calor humano, os sentimentos e a convivência com seus semelhantes é condenado a viver virtualmente na mais triste solidão entre muitos.



Hebe Camargo



Mercedes Sosa

“Que coisa ridícula eu, com 58 anos, falar bumbum.
É bunda, não é?”

[HEBE CAMARGO]

A arte de ser esta mulher

Por Carmen Sílvia Pereira

Ela sabe bem de onde veio! Tem uma força intensa! Mas não tem a proteção devida e tão merecida! É por isso que ainda teme pelo seu lado frágil.

Muitas vezes se vê dominada pelo sexo oposto que a escraviza sob seu domínio.

É como uma arma que a fere moralmente e boicota todos os seus direitos e qualidades, pois não lhe é permitido a sua total liberdade para se mostrar por inteira.

Alguns homens sentem-se, como nesse caso, seu senhor absoluto e ela, devido a esse domínio, sente-se como sua escrava por submissão.

Sequer lhe é dado o direito de ter sua própria defesa nas mais diversas situações às quais foi submetida. Até mesmo em casos de estupro.

Meu Deus! Até quando? A mulher deve lutar e ser firme quanto a essas situações.

Há leis que a protegem, mas ainda existe quem não respeite.

Quantas mulheres precisarão ser mortas ou mutiladas? E até quando?

É preciso ainda muita luta. É uma causa justa e que deveria punir com resoluções mais severas esses tipos de crime hediondos. Somente assim venceremos essa batalha constante.

Segundo o site www.catracalivre.com.br, em 18/11/2021, o Brasil registrava um caso de feminicídio a cada 7 horas (<https://catracalivre.com.br/cidadania/brasil-registra-um-caso-de-feminicidio-a-cada-7-horas>).

Portanto é preciso realmente que os direitos da mulher sejam fortalecidos em sua defesa pela Constituição Federal.

E aqueles que praticam atos de feminicídio devem ser punidos.

Pois a mulher merece todo o respeito e seus direitos humanos precisam ser reconhecidos e acatados por todos.

A lira dos anos vinte

Por Luiz Haroldo Gomes de Soutello

Já lá se vão muitos anos, cometi um opúsculo intitulado *A lira dos anos vinte*, no qual estão reunidas algumas paródias de poemas modernistas, paródias da produção literária dita modernista. Como não podia deixar de ser, uma dessas paródias homenageia aquela que foi, sem sombra de dúvida, a figura feminina mais interessante e mais influente no movimento modernista, mesmo sem haver participado da Semana de 1922:

Teatro Municipal iluminado.
Com Dona Olívia Guedes Penteadado,
e Oswald de Andrade do outro lado,
ouviu Villa-Lobos, o orquestral.
Quero saber! Quem é ela afinal?
É Tarsila. Tarsila do Amaral.



Foto: Divulgação

(Originalmente publicado no opúsculo *A lira dos anos 20*, e reproduzido em *Letras Acadêmicas*, volume 4, página 81.).

Poemas





Foto: Divulgação

Alessandra C. R. O. Pezzato



Foto: Divulgação

Marisa Menezes

“Sem o passo inicial, ninguém vence as distâncias.”

[JOANNA DE ÂNGELIS]



Foto: Divulgação

Mercedes Cruaães Rinaldi



Foto: Divulgação

Sônia Cintra

Revisão acabada

Por Márcio Martelli

(para **Marisa Menezes** – que era MM assim como eu)

Vou lembrar-me de você
em todas as leituras que fizer
nos questionamentos sobre textos
nas incoerências gramaticais
nos tempos verbais - reais ou imaginários
no passado, no pretérito
nas ondas da nova ortografia
que vão e vêm e que mudam
ao sabor da maré

Num profundo hiato você se foi
tanta sabedoria e ideias novas
que com o tempo permanecerão
nas lembranças e nas histórias
“Um sopro de vida”, tal qual o livro de Clarice
uma chama que se apagou

Quem vai agora me fazer pensar
em toda a coerência e forma do texto?

Muito obrigado por todo o ensinamento
Ficarão comigo e passarei para frente

Até um dia, minha amiga.

De Alzheimer

Por Rosalie Gallo y Sanches

Descubro no teu riso
a criança que foste,
descubro nas tuas rugas
a vida que tiveste,
descubro nas tuas mãos
o cansaço do tempo,
descubro no teu corpo
os filhos que pariste
e descubro nos teus pés
a calma da velhice.

Descubro-te, minha mãe,
a minha mãe
outrora desconhecida
e rejubilo-me
neste instante de pleno amor,
de grandeza de espírito
e de alegria mútua, finalmente simultânea,
inda que tardia,
inda que não me entendas mais.

Declaração de bem

Por Rosalie Gallo y Sanches

Penso-te hoje, minha mãezinha,
tanto tempo depois de tua morte,
fora do tempo da saudade.

Penso-te hoje para reconhecer,
– afinal e ao final –
fonte de amor inesgotável
cuja nascente foi meu pai,
responsável por eclodir em ti
a força inimaginável de mulher,
o desejo ímpar de ser mãe,
correndo todos os perigos da maternidade
em tempos de poucos recursos.

Penso-te hoje, minha mãe,
pedalando a máquina de costura,
a criar vestidos para as tantas filhas
sem que a nenhuma coubesse
motivo de reclamação.

Penso-te hoje no auxílio a meu pai,
vendendo bilhetes para as sessões de cinema,
confeccionando pastéis para o bar
ou ainda a temperar as comidas,
à beira do fogão a lenha,
à maneira do gosto de cada um
e esquecida de si,
a cantar tangos ou velhas canções italianas.

Penso-te hoje, minha mãe
e descubro tão tarde
quão extenso e intenso foi teu amor por todos
porque hoje, só hoje,
preparo-me para finalmente encontrar-te
no sono das horas
ou no sono da eternidade
a acontecer a qualquer momento da vida.

Gosto de Ti

Por Loreni Fernandes Gutierrez

Gosto de ti ao amanhecer,
quando acordas alegre e juvenil
e algumas vezes melancólico e reticente...
apesar do lindo sol que nos aquece, ternamente.

Gosto de ti enquanto te despes e te banhas,
e muito mais quando me tens...
e quando a sorrir ou a cantar te vestes,
(e até quando a resmungar te investes).

Gosto de ti enquanto dormes,
quando então posso observar-te sem censura,
a questionar se és a loucura ou a minha cura...
e é quando o teu corpo sem querer me roça
e tranquilo, a dormir, não me apossas...

Gosto de ti enquanto rressonas,
quando então me abandonas...
e devaneias a sonhar, sabe-se lá com quem,
alguém com nome ou com ninguém...
Será comigo? Para quê? Se estou contigo e se me tens...

Não me perguntes por que,
não sei dizer por que gosto,
ou se há razão pra se querer...

Apenas gosto de ti!
Apenas gosto de ti!

Três irmãs

Por Nathana Bubolz



Três mulheres bravas.
Em seus olhos, histórias de luta.
Suas almas de flores claras.
Dons diversos;
Universo;
O tamanho da fé.
Pintam a vida com a mão leve.
Tão iguais, quando eram crianças,
as chamavam de trigêmeas.



Foto: Divulgação

Marie Curie



Foto: Divulgação

Nara Leão

“Estou entre aqueles que acham
que a ciência tem uma grande beleza.”

[MARIE CURIE]



Foto: Divulgação

Marilyn Monroe



Foto: Divulgação

Gal Costa

Menóh

Por Viviane Aparecida de Lima Fernandes

Senti uma lágrima rolar em meu rosto
Tua saudade me consumia, Menóh!
Você levou o brilho do sol
que iluminava meu caminho por momento

Eu perdi seus brilhantes olhos e doce sorriso
Eu tinha um mapa esboçado desde o dia que nasci
Mas as estradas estão bloqueadas
E o papel está gasto

E todos os livros que eu já li
e das coisas que sei
nunca me ensinaram como continuar a rir sem você
nunca me ensinaram a me libertar
nunca me ensinaram a viver sem você

Agora fiquei desestruturada

Eu levo nos olhos a imagem deste lúcido amor
Eu não sei de nada, a não ser que você se foi
Deveria ter bom senso pra saber que
como um trem você partiria
e ficaria vazio o seu lugar

Agora estou nessa viagem
Uma queda e a perda da graça
E hoje eu já não sei
em que espelho ficou perdida a minha face.

Versos e mais versos

Por Melissa Maia de Souza

Sou uma poeta que não ama,
Sou uma poeta que não vive
Minha vida é dominada
Pela indomável megera:
A senhora Poesia
Ando pelas ruas
Olho ruas, prédios e muros
Mas o que vejo
São versos e mais versos obscuros
Olho rostos, olhos e cabelos
E o que vejo
São versos e mais versos
Refletidos num espelho
Olho para o céu
Vejo versos e mais versos
Pairando em forma de algodão
Logo, olho para o chão
Vejo minúsculos versos
Sendo cobertos por um véu
Tento ouvir o canto dos pássaros
Mas o que ouço a repetirem
São versos e mais versos:
“Bem-te-vi... Bem-te-vi...
A fugir daqui... A fugir daqui...”

Vejo-os partirem...
Mas os versos com eles não vão
Ficam presos em minha mente
Como um refrão:
“Bem-te-vi... Bem-te-vi...
A fugir daqui... A fugir daqui...”
Penso então: “Corra...
Pegue um papel e anote-os
Antes que da memória possam escapar...”
O sono nunca chega...
Meus olhos nunca posso fechar
Pois mesmo com os olhos fechados
Vejo versos e mais versos a passar
O sono não pode chegar
Ele deve dar passagem
À dama que chega de viagem
Àquela megera que não se pode domar
A senhora poesia
Um artista, vendo meu tormento
Falou-me muito atento:
“Não perca nenhum verso
Nunca pense em regresso
Só olhe para o progresso
Pois assim chegará a ventura
E você verá quão boa é esta aventura”
Aqui estou a conversar, com meu amigo, o artista
Que não por acaso, também é poeta
De que falamos?
Ora, de versos e mais versos...

Foi dito a ela que deveria ser sempre flor...

Por Ivonete Piccinato de Freitas

Flor, mesmo se não houvesse o amor
Flor, mesmo se não houvesse lugar para o amanhecer
Flor, mesmo que sentisse o medo do anoitecer
Flor, bela sem mesmo saber o seu nome escrever
Flor, ainda que não oferecessem a ela o carinho merecido
Flor, na pobreza e escassez de sentimentos
Flor, no descaso
Flor, no amor por um mero acaso
Flor, dos lábios sem batom
Flor, do rosa claro ao carmim
Flor, na aridez do deserto
Flor, na descrença e no abandono silencioso
Flor, que vê minguado o falso amor prometido
Flor, do coração dilacerado pela morte de um filho
Flor, que pariu detenta, e priva de liberdade a cria
Flor, que visita o encarcerado que ofendeu a própria dignidade
Flor, na sarjeta, por mera gorjeta
Flor, da fome e miséria
Flor, que tem força e encoraja
Flor, de perfume inebriante
Flor, de gargalhada contagiante
Eternamente,
FLOR

A Flor e o Colibri

Por Evandro Fernandes da Silva

Eu quero um beijo
Que não seja dado,
porque tanto pedi
Venha do coração,
da mulher que um
dia escolhi
Seja na boca, feito o
amor entre a flor e o
colibri

Eu quero um beijo,
daqueles que faça não restar
mais dúvida de uma linda paixão
Exale perfume, como a
rosa em botão

Eu quero um beijo,
que me deixe sem fôlego
Que incendeie, mas, não
queime minha alma e
o meu corpo

Algo intenso, que me leve
rumo às nuvens, mas, não me
tire os pés do chão, nem
mude a rota de colisão

Eu quero um beijo,
de marca de batom, mas,
que não tenha previsão
para ser ruim ou bom
Nem eterno, com prazo
e selo de garantia, que seja
surpresa no começo
até o fim do dia.

Mundo Mulher

Por Beto Bianchi Campos

Se de alguma forma
Sumissem todas mulheres do mundo
O que aconteceria?
Extinção, caos?
Enlouqueceríamos?

As mulheres são a razão de tudo
Sem elas o que faríamos?
Elas dão origem à vida e ao amor
Sexo frágil não existe
Isso porque mulheres não desistem
E fazem o mundo andar
São todas femininas, felinas e fortes
Leas que amamos...
Avós, mães e filhas
Ah! Mulheres que tudo podem
Sem elas o mundo travaria
E ficaríamos à espera do fim dos tempos
Que com certeza se anteciparia
Mas com elas este devaneio fica sem previsão
E o mundo flui e segue em paz
Mundo Mulher
Mundo que eu quero no meu coração!

Mulher

Por Cacilda Franco Ribeiro

Para ser uma mulher no terceiro milênio,
É preciso saber usar
Muito os verbos
Auxiliares...

SER: sempre pronta
Para o que der e vier,
Mesmo que isso doa
Até a alma!

ESTAR: com os acontecimentos e os
Lugares, na ponta da língua! Ai ai ai, se não
Souber. É taxada de ignorante!

PERMANECER: de boca
Fechada, a maioria das
Veze! Os mimimis de hoje em dia são os culpados! A maioria do que se diz, interpretam mal!!!

FICAR: linda e com a expressão alegre, pois,
Até um desabafo espontâneo, pode causar efeitos contrários!

Enfim... as mulheres de hoje, além de toda a guerra diária da sobrevivência, ganharam
Mais estes pepinos que
Nem para salada servem!



Pensei...

Por Ronaldo Martelli

Pensei na Lua...

A Lua certamente é mulher
Suas fases
Nossas marés

Pensei na Terra

A Terra sem dúvida é mulher
Nela inseminamos sementes
Que nascem
Saciando habitantes
Filhos... da Terra!

Aí pensei no Tempo...

Tempo... é uma mulher!

Olhando o tempo

O que se foi
O que está
E o que irremediável
Virá
Arrastei solidão...
Nesse tempo destilei
Nessa terrível imensidão
Divaguei...

Aos meus olhos ciganos

O tempo é uma mulher!

E se não me engano

Se vier

Vamos atravessar os tempos

Volitando sobre as marés

Dos pontos perdidos...

Em

Seu tempo

Aos meus escuros olhos

O tempo é uma mulher

Uma mulher velha!

Se vier

Seremos seus servos

Seus filhos amantes

Escravos cativos

Passando pelo tempo

Atravessando o deserto humano

Sem tempo de amar

Vivendo de desencanto

Sem notar

Aos meus olhos sensuais
O tempo é uma mulher
E nas curvas do tempo
Se vier
Navego sem pudor
Discretas ternuras
Tempos de luxúria
Tempos sem amor

Aos meus olhos mesquinhos
O tempo é uma mulher... espinho!
Se vier
Com o tempo
Também seremos espinho
Ferindo tempo afora
Maltratando tempo, hora
Os campos temporais
Nas claras noites dos tempos
No escuro dia sedento
Carnais

Posso estar enganado
Mas o tempo é uma mulher
E ela é linda...
Passa por nós desfilando belezas
Se vier, e virá,
Em suas curvas nos perderemos
Nos veremos!
Em seus claros olhos
Viveremos!
Nos cachos temporais de seus cabelos
De tempos...
Que se foram
Que está
E que virão!
Ah, um tempo de mulher
Uma mulher de tempo
Tempo de infinitos espaços
E estaremos,
Para sempre,
Em seus braços

Mulher Incrível

Por Eliane Diana

Mera essência da criação
Uma, duas, três juntas fazem a transformação
Livres, leves e soltas nunca perdem a expressão
Horas, dias, meses e anos nada as leva à exaustão
Em meio ao descontrole, sempre vencem com superação
Rainhas, princesas, deusas... todo tempo em contemplação

Independentes, donas de situação
Nunca perdem uma inspiração
Contam realmente com uma força que vem do coração
Riem constantemente com tamanha convicção
Íntuitivas, sensitivas, causam boa impressão
Vivem, aprendem e absorvem com grande determinação
Em meio a multidão lá estão elas, radiantes com precisão
Lindas, encantadas, reluzentes em completa comunhão

Essas Mulheres Incríveis

Por Eliane Diana

E MPODERADAS
S ONHADORAS
S ERENAS
A DMIRÁVEIS
S ÁBIAS

M AGNÂNIMAS
U NIVERSAIS
L UXURIANTES
H ONROSAS
E SPERANÇOSAS
R ESILIENTES
E CLÉTICAS
S ENSÍVEIS

I NDEPENDENTES
N ATURAIS
C ARINHOSAS
R EVOLUCIONÁRIAS
Í NOVADORAS
V AIDOSAS
E NGRAÇADAS
I NTELIGENTES
S AGRADAS



Dona

Por Claudevalda Souza-Claudia



Ela deveria ser do lar
entretanto, ela era das letras
sua mente era uma fantasia só
navegava por mares desconhecidos
lutava em guerras apocalípticas
desbravava caminhos
vivia seu próprio devaneio
era rainha, ora, gata borralheira
a criatividade dentro de todos os fatos
faziam com que ela acreditasse
nas suas próprias histórias
de deuses e monstros
de mocinhos e bandidos
rimas e prosas um enredo encantador
fantástico dentro de si mesma
um caminho que só ela conhecia
um lugar de paz e aconchego
um lugar só dela, ela que é
o grande enredo de toda essa história
a dona do lar
a dona das letras
a dona de sua própria existência
a mulher com uma caneta
a escrever sua própria história
dentro de sua sensibilidade
e força feminina.

De repente

Por Fabiana Magoga

Às vezes não é por falta de tempo
Às vezes não é por cansaço.
Nem por falta de escolha
É embriaguez.

Anular-se, esconder-se
Deixar dormir...
Isso pode levar tempo.

Então uma hora, um momento.
Aquele que você não sabia existir
Ele chega e escancara
A alma não cabe mais em mim.

E tudo que estava certo
E tudo que parecia seguro
Muda de um segundo
Para outro sem fim.

E pisando no improvável
Sigo.
Não tenho planos, não fiz as malas,
Tô sem abrigo.

Parece louco e irresponsável
Mas é só a verdade que pulou do peito.
E mesmo que todos olhem
Mesmo que implorem,
É decisão. É revelado
Não pode mais ser guardado.
Não é mais questão de escolha

Agora é como rolha
Que inchou.
Não cabe mais.

A questão não é tempo, é comprometimento, é querer bem, é bem estar

Por Herminia Aparecida Balbuena

O tempo velozmente em mutação
Tristezas e alegrias
descobertas e imersão
de pensamentos e sentimentos
de conceitos e conhecimentos

O ser humano ainda é a atenção,
o centro, o negacionismo
o sonho, a esperança,
a vida, a nova visão

Tubos de ensaios, estufas,
computadores, impressoras,
robôs, softwares, suturas,
celulares, sites, disseminadoras,...

Mulheres à frente de seu tempo
que fazem a diferença
na vida, na força, na coragem
de toda uma raça e suas gerações

Mulheres que se aprimoram
que se constroem
que se equilibram
que se sensibilizam

Mulheres incríveis
que favorecem a quem procura
a oportunidade de vitória
de felicidade e memória.

*Essa poesia dedico, em especial, à médica **Aline Paterno Miazaki** (cirurgiã de cabeça e pescoço) por seu impecável atendimento, competência, comprometimento, habilidade, consciência... pela escolha que fez de salvar vidas e também à secretária **Marli Almeida**, que com delicadeza e firmeza atende, explica, encaminha, orienta. Somente gratidão!*

Essas mulheres incríveis

Por Herminia Aparecida Balbuena

Essas mulheres incríveis...
que vão além de seu tempo
que não escolhem o momento
que são mais que seu contratempo

Mulheres incríveis que ...
trabalham, ralham, malham,
talham, espalham, valham,
calham, falham, farfalham

Mulheres incríveis que...
cuidam de si e do outro
que afagam,
que libertam

Mulheres incríveis que...
participam e que acatam
que sonham e arrebatam
que constatam e delatam

Mulheres incríveis que...
causam comoção,
demonstram devoção
a Deus, Nosso Senhor.

Mulheres incríveis que...
como Nossa Senhora, a mãe Maria,
intercedem e intervêm
sob os olhos de Deus e pelos humanos.

Dedico essa poesia, em especial para minhas irmãs (Simone Balbuena e Viviane Cristina Balbuena) e dona Cristina (Maria Cristina Almeida Bueno) por esse período difícil de pandemia e cirurgia, fizeram além do que puderam, não só a mim e minha família, mas para muitas outras pessoas também. Gratidão seeeeeempre!

Essas mulheres incríveis...

Por Herminia Aparecida Balbuena

Não é fácil ser alérgica
Não é fácil ter restrições
Não é fácil ser diferente
Não é fácil ter tantos cuidados

Para algumas pessoas pouco importa
Outras nem entendem
Outras ainda, nem querem compreender
Algumas, somente frescura

Graças a Deus
há quem se importa,
há quem estuda,
há quem não ignora

Há quem olha,
examina, faz testes,
medica, restringe,
explica, indica, cuida

Esses são anjos
que caminham juntos
no alívio, na conduta
no bem estar, na alegria

Esses anjos
procuram, investigam, priorizam
deixando o alérgico ter qualidade de vida
não por compaixão, mas por amor

Amor
a profissão que escolheu,
aos dons que recebeu,
a chance de viver.

*Essa poesia, dedico, em especial, à dra. **Ana Raquel S. Trombini** (alergologia e imuno) por sua dedicação, paciência, competência, habilidades, escolha em salvar vidas. Gratidão seeeeeempre!*



Foto: Divulgação

Ruth de Almeida Rodrigues



Foto: Divulgação

Dinah Washington

“A ironia é a expressão mais perfeita do pensamento.”

[FLORBELA ESPANCA]



Foto: Divulgação

Florbela Espanca



Foto: Divulgação

Rosa Passos



Ah! Essas mulheres incríveis

Por Elza Francisca de Carvalho

Mulheres que amam
Que realizam, que sonham
Fazem planos. Mulheres que choram
Que entristecem e que também fazem rir
São mães, arquitetas, pintoras
São poetas, poetisas, escritoras
Mulheres esportistas, vencedoras,
E as empreendedoras, nutricionistas, “chefs” ?
Mulheres no comércio, na indústria, engenharia
Mulheres beneméritas, solidárias, voluntárias
Juizas, desembargadoras, promotoras, defensoras
Solidárias, advogadas, lutadoras
E as médicas, enfermeiras, instrumentadoras?
Mulheres engajadas, fortes, políticas
E como não falar das professoras, fisioterapeutas?
Astronautas, pesquisadoras, cientistas
São tantas e incríveis mulheres
Por isso, são tão especiais
E como não homenagear essas mulheres?

Ao Clube da Lady

Por Elza Francisca de Carvalho

Com carinho.

*Neste mês de março dedicado às mulheres
é impossível não lembrar o Clube da Lady de Jundiá,
rumo aos seus 63 anos. Afinal, são Mulheres Incríveis,
empreendedoras do bem que merecem
minhas sinceras e singelas homenagens no acróstico que segue:*

C aridosas, generosas, voluntárias
L á vão elas para atender mais uma ação social
U m pedido de socorro, ajuda ao próximo
B onitas, bondosas, elegantes
E mpreendedoras na arte de fazer o bem

D oçura, fraternidade, compreensão,
A mizade, carinho, respeito ao próximo

L iberdade para mostrar que é possível fazer
A morosas, amigas, tolerantes
D edicação então, nem se fala!
Y outoubers, conectadas e vitoriosas

É março de 2022!

Por Elza Francisca de Carvalho

Dedicado às mulheres
E que tempos são esses!
De pandemia que parece não terminar nunca
De tanta intolerância, impaciência
Carnaval em abril? Para celebrar o descobrimento do Brasil?
Ou comemorar o Dia do Índio? De Tiradentes?
Tempos de guerra cibernética! Que loucura!
Rússia, Ucrânia, o mundo em conflito
Destruição, erosão, morro abaixo...
São as águas de março?
A natureza está dando recados
Vítimas, crianças, mulheres, idosos, jovens
E pedem socorro!
O mundo está precisando da paz
Que habita o coração das mulheres

Eu sou gratidão

Por Elza Francisca de Carvalho

Sim, eu amo a vida
Com todas as suas surpresas
Boas, inevitáveis, difíceis
Quantas alegrias, coisas boas
Amores inesquecíveis
Quanto carinho, homenagens
Quantas vitórias, desencontros!
Reflexões que nos convidam às lutas incessantes
Separações, saudades, doces lembranças
Família, amigos, flores!
Eu sou sempre: a presença que
Preenche com perfeição o meu mundo no dia de hoje!
Com gratidão pela vida



Foto: Divulgação

“O escritor não deve apenas criar, mas deve também emprestar a sua consciência à consciência dos seus leitores, sobretudo num país como o Brasil.”

[NÉLIDA PIÑON]

Pérolas para ouvidos apurados

Por Luiz Alberto Carlos

O nome é Gal – Gal tropical.
Onomatopeica cantante Brasília.
Garganta de pássaro de cristal.
Gosto da convivência com a sabedoria.
Herança que minha família deixou
e eu não nego minha raiz. Ser feliz é isso.
Sempre achei **Gal Costa** a mais afinada
cantora do Brasil.
– Não que não ache mais.
Ainda não conhecia ou não tinha
prestado atenção na **Mônica Salmaso**.
Um cristal puro. Real trabalho de filigrana.
Não deixe de escutar, é bonito de ouvir.
Não deixe de olhar, é bonito de se ver.
Mais um fenômeno simples de encantamento,
na dinastia das mais expressivas.
Mais uma nobre presença no clã
das maravilhosas divas.
*Leilão** mexe comigo, faz-me chorar.
É um dos momentos mais sublimes.
Humanidade enaltecida como as palavras
mais significativas e bonitas.
Ditas, ajoelhados frente a um altar.

Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



* Leilão faz parte do álbum *Caipira*. Composta em 1933, por Hekel Tavares e Joracy Camargo, gravada em 2017 por **Mônica Salmaso** em voz e viola caipira, tocada por Neymar Dias. Uma grande pérola do universo sertanejo.

Enquanto escrevia o poema, ouvia de fundo Ave Maria, com outra diva **Dalva de Oliveira** e seu filho Peri Ribeiro, na Rádio USP. De tirar o chapéu para dupla.

Primavera

Por Marília Bernussi

Acorda Maria!

Deixa de preguiça, levanta!
Abra a sua janela e observa...
Já raiou um novo dia.

Os pássaros sobre as árvores; cantores!
As abelhas sugam o néctar das flores.
Ficam de lá para cá, de cá para lá...
Cuidam da natureza, seres polinizadores.

Acorda Maria!

O céu está azul, com nuvens branquinhas...
Formando desenhos, dando asas à imaginação.
Deixa de teimosia, vem brincar Maria!

As árvores nos observam, acolhem:
Dizem até que elas têm coração...
Não sei, não conte a ninguém, não!
Levanta Maria, chega de enrolação.

Temos um jardim para cuidar.

As flores nos esperam, mãos à obra!
As orquídeas, violetas, azaleias; vamos regá-las...
Lírios, hibiscos e as rosas. Que paz!

Celebremos a estação mais bela!
Cheia de encantos, perfumes e cores.
Borboletas com suas asas coloridas
reverenciam a doçura das flores.

O Sol, holofote de tanta delicadeza

Sorria Maria!
Agradeça ao Criador tanta beleza!
Colírio para nossas retinas...
Inspiração para os nossos dias.



Foto: Marília Bernussi

A Natureza Vibra! – Jardim Botânico



Foto: Marília Bernussi

O inferno nosso de cada dia

Por Marília Bernussi

Em meio à guerra de egos...
Egos inflados, onde impera a hipocrisia.
Sentimentos inertes, congelados
Os dias seguem... tristeza e agonia.

Delírios de poder, ambição!
Materialismo desenfreado
Vendem tudo, a mãe, a alma e a nação.
São válidos os pactos com o diabo.

Saqueadores da nação e do mundo!
Violência, desrespeitam o meio ambiente.
Desmatamento em frações de segundos...
Falta o verde, oxigênio, realidade deprimente.

Só nos resta...
Despertar!
Respeito, ação, valorização.

Lutar!
Apesar das batalhas já vencidas...
Dizer adeus ao conformismo.

Transformar...
Dias de "Paz no Paraíso!".



Foto: Marília Bernussi

A Natureza Vibra! – Vila Maria Genoveva e Parque do Jardim do Lago

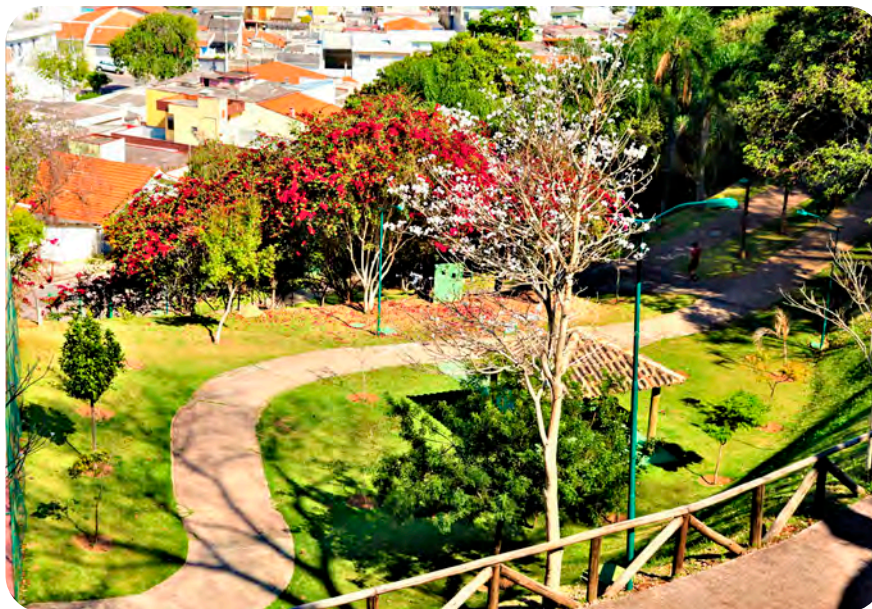


Foto: Marília Bernussi

Oito mulheres num mundo de homens

Por José Felício

“Eu preciso de não-conformistas, dissidentes, aventureiros, forasteiros e rebeldes que questionem, subvertam as regras e assumam riscos... pessoas boazinhas com bom senso não são personagens interessantes.”

Isabel Allende

Ao se aproximar a ode de 8 de março vemos diversas listas que pululam pela rede definindo quem são, por exemplo, as “12 maiores mulheres da história” ou as “17 maiores mulheres brasileiras” ou ainda as “20 principais mulheres do mundo”. Esse tipo de levantamento – obviamente, subjetivo – tende a reduzir a uma compreensão insensata e superficial das conquistas das mulheres ao longo da história.

Assim, para exemplificar a análise parte-se de premissas ideológicas, pois ter uma lista, na qual **Margaret Thatcher** encabeçasse ou integrasse seria necessário, minimamente, um conhecimento acerca das posições político-ideológicas do ocidente entre fins da década de 1970 até os anos 1990. Aos que abraçam as políticas liberais (nos sentidos político e econômico, já que ao analisar os costumes, as posturas são bem conservadoras) encantam-se com **Thatcher, Merkel, Clinton e Michelle**. Aos que se propõe a seguir as políticas de bem-estar social, transferência de renda e garantia de direitos das “minorias” – assim chamadas pela exclusão civil e não pela quantidade de indivíduos pertencentes a esses grupos – tendem a ver as já citadas como inimigas da população em geral. Para esse outro grupo, mulheres como **Dilma Rousseff** – primeira presidenta do Brasil –, **Manuela d’Ávila, Cristina Kirchner, Luiza Erundina e Marina Silva** teriam mais credibilidade para atender às reivindicações do povo para sua melhoria das condições de vida.

Trazer personalidades para ilustrar uma obra como *Essas incríveis mulheres – Uma antologia empoderada*, não é fácil, não é simples e não é uma redução a uma percepção machista ou quaisquer outra nomenclatura ou julgamento. O cuidado e o intento para essa empreitada advêm de longo debate entre os organizadores, muito antes da concepção desse trabalho. Debate esse, não obtuso e nem colonizador, mas sim dialogado, interessado, consciente e crítico, além de propositor de questionamentos necessários para compreender a sociedade brasileira atual rompendo com os paradigmas medievais tão desnecessários àquela época – sem anacronismos – como na atualidade.

Ao encerrarmos (parcialmente) nossas discussões chegamos num acordo: algumas das personas ilustres entrarão nessa edição. Nas próximas obras continuaremos com a tão malfadada lista, porém incumbida da mais nobre tarefa, a de inspirar novas almas pelo bem da humanidade.

Se há dúvidas sobre os critérios de decisão da participação de uma ou de outra personalidade, saiba que elas ainda permeiam todo o trabalho. Não foram dirimidas, talvez nunca sejam. Não obstante, todas aqui presentes prestaram grandes serviços à humanidade e, apesar da aparência positivista, como dito antes, o intento aqui é trazer consciência e criticidade à obra.

Seguem oito singularidades importantes na luta das mulheres ao longo da história, não mais ou menos importantes que tantas outras, necessárias, grandes mulheres. Por que oito? Não sei! Talvez seja por ser 8 de março...

Angela Yvonne Davis (1944)

Professora de História da Universidade da Califórnia, filósofa, marxista, comunista e integrou os movimentos Black Power e Panteras Negras. Integra atualmente o National Women's Hall of Fame estadunidense, o mesmo país que a perseguiu por meses utilizando o FBI e a mídia para desmoralizá-la. **Angela** lutou e luta ativamente pela melhoria de condições de vida da população negra estadunidense e sua influência permeia diversas outras nações. Considera-se abolicionista. É uma leitora e escritora voraz.

Foi laureada com o Prêmio Lênin da Paz e é sempre ovacionada por onde passa. Seja em Cuba, no Brasil ou pela Europa seu legado é reconhecido e serve de inspiração na luta por direitos.



Foto: Divulgação

Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (1889-1985)

Uma mulher muito, muito além de seu tempo. Doceira, vendedora de livros, produtora de linguiça, mas acima de tudo: poetisa sem medo. Carlos Drummond afirmou que o “vintém de cobre dela vale mais a ele do que uma moeda de ouro”, sem dúvidas. **Cora Coralina** entendia, sentia, experienciava o que escrevia. Detinha o poder de compreender a realidade humana nos seus mais interessantes detalhes, que o diga **Flavia Cunha**. Viu guerras, viu amores, viu dores e sentiu-as todas em seu âmago. Escreveu muito e lindamente, escreveu a vida humana, escreveu a mulher, reescreveu a sua história. Deu-nos uma nova realidade.



Foto: Divulgação

Dilma Vana Rousseff (1947)

A primeira mulher eleita presidenta no Brasil, reeleita e vítima de um golpe político. Atuou por mais de 5 anos como Ministra-chefe da Casa Civil. É economista e atuou diligentemente contra a ditadura civil-militar, fosse por meio do Comando de Libertação Nacional (COLINA), fosse pela Vanguarda Armada Revolucionária (VAR-Palmares), ambas perseguidas pelo DOPS e OBAN. Leitora interessada de Régis Debray, entendeu sua obra como um chamado à luta contra a opressão social, luta essa que a levou a ser presa e torturada por mais de 20 dias. Resistiu bravamente e, livre, voltou-se para a ação política novamente, sendo integrada ao IEPES – Instituto de Estudos Políticos e Sociais e ao MDB – Movimento Democrático Brasileiro. Atuou ao lado de Brizola pela recriação do PTB – Partido Trabalhista Brasileiro e ao trabalhar como Secretária de Minas e Energia do petista Olívio Dutra alertou o Governo Federal sobre um possível apagão elétrico, o que aconteceu. A partir da gestão Federal seguinte passou a atuar diretamente na mesma área que atuara no RS, galgando espaço e trazendo a um mundo extremamente machista e misógino o poder da mulher e quão positivo pode ser a uma nação tê-la como ocupante da cadeira executiva, da mesma forma em outras esferas e poderes.



Foto: Divulgação

Magdalena Carmen Frida Kahlo y Calderón (1907-1954)

Retratou como ninguém as identidades, gêneros, classes e culturas do México. Teve suas obras expostas em seu país e nos EUA, exposição ocorrida na Julien Levy Gallery – Nova Iorque. Sua obra era relativamente desconhecida até fins dos anos 1970, sendo representativa de um período histórico específico e que retrava por meio de críticas sociais, elementos autobiográficos e fantasia a sociedade da época. Sua inclinação política a levou conhecer e se relacionar com Leon Trotsky entre as idas e vindas com Diego Rivera. O acidente de ônibus que sofrera em 1925, não a permitiu parir apesar das gestações que tivera. A vida de **Frida** foi permeada de tentativas de suicídio e brigas com seu marido que aceitava – mesmo traindo **Frida** com **Cristina** – as relações dela com outras mulheres, mas não com outros homens. A Casa Azul ainda guarda as suas cinzas, suas memórias, suas dores, seus amores e sua história.



Foto: Divulgação

Elis Regina Carvalho Costa (1945-1982)

Como um furacão, a Pimentinha começou sua carreira aos 11 anos. Sua vida de cantora decolou, atraiu a atenção da crítica e do público com a sua voz e estilo eclético, sendo um sucesso de vendas e mesmo após ir cantar com as estrelas do Cruzeiro do Sul o som de seu canto ainda surpreende e encanta novas gerações no Brasil e no mundo. Milton Nascimento, Ivan Lins e Tom Jobim foram seus parceiros musicais e fãs incondicionais. Infelizmente, aos 36 anos se foi, seus três filhos carregam em si o seu legado. As imagens ao lado de Tom cantando *Águas de março* ou sua voz elevando a alma de todos ao entoar *Como nossos pais* sejam a lembrança de todos os seus fãs.



Foto: Divulgação

Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes (1914-1992)

Indicada ao Prêmio Nobel da Paz, a beata, assim nomeada pelo Papa Bento XVI em 2010 é filha da Bahia e desde cedo demonstrou vocação religiosa e tornou-se **Irmã Dulce**. Quando

adolescente tinha seus olhos voltados aos que vivem na rua e aos doentes, apesar o intento foi rejeitada pelo convento Santa Clara quando tinha apenas 13 anos, vindo a ser freira aos 20 anos. Sua existência entre meros mortais permitiu que o amor, o cuidado e o carinho se fizessem presentes iluminando a vida de todos. Sua beatificação foi reconhecida pelo Vaticano devido a cura de uma mulher desenganada após o parto. Caso mais um milagre seja reconhecido, **Irmã Dulce** será canonizada.



Foto: Divulgação

Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir
(1908-1986)

Um ícone do feminismo e do existencialismo, **Simone de Beauvoir** escreveu seu nome na história da filosofia, um campo de estudo predominantemente masculino. Seu livro *O Segundo Sexo* é de extrema importância para o movimento feminista e foi a pedra fundamental para estimular o debate sobre a opressão sofrida pelas mulheres na sociedade. Vanguardista em uma França conservadora, Simone pregava que a mulher fosse, acima de tudo, independente. A escritora também ficou conhecida pelo relacionamento longo e complexo que manteve com o filósofo Jean-Paul Sartre, será que citar o relacionamento dela é relevante?



Foto: Divulgação

Anna Justina Ferreira Nery (1814-1880)

Menos conhecida do grande público, **Ana Néri** foi essencial para a história do Brasil. Imagine a coragem dessa mulher que serviu como voluntária na Guerra do Paraguai – aliás, guerra essa, como qualquer outra, um erro catastrófico dos homens no poder. Baiana nascida em 1814, casou-se com um militar, ficando viúva aos 29 anos e com três filhos. Quando os filhos de **Ana Néri** foram convocados para a Guerra do Paraguai, ela



Foto: Divulgação

não pensou duas vezes e escreveu uma carta ao presidente da província se voluntariando para servir como enfermeira durante o conflito. Ana Néri mudou para o sul do país e aprendeu tudo o que podia sobre enfermagem. Mesmo com poucos recursos e um número enorme de doentes fez um trabalho exemplar. Com os seus próprios recursos criou uma enfermaria em Assunção, no Paraguai, para atender feridos. Por uma tragédia do destino foi lá que perdeu um dos seus filhos. O dia do enfermeiro é celebrado no dia 20 de maio como uma homenagem a **Ana Néri**, que perdeu a vida no ano de 1880.

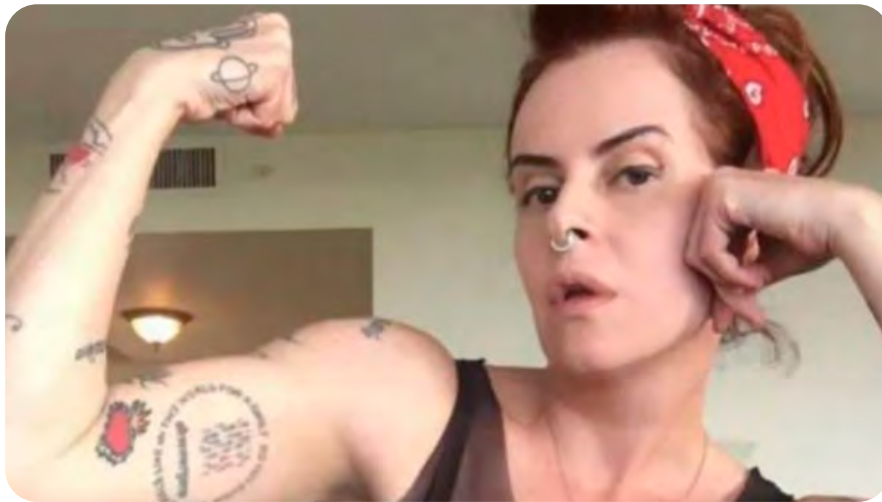


Foto: Divulgação

“Existem pessoas que tornam a tolerância tão difícil que esta deveria ser considerada praticamente um superpoder.”

[FERNANDA YOUNG]

Antes que o mundo acabe

Por Grupo Palavras Sem Fronteiras

Em meio ao panorama que vivemos na atualidade, os escritores do nosso grupo criaram uma poesia para refletir um pouquinho sobre esses tempos sombrios.

Primeiro a Covid-19, agora uma guerra em andamento. Vamos vibrar pela paz para que possamos deixar de legado um mundo regenerado onde o respeito será a única arma permitida.

Antes de tudo acabar
Quero olhar as estrelas no noturno do céu
E encontrar em meio a milhões de luzes
O meu lugar dentro deste universo infinito
(Márcio Martelli)

Quero enxergar além de tudo o que é bonito
Berro, grito, insisto que meu lugar existe
Duvido da dúvida, eu acredito
(Gabriela Bonavita)

Viver, sonhar, amar
Aproveitar cada minuto, cada segundo
Tocar os corações das pessoas
E a paz inspirar...
(Melissa M. de Souza)

Antes do mundo acabar,
quero olhar nos olhos das pessoas

Sentir abraços quentes e amorosos
de toda essa gente,
Sorrir com as crianças o riso inocente,
E tentar ver o mundo
de uma forma bem diferente...
(Ivone de Freitas)

Quero meu caminho encontrar
Minha esperança renovar
Meus sonhos realizar
Minha missão completar
E mostrar ao mundo o valor de amar
(Márcia Oliveira)

Escrever pra não doer
Se não disse, digo agora
Pois escrevendo, ressuscito
Tudo aquilo que me aflora
(Bel Lopes)

Olho o céu não só para ver estrelas,
mas para encontrar o olhar das mulheres
que existe em todas elas
Curiosidade infinita do universo feminino,
de onde vem todas as histórias e as regras
que regem os destinos

(Luiz Alberto Carlos)

Quero ser uma paisagem maluca, como você
e tentar colorir o que possa parecer preto e
branco neste mundo tenebroso

Uma paisagem maluca, assim é você!

(Vânia Negoro)

Antes que o mundo acabe

Que haja esperança

Nunca se sabe

Quem sabe a humanidade alcança

(Fábio Spina)

Que eu tenha tempo de pedir perdão
Que eu tenha tempo de esclarecer a verdade
Que eu tenha tempo de realizar as pendências
Que eu tenha tempo de ganhar um beijo teu

(Dalton Luiz Sibinel)

Antes que o mundo acabe...

Quero sentir...

Borboletas no estômago

Quero sentir...

Amor no meu âmago

Quero tirar da

Vida todo amargo

Quero exalar...

Luz como fogo

(Eliane Diana Nunes)

Antes que o mundo acabe

Acabaremos nós

Uns verborrágicos

Outros sem voz

Uns abraçados aos seus

Com amor e medo

Outros pedindo a Deus

Para ver o sol noutra dia cedo

Uns conscientes da história

Outros perdidos

Sem rumo e sem memória

Antes que o mundo acabe

Antes que o mundo

Antes que o

Antes que

Antes

...

(José Felício)



Foto: Divulgação / Domínio público

Sarah Bernhardt
Hunting with Hounds
(1897).

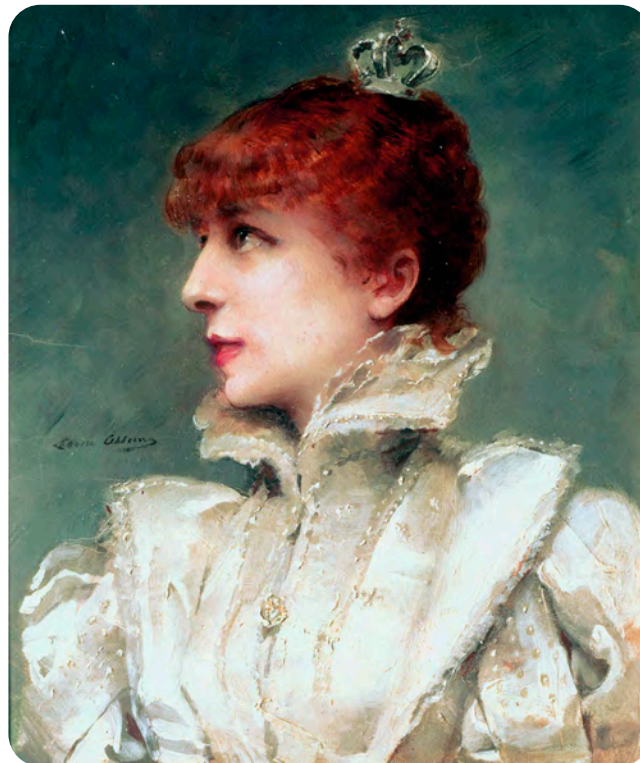


Foto: Divulgação / Domínio público

Portrait of
Sarah Bernhardt
(1844-1923).



Foto: Divulgação / Domínio público

La dame avec
les fleurs (1883).

Destacamos duas artistas entre finais do século XIX e início do século XX e suas lutas para defenderem seus ideais em uma época em que não era permitido a arte feita por mulheres.

Louise Abbéma

Louise Abbéma (Étampes, 30 de outubro de 1853 - Paris, 10 de julho de 1927) foi uma pintora, escultora e gravurista francesa.

Seus pais foram Henriette-Anne-Sophie d'Astoin (1826-1905) e o visconde Émile-Léon Abbéma (1826-1915), administrador da companhia de ferrovias de Paris-Orléans e chefe da estação de Étampes. Sua família e ela mantiveram vínculos com a comunidade artística da região onde moravam, inclusive estudando arte com diversos pintores mestres.

Como escritora, contribuiu para a *Gazette des Beaux-Arts and L'Art*. Manteve um relacionamento com Sarah Bernhardt, inclusive pintando uma obra em homenagem a ela.

Aos 20 anos começou a pintar e foi para Paris estudar junto a Charles Chaplin e, no ano seguinte, com Carolus Duran. Também estudou com Jean-Jacques Henner. Para a época, uma mulher aceita entre os artistas e pintores era pouco comum.

Suas primeiras obras foram retratos de atores e atrizes da Comédie Française. Seu estilo foi influenciado pelas escolas de arte em que estudou e de aspectos impressionistas e acadêmicos. Os quadros retratavam membros da alta sociedade. Sua técnica se baseava em tinta a óleo, aquarela e pastel. Por mais que não seja tão lembrada, também pintou flores.

Abbéma estreou-se no Salon de 1874 com a obra em homenagem à Sarah Bernhardt e não tardou a chamar a atenção pela franqueza e maleabilidade do seu talento, inclusive se tornando a pintora oficial dos retratos de Sarah. Produziu outros retratos, entre os quais se deve notar o de



Foto: Divulgação / Domínio público

Louise Abbéma, em 1914.

Paulo Mantz, Carolus-Duran, Charles Garnier, Fernand de Lesseps, pinturas decorativas, flores, frescas aguarelas, medalhões e águas fortes. Em 1878, o medalhão com o rosto de Bernhardt foi exibido no Salon.

A reputação da artista se aprimorou depois das apresentações no Salon, inclusive recebendo em 1881 uma menção honrosa e se apresentou por lá até 1926. No ano de 1893 suas obras foram exibidas no Women's Building.

Uma vez em que o acesso à educação tornou-se maior no século XIX, as mulheres artistas começaram a fazer parte de iniciativas profissionais, incluindo a fundação de suas próprias associações de arte. As obras de artes feitas por mulheres eram consideradas inferiores, e como forma de ajudar na superação de tal estereótipo, as mulheres se tornaram cada vez mais confiantes para divulgar o trabalho feminino. Isso se tornou parte da crescente imagem de educada, moderna e livre Nova Mulher, ideário feminista do final do século XIX. As artistas então, “interpretaram papéis cruciais de representação da Nova Mulher, tanto ao desenhar imagens dos ícones quanto incorporando esse novo ideal em suas novas vidas”. Abbéma pintou diversos retratos de mulheres vestidas de modo andrógino participando de atividades intelectuais tradicionalmente ligadas ao homem da época. (Fonte: <https://pt.wikipedia.org>)



A Game of Croquet (1872).

Foto: Divulgação / Domínio público



Portrait de Mlle Samary
(1879).

Foto: Divulgação / Domínio público

Foto: Divulgação / Domínio público



Foto: Divulgação / Domínio público

Le Déjeuner dans la serre (1877).

Panneau décoratif: allégorie du Printemps (1902).

Foto: Divulgação / Domínio público



Elegant Woman on a Winter's Walk.

Foto: Divulgação / Domínio público



Dans les fleurs (1892).



A faithful companion.

Foto: Divulgação / Domínio público



Foto: Divulgação / Domínio público

Far away thoughts.

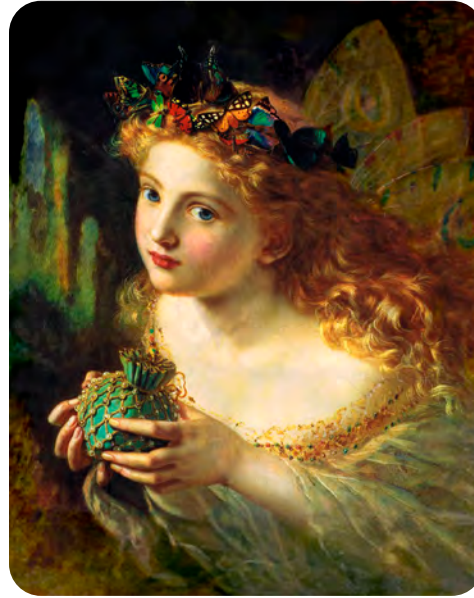


Foto: Divulgação / Domínio público

Take the fair face of Woman.



Foto: Divulgação / Domínio público

Her favorite pets.



Foto: Divulgação / Domínio público

No walk today.

Sophie Gengembre Anderson

Sophie Gengembre Anderson (Paris, 1823 / Falmouth, 10/03/1903) foi uma artista britânica nascida na França que se especializou na pintura de crianças e mulheres, tipicamente em cenários rurais.

Sophie nasceu em Paris, era filha de Charles Antoine Colomb Gengembre, um arquiteto e artista francês, e sua esposa britânica, cujo nome de solteira era Marianne Hubert.

Sua família vivia em Paris durante os primeiros anos de vida de Sophie, onde seu pai estava familiarizado com artistas, intelectuais e actores, como François-Joseph Talma. As circunstâncias mudaram e a família deixou Paris e começou a viver em uma “área remota na França” entre 1829 até 1843. Aos dezessete anos, ela desenvolveu o interesse pela arte quando um pintor de retratos que estava de viagem, visitou sua cidade.

Ela tinha dois irmãos, Philip e Henry P. Gengembre. Seu irmão Philip mudou seu nome para Philip Hubert, usando o sobrenome de batismo de sua mãe e foi um arquiteto bem-sucedido na cidade de Nova Iorque. Ela foi autodidata na arte, mas estudou retrato pictórico com Charles de Steuben em 1843, quando morava com amigos da família em Paris. Logo depois dela começar seus estudos, ele tinha se mudado para a Rússia. Ela desenvolveu relacionamentos com outras artistas na escola onde lá ela ganhou um pouco mais de instrução.

A família deixou a França e foram para os Estados Unidos, para escapar da Revolução Francesa de 1848, onde se instalaram em Cincinnati em Ohio, onde conheceu seu futuro marido, o artista britânico Walter Anderson. Seu irmão Henry P. Gengembre (nascido em 1825) era também um artista, que trabalhava em Cincinnati no início dos anos 1850.



Sherazade

Foto: Divulgação / Domínio público

Suas obras foram exibidas em outubro de 1849 na Galeria Western Art Union. Quatro ou mais das suas ilustrações foram incluídas nas Coleções Históricas do Grande Oeste de Henry Howe. Ela trabalhou com Walter Anderson, em retratos de bispos episcopais protestante e criou outros retratos em seu negócio.

Ela passou a viver em Manchester (Pensilvânia), com seus parentes, e lá ela se casou com Walter Anderson. Ela também trabalhou para os artistas de cromolitografia Louis Prang & Company.

Em 1854 os Andersons mudaram para Londres, onde Sophie exibiu uma natureza-morta de frutas, legumes, caça e peixe intitulada *Uma Cesta do Mercado Americano* na Sociedade Real de Artistas Britânicos em 1855. Foi considerada uma “composição admirável” feita “verdadeiramente surpreendente”. Suas obras também foram expostas na Academia Real Inglesa. Eles voltaram para a Pensilvânia em 1858 com a família, onde ela também exibiu na Associação de Artistas de Pittsburgh entre 1859 e 1860. Foi o último ano em que ela e seu marido tinham suas obras mostradas na Academia Nacional de Desenho. Ela, então, se estabeleceu em Londres novamente por volta de 1863.

As obras de Sophie foram amplamente expostas em vários locais, incluindo a Academia Real Inglesa, a Sociedade Real de Artistas Britânicos (RBA) e a Instituição Britânica.



Foto: Divulgação / Domínio público

It's touch and go to laugh or no



Foto: Divulgação / Domínio público

Time heres the gobbler



Elaine (The Lily Maid of Astolat).



Birdsong.

Para cuidar do seu problema de saúde ela se mudou para a Ilha de Capri em 1871, onde pintou e entreteve a sociedade em uma casa chamada Villa Castello. A Ilha de Capri foi uma colônia de artistas na época, seus moradores foram Frederic Leighton, Walter McLaren, John Singer Sargent, Edouard Alexandre Sain, e Jean Benner. Suas obras foram exibidas na Galeria Grosvenor entre 1878 e 1887. Sophie fez o gênero italiano e as pinturas neoclássicas, incluindo pinturas de camponesas e crianças. Na época era difícil para as mulheres terem uma carreira artística de sucesso e estas pinturas eram geralmente feitas por homens, mas permitiram que ela tivesse uma carreira de sucesso.

Anos depois se mudaram para a Inglaterra em 1894, onde pintaram e passaram a viver em Wood Lane Cottage em Falmouth na Cornwall. Ela continuou a apresentar suas obras em Londres. Ela morreu em 10 de março de 1903 em sua casa em Falmouth. Seu marido Walter morreu em 11 de janeiro de 1903. Ela foi enterrada no cemitério Swanvale em Falmouth no mesmo túmulo que o seu marido.

Sua obra *No Walk Today* foi vendida por mais de um milhão de euros na Sotheby's, Londres, em novembro de 2008. Isso a fez ser a primeira artista feminina a ganhar milhões de libras em "Cornwall." (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Sophie_Gengembre_Anderson)



Foto: Divulgação

Frida Kahlo



Foto: Divulgação

Princesa Isabel

“Pode-se inventar verbos? Quero inventar um:
Eu te céu, assim minhas asas se tornam enormes
para te amar sem medidas.”

[FRIDA KAHLO]



Foto: Divulgação

Mata Hari



Foto: Divulgação

Sarah Bernhardt

Biografias



ALBERTO GABRIEL BIANCHI

Escritor e poeta, Advogado com curso de Direito *A responsabilidade dos construtores do Direito Público e Privado e O Estado de Direito e a proteção dos Direitos na França*, na Universidade de Paris 1 – Panthéon Sorbonne, Paris, França. Presidente da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura - ARLEC - Cadeira 44. Participação em 38 livros, sendo 12 como autor, 26 como coautor em várias coletâneas com poesia e prosa. Verbetes da *Enciclopédia da Literatura Brasileira Contemporânea* e em outros lançamentos.



ANTÔNIO LUIZ AMADESI GOMES

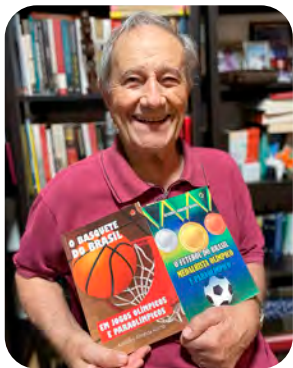
Natural de São Paulo/SP (3/12/1936) casado, tem três filhas e dois netos. Em 1976 fixou residência em Jundiaí, onde recebeu título de Cidadania em 1982. Pós-graduado na Unicamp, com Especialização na área de Educação. Professor Universitário. Exerceu funções técnicas na Divisão de Planejamento do DESN. Em Jundiaí, dirigiu o antigo Ginásio Industrial, atual EE Dr. Antenor Soares Gandra, e o antigo Instituto de Educação Experimental, atual EE Bispo Dom Gabriel Couto. Atuou em Conselhos do Município, recebeu, da Organização JJ-Difusora, o Troféu Coringa em Educação (1982). Escreve crônicas, geralmente publicadas em jornais da cidade.



ARIADNE RODRIGUES DE MORAES

Graduada em Letras, nasceu em Mirassol/SP, residindo atualmente em Piracicaba. Já participou em várias antologias. Recentemente lançou seu primeiro livro autoral *Vitória* publicado pela editora In House.

Biografias



ARISTIDES ALMEIDA ROCHA

Biólogo e professor emérito aposentado da Faculdade de Saúde Pública da USP. Autor dos livros: *O futebol do Brasil Medalhista Olímpico e Paraolímpico* (2017); *Sempre Fomos Sempre Seremos* (2018); *O basquete do Brasil em Jogos Olímpicos e Paraolímpicos* (2018); *O São Paulo Futebol Clube no Atletismo* (2018); *Taças e suas histórias* (2019); *Devoção a Maria* (coautoria com **Ivane de Soeiro Rocha**, 2019); *A simbologia animal no futebol* (2020); *Religiosidade nos clubes de futebol* (2020); *Reflexões sobre o esporte* (2020); *Memórias de um biólogo* (2020); *Memórias de um torcedor* (2021); *Jogadores e Jogadoras do SPFC* (2021); *Passeando pela memória* (2022); todos foram editados pela In House, entre outros.



BETO BIANCHI CAMPOS

Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Osasco – UNIFIEO. Bancário aposentado após 40 anos na área de processamento de dados do Bradesco como analista de produção. Nasceu em 29/08/1959, em São Paulo, capital. Entusiasta de leituras e fã de Machado de Assis. Eterno aprendiz de poeta que tem produção sabática. É PCD - Deficiente auditivo desde os seis anos devido ao sarampo. Autor da coletânea *Vivências, poetizando pedaços da vida*, publicado pela editora InHouse em 2020.



CACILDA FRANCO RIBEIRO

Escritora com vários livros publicados: *Nos braços do feitiço do Tempo*, *Amberine para sempre*, *Os peixinhos de olhos de cristal*, *A Lagartixa Sabiduxa* e *o Sapo Fiapo e Felicidade, a Gata*; entre dezenas de antologias pela In House. Conquistou mais de 180 medalhas em tudo que concorreu; mais de 51 certificados e diplomas em poesia, dança, vôlei, miss etc. Nasceu em Agudos, atualmente reside em Vinhedo. Esposa, mãe avó e bisavó.

“A dança é a poesia do corpo que se movimenta.

E a poesia é a dança das palavras na mente do poeta”.

Biografias



CARMEN SÍLVIA PEREIRA

É natural de Ituverava/SP. Professora especializada na pré-escola, atriz e diretora de produções teatrais. Participou de diversos cursos e oficinas de dramaturgia para televisão e teatro. Publicou os livros com peças de teatro *Texto em contexto - Volumes I, II, III e IV*, os romances *Selena* e *Violino Cigano* e o infantojuvenil *Dorinha*, todos pela Editora In House.



CATARINA SHALLOW

Catarina Shallow é uma escritora que muito em breve estará com o lançamento de seus livros. Histórias carregadas de emoções; autobiografia que abrange sua experiência com a ansiedade e a síndrome do pânico; grandes viagens pelo interior humano.



CLAUDEVALDA SOUZA-CLAUDIA

Assistente Social, especialista em Gestão do Sistema Único de Assistência Social-SUAS, pedagoga, nordestina, parda, mãe, avó que carregava em seus sonhos o desejo de se expressar através da escrita. Ficou muitos anos sem escrever, a partir de uma circunstância, a vida apresentou a poesia como uma fonte de superação, amante das letras ela agarrou-se a essa oportunidade e ousou reviver seus sonhos de infância. E nesse ano 2021, iniciou esse feito com participações em algumas coletâneas: *De Eva a Frida As Dores e Amores de Ser Mulher* (Editora In House); *Pandemim – a pandemia em mim* (Editora In House) entre outras. Em 2022, lançou o seu primeiro livro solo de poesias, *Do outro lado da janela*.

Biografias



DALTON LUIZ SIBINEL

Poeta e escritor. Natural de Jundiaí/SP, Brasil. Filósofo imortal da Academia de Letras do Brasil, Academia de Letras do Portal dos Poetas Brasileiros e Academia Jundiaense de Letras. Administrador público, advogado, sindicalista, diretor de associações civis, participou de várias antologias publicadas pela Editora In House. Quatro livros publicados: *Uma pérola esquecida* (2010); *Uma estrada, um destino... os caminhos de uma vida* (2011); *Descompasso da Administração Pública* (2015); *As nuances de uma curiosidade* (2017) e *O ápice dos pensamentos* (2020).



ELIANE DIANA NUNES

Natural de Jundiaí. É Conselheira de Cultura da Cadeira Consumidores de Cultura, integrante da Câmara Setorial de Literatura, agremiada do Grêmio Cultural Prof. Pedro Fávaro, representante da Sociedade Civil da Fundação Casa da Cultura & Esporte de Jundiaí, Escritora, Ativista Cultural e Produtora de Conteúdo Digital. Participou de várias coletâneas da Editora In House, como *Palavras Sem Fronteiras*, *Memórias do Confinamento* e *Solstício da Alma*. Foi selecionada no *Mulheres Maravilhosas - Baú da Vovó*, do Grupo Sororidade. Membro Oficial do Fundo Municipal de Cultura da cidade.



ELZA FRANCISCA DE CARVALHO

Natural de Guarantã/SP. Cidadã Jundiaense – título concedido pela Câmara Municipal de Jundiaí, e recebido na memorável sessão solene realizada em 29/11/1985, por indicação, muito especial, do então vereador Felizberto Negri Neto. Da mesma Câmara Municipal, recebi outros dois títulos que muito me orgulham: Cidadã *Clara Zetkin* e *Diploma do Mérito Jornalístico*, ambos por indicação do então vereador Zé Dias. Jornalista e advogada, estando a exercer ambas as atividades. É colunista do *Jornal da Cidade* onde assina a coluna diária *Encontro Marcado*. Tem prazer em viver, escrever, viajar, estar com pessoas, com gente, fazer o bem.

Biografias



EVANDRO FERNANDES DA SILVA

É bacharel em Direito e cartorário. Participou como letrista do Grupo Olho Nu, na década de 80. Escreveu as peças: *Morada de um homem só*, *A ponte dos homens ratos* e, em parceria como o artista plástico e dramaturgo Valmir Bonfá, a peça intitulada *Aleijadinho*. É autor dos livros: *O penetra* (romance policial), *Vida e Morte de Olympia* (contos), *O levante dos oprimidos* (romance, 2008), *Na esquina de batom* (romance, 2015) e *Tonico Perê* (romance, 2018). E dos infantojuvenis: *A menina que tinha medo da meia-noite*, *A fuga da bailarina* (2016), *Letícia, a lagartixa* (2017) e *Marcelinha, a aranhinha* (2018) – todos pela Editora In House; além de participar de várias antologias da mesma editora.



FABIANA MAGOGA

Rosângela Fabiana Silva Magoga é natural de Jundiaí/SP. Funcionária Pública do Município, desde o ano 2000. Psicopedagoga, Alfabetizadora, Professora de Educação Básica e Tradutora-Intérprete de Libras. Atuante na pastoral do Surdo da Diocese de Jundiaí, Intérprete atuante na UG de Cultura da cidade e na Fundação Escola TVTEC Jundiaí. Criadora de conteúdos em Libras para fomentar a inclusão e acessibilidade por meio da Língua de Sinais. Participou da edição *Pão e Poesia* na sua juventude e vários Festivais de Crônicas e Poesias promovidos pela Cultura. Escritora do livro religioso *O Segundo Presente*, uma publicação autônoma com testemunhos da sua vida enquanto mãe e esposa.



FÁBIO SPINA

Escritor jundiaense com três livros publicados e mais de vinte trabalhos, entre contos, crônicas e poesias publicados em coletâneas. É casado com Stela e pai de Raul, formado em Direito e Contabilidade, trabalha como Gerente financeiro e atualmente também se encontra como presidente do Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro.

Biografias



FÁTHIMA COELHO

Maria de Fátima Coelho é escritora e professora pós-graduada. Nasceu em Fortaleza, cursou Faculdade pela Universidade Estadual de Sobral. Começou escrever suas obras aos nove anos de idade. Em 2001 a escritora ganhou medalha de melhor contista em concurso Literário. É coautora de inúmeras antologias lançadas no Brasil e Exterior. Tem 11 livros publicados.



FLAVIA CUNHA

Professora aposentada, pedagoga e escritora. Nasceu em Espírito Santo do Pinhal/SP. Gosta de escrever poesias, geralmente voltadas às maravilhas da natureza e à observação dos problemas e sentimentos humanos. Faz parte da Academia Barretense de Cultura e do grupo RELIARTES, também barretense. Em Jundiaí, pertence ao Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro, à Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí e à Academia Jundiaense de Letras. Publicou seis livros de poesias, participando também de inúmeras coletâneas da Editora In House.



GRUPO PALAVRAS SEM FRONTEIRAS

Criado para reunir amigos escritores em um grupo no qual a amizade e o respeito regem com maestria e sensibilidade. Escritores de várias partes do Brasil e da Europa unidos em prol da arte, promovendo lives e debates sobre literatura em geral. Conheça nosso grupo! @palavras.sem.fronteiras

Na poesia coletiva participam:

1. Márcio Martelli
2. Gabriela Bonavita
3. Melissa M. de Souza
4. Ivonete Piccinato de Freitas
5. Márcia Oliveira
6. Bel Lopes
7. Luiz Alberto Carlos
8. Vânia Negoro
9. Fabio Spina
10. Dalton Luiz Sibinel
11. Eliane Diana Nunes
12. José Felício.

Biografias



HERMINIA BALBUENA

Professora por profissão, missão, amor e compaixão desde os 20 anos. Nasceu na cidade de Jundiá, São Paulo, ao primeiro dia do mês de agosto de 1969. Participou de concursos, exposições e de antologias; recebendo prêmios, homenagens e menção honrosa. Está presente em várias antologias da Editora In House.



IVONETE PICCINATO DE FREITAS

Graduada em Direito pela USP. Atuou por mais de trinta anos na área cível. Participou das antologias: *Dezembros* (2017), *Escritores Brasileiros*, Vol. II, (2018), *Encontro Além-Mar* (2019), *Memórias do Confinamento*, *Navegar é Preciso* e *Solstício da Alma* (2020) – todas da Editora In House. Participação no livro *Gotas de Alegria*, de Nilton Gutierrez (2017). Lançou, em 2021, seu primeiro livro: *Casa de Vidro*, pela Editora In House. São Paulo, Capital.



JEFFERSON DIECKMANN é escritor, poeta, advogado formado pela Faculdade de Direito de Curitiba - UNICURITIBA e técnico em Eletrônica, especializado em telecomunicações, formado pela Escola Técnica Federal de Pelotas. Gaúcho de São Lourenço do Sul, nasceu em 31/01/1958, às margens da imensa e bela Lagoa dos Patos, mas é nas ruas de Curitiba, capital do Paraná, que na observação do cotidiano escreve sua obra literária. Possui cinco livros próprios e tem participação em mais de oitenta antologias poéticas em vários estados do Brasil. É presidente da AIL – Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana, membro efetivo do Centro de Escritores Lourencianos, ambas sediadas em sua cidade natal, São Lourenço do Sul/RS. Foi o patrono da Feira do Livro de São Lourenço do Sul/RS em novembro de 2019. Membro de diversas entidades literárias.

Biografias



JOÃO CARLOS JOSÉ MARTINELLI é advogado, jornalista profissional, escritor e professor da Faculdade de Direito do Centro Universitário Padre de Anchieta de Jundiá há 35 anos. É Mestre em Ciências Sociais e Jurídicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, na qual também se formou em Direito e cursou Jornalismo. É autor de vários livros e escreve para alguns jornais e inúmeros blogs, entre os quais o luso-brasileiro PAZ, editado na cidade do Porto, em Portugal. Foi presidente duas vezes da Academia Jundiense de Letras e uma da Academia Jundiense de Letras Jurídicas, do qual é sócio fundador. Recebeu inúmeros prêmios por sua atuação, inclusive o de destaque nacional em Direitos Humanos, Prêmio Quality Golden outorgado pela Sociedade Brasileira de Educação e Integração.



JORGE TRIGO - Licenciado em História e Mestre em História Regional e Local pelas Universidades Portuguesas. Tem organizado e participado em inúmeras iniciativas e tem vários trabalhos publicados em Portugal e no Brasil. É membro do Conselho Geral da Fundação **Amália Rodrigues**. Publicou, em 2013, o livro *Ercília Costa – Sereia Peregrina do Fado*, Ed. Fonte da Palavra, Lisboa, tendo sido distinguido com o Prémio Amália (Edição Literária) 2014, atribuído pela Fundação Amália Rodrigues. Possui a Medalha de Mérito Municipal, Grau Ouro, Secção Cultura, da Câmara Municipal de Sintra, Portugal, o Diploma de Reconhecimento da Editora In House, Brasil, 2017, entre outros. É Embaixador Cultural da Editora In House em Portugal.



JOSÉ FELÍCIO - Poeta, historiador, escritor, pesquisador, ilustrador e atua como Professor Coordenador na Região de Jundiá. Pai, comunista e corinthiano. É autor de *Uma Poética Política* e *Uma Poética Política II: O engodo da alegria e outros protestos*. Mestrando em Ensino e História de Ciências da Terra – IG/Unicamp. Ao lado de Márcio Martelli, conduz o *Projeto Diálogos Poéticos*, coedita a *Revista Literária JLetras* e organiza antologias e publicações nos caminhos literário e acadêmico. Integra o Coletivo de Escritores da APEOESP, o grupo de escritores *Palavras sem Fronteiras*. Membro efetivo da Academia Jundiense de Letras, cadeira nº 2. É o organizador e orientador do Projeto *Livro Agora é a nossa voz: o que temos para dizer* – vol. I e II.

Biografias



JÚLIA FERNANDES HEIMANN

Pedagoga com Licenciatura Plena e professora de criatividade literária. Nasceu na cidade do Rio de Janeiro e reside há 44 anos em Jundiaí/SP. É contista, poetisa, trovadora e articulista. Tem dez livros publicados. É membro, desde a fundação, da Academia Jundiaense de Letras e da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí (desde 1983). Fundadora do Grêmio Cultural Prof. Pedro Fávoro. Recebeu a Comanda da Ordem do Mérito *Joaquim Candelário de Freitas* em 2006. Recebeu o título de Cidadã Jundiaense no ano de 2008. Premiada em diversos concursos culturais. Professora no CRIJU desde 2008, tendo organizado três coletâneas com os textos dos seus alunos.



KAITY BERLINI, tem 44 anos, nasceu na cidade de Vinhedo, interior de São Paulo. É advogada por profissão, consultora, assessora, palestrante e formadora na área da Infância e Juventude. É mestre em Reiki pela Associação Brasileira de Reiki – ABR, praticante de Homeostase Quântica da Informação-HQI, terapeuta em auriculoterapia, *barras de access*, biomagnetismo e bioenergia magnética e Autora do livro *Um é pouco, dois é bom, três é ótimo, quatro é maravilhoso: uma história sobre Amores Eternos*, Editora Autografia, 2021. Tem uma visão holística da vida, acredita que: “nada é, tudo está”. Sua maior paixão são suas gatas. Adora desenhar, fazer origamis (técnica japonesa de dobradura de papel), sua flor preferida é o dente-de-leão.



KELLY CRISTINA GALBIERI

Natural de Jundiaí/SP. Assessora de Políticas para Diversidade Sexual na Prefeitura Municipal de Jundiaí. Formada em Administração de Empresas pela PUC-CAMP e Direito pela UniAnchieta. Pós-graduada em Direito Público pela UNISAL e em Direito Homoafetivo e de Gênero pela Universidade Santa Cecília. Articulista do portal *JundiAqui*. Coorganizadora e integrante da obra *Love is Love* (2021, Editora In House).

Biografias



LORENI FERNANDES GUTIERREZ

É licenciada em Letras pela UNESP de São José do Rio Preto, Agente Fiscal de Rendas aposentada pela Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo e autora de quatro livros: *Amor e Sonhos*, poemas; *Muito mais que retratos da Vida*, ficção; *Amália, Amarílis e as borboletas*, ficção e *Charlotte Maria, filha de lobos*, ficção. É acadêmica da ARLEC - Academia Rio-pretense de Letras e Cultura de São José do Rio Preto. É integrante da REBRA - Rede Brasileira de Escritoras, da UBE - União Brasileira de Escritores e Chanceler na Academia Brasileira de Escritores - ABRESC.



LUIZ ALBERTO CARLOS

Brasileiro, nasceu e mora em Jundiaí/SP, escritor e poeta. Escreve desde os tempos do ginásio. Técnico em Administração e também formado em Gastronomia pela Escola Internacional de Gastronomia Casa do Chefe. Participa, em seu país, de concursos, antologias, movimentos literários. Publicou em 2015, o livro de prosa poética *Senhas e Sonhos* pela Editora In House e, em coautoria, *C'cretolirismo* pela Ed. Scortecchi. Colabora em jornais locais com artigos. É verbete da *Enciclopédia da Literatura Brasileira*, além de receber inúmeras medalhas e menções honrosas de diversas instituições culturais e literárias do Brasil. Presente em diversas antologias da In House, bem como na *Revista JLetras*.



LUIZ HAROLDO GOMES DE SOUTELLO

Natural de São Paulo. Advogado formado no Largo de São Francisco. Aposentou-se como procurador de carreira do Banco Central e professor de Direito na PUC-SP. Membro efetivo da Academia Jundiaieense de Letras. Autor de diversos livros pelas editoras Literarte e In House.

Biografias



MARA BEATRIZ MENEGOTTO DE VASCONCELOS

Nasceu em Caxias do Sul na Serra Gaúcha em 24/05/1950. Advogada formada pela Faculdade de Direito Mackenzie. Reside em São Paulo, capital. Tem várias paixões: Família, marido, os 4 filhos e os 11 netos. Amigos. Jogar Xadrez. Música boa. Eclética. Artes em geral. Pintar telas – abstrato e impressionismo. Cozinhar. Ler etc... Sua casa. Enfim, tem paixão em viver. Lema: Amanhã será outro dia!



MÁRCIO MARTELLI

Escritor nascido em Jundiá em 1968. Membro efetivo da AJL - Academia Jundiense de Letras. Mestrando pela UNICAMP em Ensino e História de Ciências da Terra, no Instituto de Geociências. Editor de livros com mais de 900 títulos produzidos. Participou de diversas Bienais Internacionais do Livro no Brasil e de feiras do livro em Portugal. Publicou mais de 45 livros autorais. Foi o curador da I FLIVI – Festa Literária de Vinhedo. Em 2021, lançou três livros: *Hermes* (prosa), *Afrodite* (poesia) e *Estuário da Alma* (em coautoria com Jorge Trigo).



MARIA BEATRIZ COSTA MECKING (Beatriz Mecking), natural de Pelotas/RS, cursou Letras na UCPel. Mestre em Teoria Literária pela PUC-RS, lecionou em várias escolas, vindo a aposentar-se como professora do departamento de Letras da UFPel. Em 1997, lançou, pela Ed. Livraria Mundial, o seu primeiro livro de contos *Tempo de Renascer*, seguido, em 2001, por *Histórias do Cotidiano*. A novela *Os passos de Júlia* foi publicada pela editora Alternativa em 2008, assim como *Curtas Histórias* (minicontos), de 2014. Tem participado de várias coletâneas. É membro efetivo das Academias Sul-Brasileira de Letras - ASBL e Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana - AIL. Como acadêmica correspondente, participa da Academia Internacional de Letras, Artes e Ciências ALPAS 21.

Biografias



MARÍLIA BERNUSSI

Nasci em Presidente Prudente/SP, no dia 8/10/1961, cheguei a Jundiáí com 4 anos, portanto posso me considerar uma Cidadã Jundiáicense. Não deixei mais a “Terra da uva”. Na infância era fascinada pela grande Dama da Poesia, Cecília Meireles e com o passar do tempo, tantos outros nomes do meio literário: Mário Quintana, Fernando Pessoa, crônicas de Luís Fernando Veríssimo, li vários poemas de Pablo Neruda, Gabriel Garcia Márquez. Em 2016 fui classificada na Olimpíada de Redação de Jundiáí, e no ano de 2017, conquistei o primeiro lugar na categoria adulto. Participei também de algumas coletâneas do *Beco dos Poetas*, da cidade de São Paulo. Sou fascinada pela cultura e idioma italiano. Sou Fotógrafa Artista, amo fotografar!



MELISSA MAIA DE SOUZA

Nasci em Jundiáí/São Paulo. Estudei Letras (Português e Inglês) na Faculdade de Ciências e Letras Padre Anchieta. Sempre gostei de escrever e desde a adolescência escrevo poesias e textos. Durante a Faculdade apaixonei-me pela Literatura Inglesa, sendo Edgar Allan Poe meu escritor preferido. Acredito que a literatura e as artes são como alimentos para nossas almas, pois uma poesia, uma música ou um quadro podem traduzir sentimentos profundos que guardamos dentro de nós...



NATHANA NÖRNBERG BUBOLZ

Natural de São Lourenço do Sul, empresária, artista plástica e poetisa. Assume a cadeira nº 23 na Academia Internacional de Artes e Letras Sul-Lourenciana - AIL. Artista plástica há mais de sete anos com mais de quarenta obras concluídas, em grafite e giz pastel.

Biografias



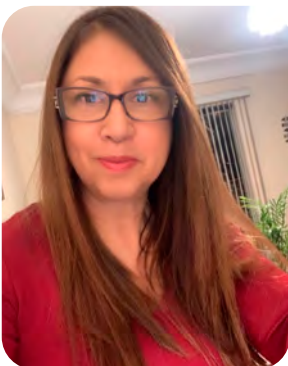
RONALDO ALBERTO MARTELLI

Ronaldo nasceu em Jundiáí, Terra da uva e da Serra do Japi. Casado e pai de três filhas: Carla Carolina, Brunna Isabela e Júlia Eduarda. Aventura-se nos poemas e poesias pelo belo da palavra escrita. Formado em Gerenciamento de Projetos e Governança de TI, onde atua. Já participou de outras antologias da In House. Atualmente prepara e organiza seus poemas para a publicação de seu livro solo para lançamento em breve.



ROSALIE GALLO Y SANCHES

Mestre em Língua Aplicada ao Ensino de Português pela (PUC-SP) e Doutora em Teoria Literária (UNESP). Com diversas premiações nacionais e internacionais. Membro da ARLEC – Academia Rio-pretense de Letras e Cultura. Publicações: *A memória invisível / La memoria invisible* (2001), *Eu vi onde termina o mar* (2003), *Luísas* (2010), *O paciente de Jorlene* (2018), *A coroa da menina* (2020), *Ramos e outras estranhezas* (2020).



ROSMEIRE PAIXÃO – Nasci em São Paulo, capital, moro em Jundiáí há 27 anos. Formada em Ed. Física e técnicas desportivas. Atuei como professora técnica de esportes no SESI Jundiáí por 9 anos desenvolvendo atividades de esportes e lazer com a terceira idade e a turma do TRIC TRIC, entre outras. Iniciei meus estudos em Ciência da Homeopatia pela Universidade Federal de Viçosa, em 2011 e Instituto Tecnológico Hahnemanneano, formando-me em Homeopata Terapeuta. Pós-graduada em Nutrição e Especialização em qualidade de vida e Pesquisadora em Longevidade Saudável. Professora Especialista e Palestrante em Saúde, Terapeuta Clínica Homeopata e Personal Trainer com atendimento a domicílio. *O estilo de vida é fator determinante no processo de Longevidade Saudável.*

Biografias



SIMONE ZANOTELLO DE OLIVEIRA

Advogada e consultora jurídica na área de contratações públicas. Doutora em Direito Administrativo pela PUC-SP. Gestora de Administração e Gestão de Pessoas na Prefeitura de Jundiaí/SP. Professora do Centro Universitário Padre Anchieta – Jundiaí/SP. Autora de diversas obras jurídicas e literárias. Integrante da Academia Europeia de Alta Gestão, do Instituto Brasileiro de Direito Administrativo Sancionador e do Grupo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Direito Administrativo Contemporâneo. Integrante da Academia Jundiaiense de Letras Jurídicas e da Academia Jundiaiense de Letras.



SUSANA BUENO DE SOUZA

Fonoaudióloga, Psicopedagoga e uma mulher que inúmeros dias, encontrou forças para sua rotina, nas palavras que D. Maria proferia. Participou de várias antologias da Editora In House. É editora de Cinema da *Revista JLetras*.



SUSANA FERRETTI é natural de Jundiaí/SP, Advogada, Especialista em Criatividade e Produção de Textos, em Didática do Ensino Superior (ambas pela UniAnchieta, Jundiaí) e em Direito do Estado (Direito Administrativo, Constitucional e Tributário – Universidade Gama Filho). Participa das antologias da In House desde 2005. Em 2021, foi laureada com menção no *XXXVI Premio Mondiale di Poesia Nosside*, de Regio Calábria, Itália (nosside.org). É autora de *À Luz da Lua* (2007) e *Horizontes* (2021) e, em coautoria com Márcio Martelli, de *Silêncio, Sons, Emoções, Palavras* (2008), por Editora In House, de Jundiaí/SP. É membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí – AFLAJ, da Academia Jundiaiense de Letras Jurídicas – AJLJ e da Academia Jundiaiense de Letras – AJL, da qual é a atual Presidente.

Biografias



VALDEREZ DE MELLO

Valderez Ana Maria de Mello Cornacchione é graduada em Pedagogia (1978), Direito (1995) e Especialização em Psicopedagogia (1993) pela UniAnchieta Jundiaí/SP. Especialização em tratamento de Autistas pela USP/SP (2002). Responsável pela Clínica de Reeducação Infantil Estímulo e Ação desde 1995. Membro efetivo da Academia Jundiaense de Letras, da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí e da Academia Jundiaense de Letras Jurídicas. Fundadora e membro efetivo da Academia Baririense de Letras e Artes. Articulista do *Jornal de Jundiaí* e *Jornal da Cidade de Bauru e Região*. Autora de livros de poesias, contos, crônicas e de histórias infantis.



VANESSA SARDISCO DE ANTONIO é Psicóloga Humanista (CRP 06/118543) em Jundiaí/SP e estudiosa da Abordagem Centrada na Pessoa desde 2014. Fez o curso de formação em Abordagem Centrada na Pessoa e sempre está se atualizando e disposta a ter novas experiências e aprendizagens. É especialista em Educação Inclusiva e fluente em Libras (Língua Brasileira de Sinais). É coautora do livro *Abordagem Centrada na Pessoa e algumas de suas possibilidades* e autora do livro *...E a borboleta voou*. Em 2017 participou do Seminário Internacional de Educação: Inovação e Inclusão em Portugal e Espanha, com muitas propostas inovadoras de Educação e Inclusão. Em 2022, lançou seu livro *Vivendo Inclusão na diversidade e nas relações humanas*.



VIVIANE APARECIDA DE LIMA – nascida e criada na cidade de Jundiaí/SP. Sou escritora, poetisa e entusiasta da literatura, da cultura e das artes. Participei da Oficina de Criação e Edição Literária ministrada pelo escritor André Kondo, nos anos de 2016 e 2018 e da Oficina de Produção de Livro ministrada pela editora Juliana Maringoni, em 2018. Estou em processo de criação do livro *Um anjo em minha vida*, obra em memória de meu irmão Robson e também lancei em março de 2021 o livro póstumo de poemas criados pelo meu filho Lucas (*Menohgrafia*). Participo de eventos literários como o *Slam do Zé* e o *Sarau da Coisa*. Também faço parte do Grêmio Cultural Professor Pedro Fávoro e da Câmara Setorial de Literatura.

Biografias



YOLE ANTIQUEIRA MENDES PEREIRA, professora, nascida e diplomada em Guaratinguetá/SP, reside em Jundiaí/SP desde 1956. Recebeu o título de *Cidadã Jundiaense*. Ingressou no Sesi – Serviço Social da Indústria e ali lecionou por 25 anos, recebendo a medalha de ouro por seus serviços prestados na Educação Escolar. Dedicou-se à Literatura e às Artes, participou de Concursos e Exposições de Pintura. Participou da fundação de duas Academias: Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiaí e Academia Jundiaense de Letras – membro-fundadora. É Autora dos livros: *Murmúrios*, *Meus Alunos*, *Minhas Escolas*, *Vivenciando Emoções*, *Nas Entrelinhas da Inspiração*, *O Sabor da Saudade*, *Fatos e Relatos*. Lançou o livro *Pinturas e Desenhos que Revelam*, com fotos de 50 obras de Arte de sua autoria.



Foto: Divulgação

Djamila Ribeiro



Foto: Divulgação

Maria Bethânia

“Se eu luto contra o machismo, mas ignoro o racismo, eu estou alimentando a mesma estrutura.”

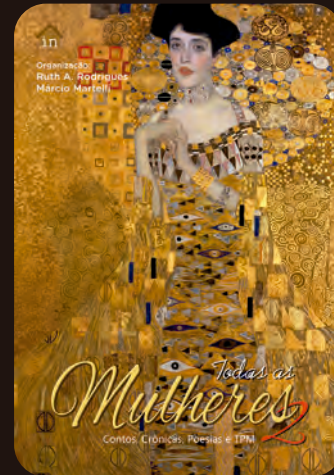
[DJAMILA RIBEIRO]



Foto: Divulgação

“O salto e a maquiagem são para mim a mesma coisa que o bisturi e o esparadrapo são para o médico. As pessoas fazem com a gente o que a gente deixa. Na escola dessa vida sobrevivam às pessoas, porque você não vai ser fossa do mundo. Ser fossa do mundo é deixar as pessoas fazerem de você o que você não é e não acredita.”

[MANY PEOPLE]





**Não é sobre o que você diz,
é sobre o que você faz.**

(Rita Lee)



**Brasil
&
Portugal**


editorainhouse
www.editorainhouse.com.br

ISBN: 978-85-7899-643-7

9 788578 996437